



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>



Esta é uma cópia digital de um livro que foi preservado por gerações em prateleiras de bibliotecas até ser cuidadosamente digitalizado pelo Google, como parte de um projeto que visa disponibilizar livros do mundo todo na Internet.

O livro sobreviveu tempo suficiente para que os direitos autorais expirassem e ele se tornasse então parte do domínio público. Um livro de domínio público é aquele que nunca esteve sujeito a direitos autorais ou cujos direitos autorais expiraram. A condição de domínio público de um livro pode variar de país para país. Os livros de domínio público são as nossas portas de acesso ao passado e representam uma grande riqueza histórica, cultural e de conhecimentos, normalmente difíceis de serem descobertos.

As marcas, observações e outras notas nas margens do volume original aparecerão neste arquivo um reflexo da longa jornada pela qual o livro passou: do editor à biblioteca, e finalmente até você.

Diretrizes de uso

O Google se orgulha de realizar parcerias com bibliotecas para digitalizar materiais de domínio público e torná-los amplamente acessíveis. Os livros de domínio público pertencem ao público, e nós meramente os preservamos. No entanto, esse trabalho é dispendioso; sendo assim, para continuar a oferecer este recurso, formulamos algumas etapas visando evitar o abuso por partes comerciais, incluindo o estabelecimento de restrições técnicas nas consultas automatizadas.

Pedimos que você:

- Faça somente uso não comercial dos arquivos.
A Pesquisa de Livros do Google foi projetada para o uso individual, e nós solicitamos que você use estes arquivos para fins pessoais e não comerciais.
- Evite consultas automatizadas.
Não envie consultas automatizadas de qualquer espécie ao sistema do Google. Se você estiver realizando pesquisas sobre tradução automática, reconhecimento óptico de caracteres ou outras áreas para as quais o acesso a uma grande quantidade de texto for útil, entre em contato conosco. Incentivamos o uso de materiais de domínio público para esses fins e talvez possamos ajudar.
- Mantenha a atribuição.
A "marca d'água" que você vê em cada um dos arquivos é essencial para informar as pessoas sobre este projeto e ajudá-las a encontrar outros materiais através da Pesquisa de Livros do Google. Não a remova.
- Mantenha os padrões legais.
Independentemente do que você usar, tenha em mente que é responsável por garantir que o que está fazendo esteja dentro da lei. Não presuma que, só porque acreditamos que um livro é de domínio público para os usuários dos Estados Unidos, a obra será de domínio público para usuários de outros países. A condição dos direitos autorais de um livro varia de país para país, e nós não podemos oferecer orientação sobre a permissão ou não de determinado uso de um livro em específico. Lembramos que o fato de o livro aparecer na Pesquisa de Livros do Google não significa que ele pode ser usado de qualquer maneira em qualquer lugar do mundo. As consequências pela violação de direitos autorais podem ser graves.

Sobre a Pesquisa de Livros do Google

A missão do Google é organizar as informações de todo o mundo e torná-las úteis e acessíveis. A Pesquisa de Livros do Google ajuda os leitores a descobrir livros do mundo todo ao mesmo tempo em que ajuda os autores e editores a alcançar novos públicos. Você pode pesquisar o texto integral deste livro na web, em <http://books.google.com/>





GOOVER INSTITUTION
on War, Revolution, and Peace

FOUNDED BY HERBERT HOOVER, 1919

1658

ESTABLISHED 1880

ESTABLISHED 1880

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

31

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

44

45

46

47

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75

76

77

78

79

80

81

82

83

84

85

86

87

88

89

90

91

92

93

94

95

96

97

98

99

100

101

102

103

104

105

106

107

108

109

110

111

112

113

114

115

116

117

118

119

120

121

122

123

124

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

149

150

J. PEREIRA DO NASCIMENTO

MEDICO DA ARMADA REAL.

O DISTRICTO DE MOSSAMEDES

EDIÇÃO ILLUSTRADA

PRIMEIRA PARTE

Colonisação Europêa

LISBOA

TYPOGRAPHIA DO JORNAL



92— Rua do Diario de Noticias—94

1892

1

O DISTRICTO
DE
MOSSAMEDES

POR
J. PEREIRA DO NASCIMENTO
MEDICO DA ARMADA REAL

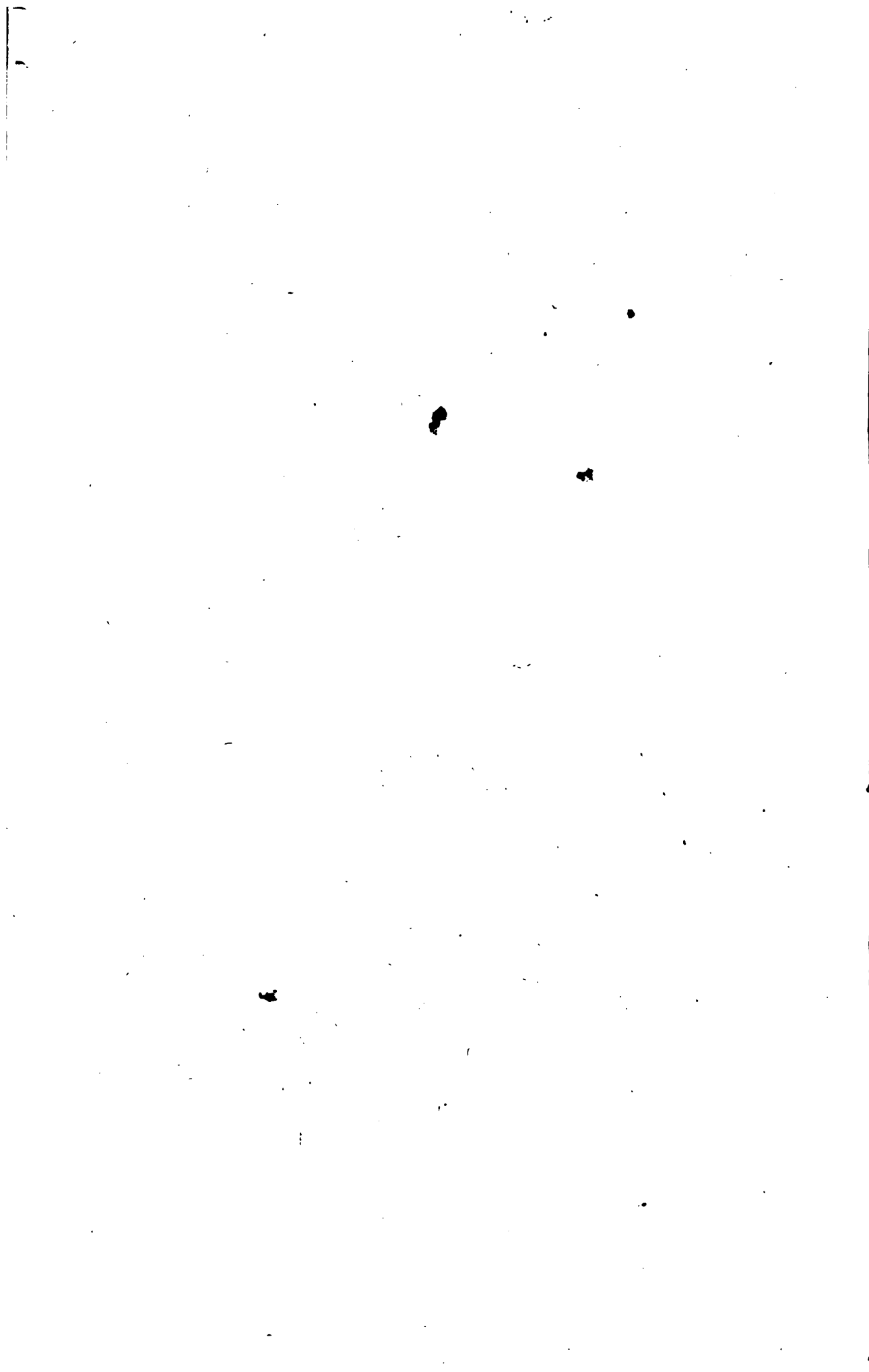


LISBOA
TYPOGRAPHIA DO JORNAL

Thomaz Forqueres

92 — RUA DO DIARIO DE NOTICIAS — 94

1892



O DISTRICTO
DE
MOSSAMEDES

POR

J. PEREIRA DO NASCIMENTO

MEDICO DA ARMADA REAL



LISBOA
TYPOGRAPHIA DO JORNAL



92—RUA DO DIARIO DE NOTICIAS—94

1892

DT617
M6782





F. NETTO

A SUA EXCELLENCIA

O cónselheiro d'Estado

Henrique de Barros Gomes

DEDICA ESTE MODESTO TRABALHO

J. Pereira da Mascimento

A SUA EXCELLENCIA

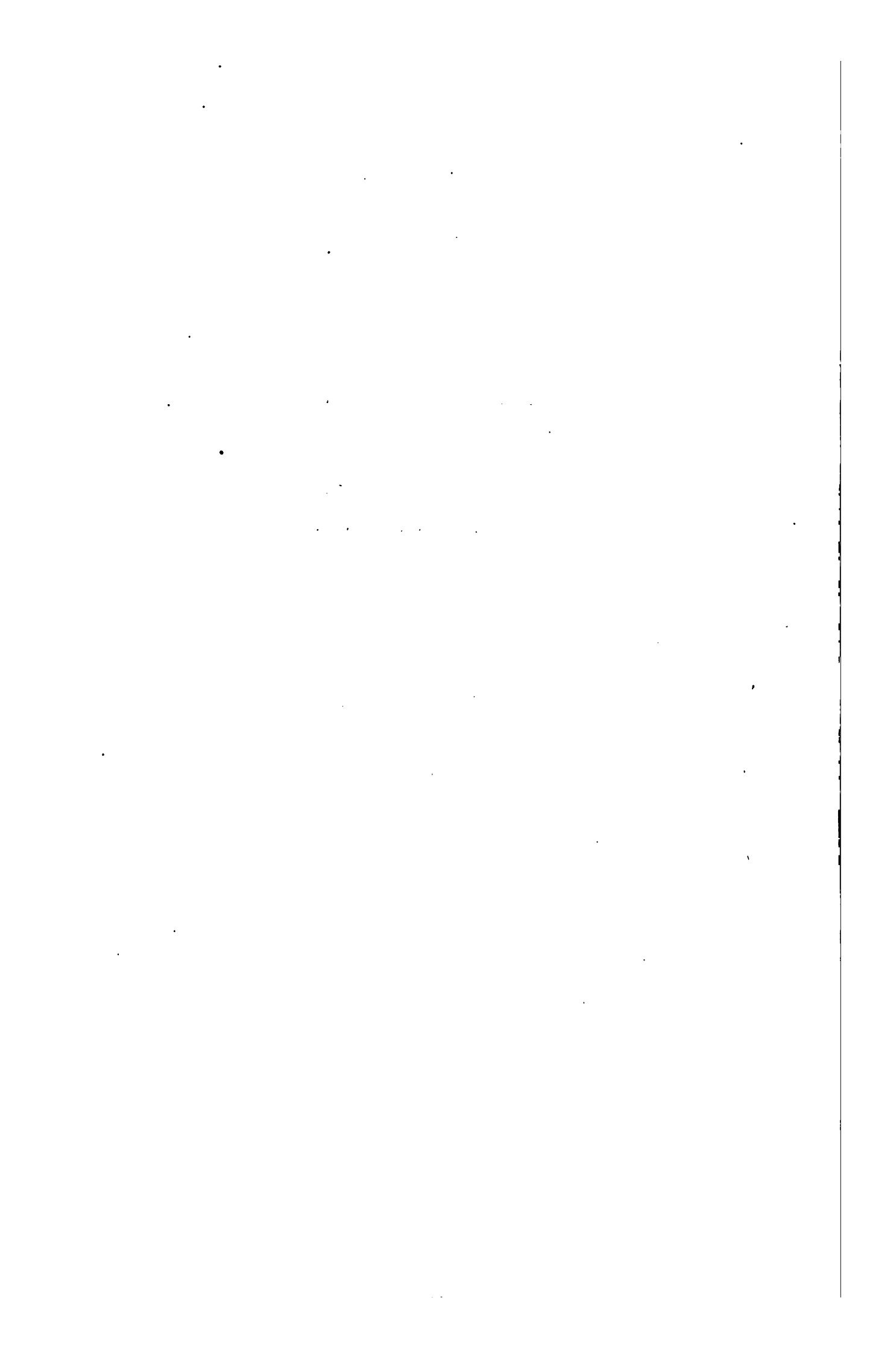
O CONSELHEIRO

GUILHERME AUGUSTO DE BRITO CAPELLO

GOVERNADOR GERAL DA PROVINCIA DE ANGOLA

OFFERECE

O AUCTOR



A SUA EXCELLENCIA REVERENDISSIMA

D. ANTONIO THOMAZ DA SILVA LEITÃO E CASTRO

BISPO DE ECHINO

OFFERECE

O AUCTOR

.

INDICE DAS GRAVURAS

	Pag.
1. ^a — Vista panoramica de Mossamedes.....	22
2. ^a — Uma casa em Mossamedes — um carro <i>boer</i>	24
3. ^a — Fortaleza de S. Fernando.....	26
4. ^a — Grupo de creanças de Mossamedes.....	30
5. ^a — A Tampa — propriedade agricola do snr. Costa Jubim.....	32
6. ^a — Propriedade agricola do snr. Luiz Rodrigues, no Moninho.....	36
7. ^a — <i>Boers</i>	56
8. ^a — Colonia Sá da Bandeira em 1891.....	62
9. ^a — Primeiros trabalhos e construcções na colonia Sá da Bandeira.....	66
10. ^a — Grupo de creanças da colonia Sá da Bandeira.....	70
11. ^a — Povoação da Huilla.....	78
12. ^a — Propriedade agricola no valle do Lupóto.....	80
13. ^a — Uma propriedade agricola na Huilla.....	81
14. ^a — Carlos Maria, ancião portuguez de 98 annos de idade.....	85
15. ^a — Vista da missão da Huilla.....	88
16. ^a — O rev. ^{do} padre José Maria Antunes.....	92
17. ^a — Grupo de educandos e pessoal superior da missão.....	96
18. ^a — Colonia de S. Pedro da Chibia.....	100
19. ^a — Os primeiros colonos da Chibia.....	102
20. ^a — Grupo de creanças da colonia da Chibia.....	104
21. ^a — Primeiras construcções da colonia — uma rua.....	106
22. ^a — Primeiras construcções do estado.....	108
23. ^a — Estudo do traçado do caminho de ferro pelo engenheiro Machado — acampamento no Giraul.....	144
Carta geographica do plan'alto.....	48

CAPITULO IV

A ZONA ALTA

Límites e situação geographica — A cordilheira da Chella — Portellas do Bruko, da Leba, da Kilemba, do Tandirikita e do Hoke — Altitude — Terrenos — Divisão e aptidões agricolas — Systema fluvial — O Kumene, o Kaculovar e o Nene — Regimen pluvial — Estação das chuvas — Estação secca — Temperaturas — Adaptação da raça branca Pag. 37 a 50

CAPITULO V

CONCELHO DA HUMPATA

Situação e limites geographicos — Systema orographico e rede fluvial — Colonia de S. Januario — Sua fundação — População — Descrição — Colonia da Palanka — Os *boers* e os seus serviços á nossa causa — Os seus usos e costumes — Parallelo com o colono madeirense — Terrenos e agricultura — Despeza feita com a colonia — Mappas estatísticos da população, produção, industria, etc. Pag. 51 a 62

CAPITULO VI

CONCELHO DO LUBANGO

Situação e limites — Colonia Sá da Bandeira — Bacia do Lubango — Descrição orographica e fluvial — Fundação da colonia — Defeitos da colonisação madeirense — Má escolha dos terrenos — Descrição da colonia — Construcções dos colonos — Conselhos e preceitos hygienicos — Decadencia da agricultura — Colonia do Cacu- lovar — Causas do seu atrazo — Descrição da colonia — Despeza com as colonias do Lubango — Mappas estatísticos da população, produção, industria, etc. Pag 63 a 78

CAPITULO VII

CONCELHO DA HUILLA

Situação e limites — Area — Systema orographico e rede fluvial — Os rios Lupolo, Mucha e Chimpumpunhime — Agricultura — Considerações — Povoação da Huilla — Tentativas de colonisação europea. — Os colonos livres — Decadencia da Huilla — Propriedades agricolas do valle do Lupolo — Mappa estatístico da população, produção, etc. — Missão catholica da Huilla — Descrição — Institutos dos rapazes e raparigas — Agricultura — Ensaes agricolas — Missão do Jau e aldeá christan — Fundação da missão — O padre Duparquet — Uma opinião valiosa sobre a missão — Serviços prestados á humanidade e á nossa causa na Africa — Influencia dos missionarios — Elogio dos exploradores Capello e Ivens — Escola agricola de Cintra — Decreto concedendo-lhe um subsidio e considerando-a instituição auxiliar do padroado — Protectores da missão — Mappa estatístico da população, produção, industrias, artes e officios — Colonia de S. Pedro da Chibia — Seu valor — Historia da sua fundação — Terrenos — Agricultura — Descrição da colonia — Propriedades agricolas — Sua influencia na educação do colono madeirense — Despezas — Creação

OPINIÃO DO SENHOR DEPUTADO R. H. IRENE

... Instaurar os serviços... A construção... Vários... Melhor de que se deveu prover para resistir

CAPITULO IX

CAMINHOS DE FERRO

... Opinio dos exploradores Capello e Ivens... Desamino dos colonos... O traçado do engenheiro... Opinio do author... Os caminhos de ferro econo-... O livro de M. Regis Tartary — Cal-... Pag. 137 a 163

CAPITULO X

CONCLUSÕES

... Conselho colonial — Incon-... oportunidade consumida por cada familia de... o melhor modo de se obter uma colonisação... Pag. 164 a 172

ADVERTENCIA

Aconselhado pelo sabio philologo, o Rev.^{do} Padre José Maria Antunes, benemerito Superior da Missão da Huilla, adoptei n'este modesto trabalho, tanto no texto como nos mappas, o alphabeto de Lepsius, afim de dar uniformidade á maneira de escrever os termos gentilicos do dialecto *lumbundo*.

Nada mais confuso e desanimador para quem consulta livros de exploração e mappas africanos do que a diversidade de typos alphabeticos, com que os authores escrevem as palavras de origem africana, vendo-se, não raro, o mesmo termo escripto de mil modos, conforme a indole da lingua do author.

Para evitar estas diversidades e estabelecer um systema universal de escrever os termos africanos conforme a vocalisação propria da lingua *bantu* e seus derivados, propoz o Dr. Lepsius um alphabeto, que mereceu a approvação de africanistas distinctos e tem sido adoptado em grammaticas, dictionarios e livros de explorações.

Resume-se o alphabeto de Lepsius no seguinte:

Vogaes

A, E, I, O, U, pronunciam-se com o mesmo valor phonetico que teem na lingua espanhola ou italiana; havendo para a portugueza a differença de que *E* e *O* no final das palavras não são mudos.

Consoantes

B, D, F, K, L, M, N, P, R, T, V pronunciam-se como nas linguas latinas. As restantes consoantes soffrem modificações, que se resumem no seguinte:

C substitue-se por *K*.

C antes de *E* e *I* soa como *S*.

G antes de qualquer vogal tem o som de *GUE* e nunca de *JE*.

H é sempre aspirado como o *J* da lingua espanhola.

J não tem equivalente: é substituido pelo som *DY*, em que o *Y* representa uma modulação que *molha* a vogal seguinte ou o proprio som de *I*, quando o *Y* figura antes de consoante.

Q substitue-se por *K*.

S substitue *C* antes de *E* e *I*, mas nunca tem o som de *Z*, quando entre vogaes.

X e *CH* não teem equivalentes; substituem-se pela modulação *TY*, em que o *Y* *molha* a vogal seguinte ou o proprio som de *I*, quando se segue consoante. Sobre esta vocalisação ha divergencias entre os authores; uns representam-na por *TJ*, e outros por *TCH* e outros ainda por *CI* da lingua italiana. Como exemplo cita o termo *CHAHUNGO*, como o escrevem alguns authores portuguezes. A syllaba *CHA*, como nós a pronunciamos, não existe nos dialectos africanos; pronuncia-se collocando a ponta da lingua no vertice da arcada dentaria superior e modulando com os labios o som correspondente á vogal, que sae com um som *molhado*. Assim a palavra *CHAHUNGO* soa como *TCHAHUNGO* ou *TJAHUNGO* ou como *CIAHUNGO* dando ao *CI* o som *molhado* que tem na lingua italiana.

Segundo Lepsius o *Y* não representa o som da uma letra; serve somente para communicar a modulação *molhada* á vogal seguinte. Outros authores admittem que *Y* antes de consoante *molha* o som de *I*. Assim, as palavras que no Humbe se pronunciam *CHITIRE*, *CHIPOLA* e *CHIPELONGO*, serão escriptas, segundo Lepsius, *TYITIRE*, *TYIPOLA* e *TYIPELONGO*, como porém nas linguas latinas o *Y* soa como *I*, não ha vantagem em escrever o *I* depois do *Y*, quando a elle se siga uma consoante; o *Y* toma o som de *I molhado*; por isso escrevo *TYITIRE*, *TYIPOLA*, *TYIPELONGO*.

Muitos termos gentilicos adoptados na lingua portugueza, escrevo-os conforme o uso, dando-os entre parentheses com a phonação gentilica representada pelo alphabeto de Lepsius.

Colonização Européia

PRIMEIRA PARTE

CAPITULO I



districto de Mossamedes acha-se comprehendido entre os parallellos 13.º, 50' e 17.º, 25' de longitude austral.

Confina ao norte com o districto de Benguella, a oeste com o Oceano atlantico, ao sul com as possessões allemães, das quaes é separado pela porção do rio Kunene, cujo rumo segue na direcção lesoeste desde a Hinga até á foz e a leste estende-se até os limites ainda não difinidos da provincia de Angola.

A parte explorada do districto, a que é habitada pela raça branca, e por isso desperta o interesse descriptivo, abrange uma vasta extensão de territorio, que se prolonga

na linha norte-sul desde o paralelo que passa pelo cabo de Santa Martha ao curso inferior do Kunene e na linha les-oeste desde a costa marítima ao curso ascendente do mesmo rio até o Lucéke. E' esta a zona que pelas suas benéficas condições de clima e riqueza geologica tem sido percorrida, habitada e colonizada pela raça europêa, e a unica que sob o ponto de vista da adaptação da raça branca merece ser conhecida.

O districto de Mossamedes divide-se em duas zonas bem distinctas: uma, que se prolonga de norte a sul com a costa marítima, é baixa, secca e arenosa; e outra, que se segue a esta e d'ella se separa pela cordilheira da Chella (Tyela), abrange toda a vasta bacia do Kunene, é alta, chuvosa e ricamente arborizada; constitue o plan'alto proveitosamente explorado pela raça branca, mercê da benignidade do clima e abundancia de elementos de riqueza agricola e commercial.

A estas duas zonas tão nitidamente separadas pelos seus caracteres geologicos correspondem modalidades climatericas, que imprimem profundas modificações no modo de ser, nas cousas e nas pessoas.

Zona baixa

Prolonga-se para o interior na extensão de 100 kilometros aproximadamente até os contrafortes da Chella e alarga gradualmente para o sul até o valle inferior do Kunene constituindo um vasto deserto arenoso. Esta zona eleva-se para o interior por modo insensível attingindo a altitude media de 500 metros nas proximidades da cordilheira da Chella.

Distinguem-se n'ella duas fachas de terrenos, que correm com caracteres nitidos no sentido les-oeste: a primeira, litoral, formada por extensa planicie de arcia solta com alterações de relevo em dunas e ravinas, onde as chuvas são

raras e de pouca duração; a segunda, interior, prolongando-se com a Chella, pedregosa, com vegetação que aumenta á maneira que se aproxima do plan'alto e que marca o limite das aguas permanentes que correm da zona alta.

Os terrenos que formam a zona baixa pertencem pelos seus caracteres geologicos á formação terciaria. Encontram-se n'elles grande numero de generos de conchas e algumas variedades de grés calcarifero com moldes de bivalvas e rochas formadas por uma aglomeração de conchas ligadas entre si por um cimento calcareo. Em muitos logares afastados da costa maritima e em altitudes superiores a 100 e 200 metros encontram-se calhaus rolados de calcareo silicioso e textura porphirica, que demonstram que esta zona em épocas remotas constituia um fundo de mar, que lentamente se foi elevando do seio do oceano.

Systema fluvial e regimen pluvial

A rede fluvial da zona baixa comprehende os valles de S. Nicolau, Giraul (Dyraul), Bero e Koroká, cujos rios na maior parte do anno estão seccos; apenas levam agua durante alguns dias na estação pluvial, quando as chuvas torrencias do plan'alto, depois de encherem os affluentes do Kunene, se despenham em innumeradas cataractas pela Chella abaixo. E' então que enormes massas de nuvens condensadas sobre a região alta e açoutadas pelo impetuoso vento sueste são arrastadas para a zona baixa do valle de Kapangombe, onde se desfazem em catadupas, que conduzidas por milhares de regatos e ravinas formam enormes massas d'agua, que correm em rapidas e perigosas enchurradas, que enchem e alagam os terrenos marginaes dos valles por espaço de dias e mesmo horas.

Na facha arborizada de Kapangombe, limitrophe da Chella, as aguas permanecem por alguns mezes por causa da dureza do terreno e por serem os rios na sua primeira porção alimentados pelo excesso das aguas do plan'alto. Na facha

arenosa do litoral ellas desaparecem em pouco tempo por infiltração nas areias dos leitos dos rios. D'estes o que conserva por mais tempo maior volume d'agua é o Bero, que fertilisa os terrenos de Mossamedes. Este rio é o primeiro a conduzir as aguas pluviaes da região alta e o que as conserva por maior espaço de tempo. Resulta esta circumstancia de ser o seu curso entre a Chella e o litoral mais curto e directo, formado em grande extensão por um leito de pedras e principalmente por ter a sua principal origem no plan'alto por intermedio de uma nascente que deriva para elle um grande volume de aguas colhidas na bacia do Jau (Dyau), durante a primeira parte da estação chuvosa do plan'alto, de outubro a dezembro, quando ainda não teem cahido as primeiras chuvas na zona baixa; emquanto que os rios de S. Nicolau e Koroka são alimentados pelas chuvas que cahem sobre as vertentes occidentaes da Chella, o que só tem logar na quadra das grandes chuvas da zona alta, de janeiro a abril.

E' de notar-se que o regimen pluvial d'esta zona differe consideravelmente do da zona alta. N'esta apparecem as primeiras chuvas em setembro e prolongam-se até dezembro, formando a primeira parte da estação chuvosa, chamada das pequenas chuvas. N'esta quadra, dominando os ventos moderados do nordeste, as nuvens formadas por condensação no plan'alto descarregam sobre elle não chegando á zona baixa. Apenas de janeiro a maio, que comprehende a quadra das chuvas torrencias e dos ventos impetuosos do quadrante do sueste, é que as chuvas attingem a zona baixa e chegam á facha arenosa do litoral produzindo innundações passageiras, que ainda assim são o unico recurso para a fertilidade dos terrenos agricultados nas proximidades de Mossamedes, taes são: as hortas do valle do Bero e Cavalleiros e as fazendas agricolas exploradas nos valles do Giraul, Koroka e S. Nicolau.

Lançado no mar o excesso das enchurradas, fica no solo do leito dos rios uma certa humidade que se conserva por es-

paço de um e dois mezes e um deposito de detritos organicos, que constitue um rico adubo aproveitado pelos agricultores que sobre elle fazem as suas plantações em pleno leito dos rios.

Estas fazendas produzem variadas especies de cultura, taes como: algodão, cana saccharina, cereaes, legumes, hortaliças e arvores fructiferas. Empregam no arroteamento dos seus terrenos, 29 machinas a vapor e possuem 32 engenhos de moer cana, e outros tantos alambiques para a distillação da aguardente.

Pela disposição natural da zona alta, a sua maior altura corresponde á cordilheira da Chella e d'ahi para o interior desce suavemente para o sul e léste, do que resulta que a maior parte das aguas pluviaes correm ao Kunene; deriva para a zona baixa uma pequena porção, que na quadra das grandes chuvas cae sobre as vertentes occidentaes da cordilheira, fertilizando os terrenos do valle de Kapangombe.

Sobre a facha arenosa do litoral de Mossamedes chove muito pouco, duas ou tres vezes por anno. Na facha cultivada em frente á Chella chove durante dois a tres mezes, emquanto que na zona alta a estação chuvosa comprehende seis mezes no anno.

Convém observar que tem havido profundas modificações no regimen pluvial da zona baixa, cujas causas são pouco conhecidas. Em épocas remotas chovia regularmente todos os annos em quantidade bastante para encher os leitos dos rios. Os antigos agricultores estabelecidos no valle de Kapangombe e Biballa e os primeiros colonisadores de Mossamedes fallam com saudade dos primeiros annos da sua installação n'este districto, annos de chuvas abundantes e regulares; d'então para cá ellas teem diminuido progressivamente a ponto de passarem periodos de quatro e cinco annos sem cahir uma gotta de agua.

Quando pela infiltração e evaporação desaparece a humidade no leito dos rios e bem assim durante os annos de estiagem, em que as aguas por successivas infiltrações nas

areias não chegam a humedecer os terrenos cultivados, recorrem os agricultores á irrigação com agua extrahida de poços praticados a profundidade de 5 a 15 metros. Na villa de Mossamedes todas as casas teem poços, que fornecem agua necessaria para os usos ordinarios. Esta agua é de má qualidade, pesada, salitrosa, produzindo perturbações digestivas.

A existencia de uma toalha liquida subterranea na zona baixa, cujo nivel se mantem constante apesar das vicissitudes do regimen pluvial, é um facto incontestavel, que nos leva a suppor que ella mantem estreitas relações com a bacia fluvial do plan'alto, que a alimenta como uma parte importante das suas aguas por infiltração atravez de camadas porosas, que seguindo as vertentes da Chella se prolongam e continuam com o sub-solo da zona baixa.

E' de importancia capital para o desenvolvimento das fazendas agricolas do valle de Kapangombe investigar com aparelhos proprios e aproveitar por meio de poços artesianos este filão de agua, que todas as razões induzem a crer que tenha a sua origem no plan'alto, cuja altitude media sobre o valle de Kapangombe é de 1600 metros.

A agricultura n'esta zona, que foi o principal elemento de prosperidade e riqueza nos tempos aureos do districto, acha-se actualmente em estado de lastimosa decadencia por falta de aguas que irriguem os seus fertilissimos terrenos. Os annos de secca succedem-se uns apóz outros com insistencia esmagadora espalhando o desanimo por toda esta riquissima região, cujos agricultores vão rareando, ceifados uns pela morte, e outros obrigados por falta de recursos a abandonar as suas propriedades, fructo de longos annos de trabalhos. Os mais favorecidos, que ainda assim mantem as suas fazendas a troco de penosos sacrificios, são os que se estabeleceram nas vertentes da Chella, onde aproveitam as primeiras aguas de pequenos regatos permanentes, que descem do plan'alto e formam as origens dos rios da zona baixa.

E' de urgente e inadiavel necessidade proceder a estes estudos, pois que o bom exito dos poços artesianos é importante medida de salvação para em breve espaço de tempo elevar ao primitivo apogeu a agricultura em Mossamedes, unica fonte de riqueza da população branca do districto, que se acha abatida e depauperada nos seus recursos por tão longa estiagem sem esperanza de melhores tempos.

O primeiro ensaio a fazer-se deve naturalmente incidir na zona de Kapangombe por estar mais proxima da Chella e offerecer por isso maiores probabilidades de bom exito. Se d'esta tentativa sortir o desejado effeito, facil será por successivas investigações animadoras estabelecer um systema de poços artesianos, que colloque a zona agricultada ao abrigo das vicissitudes de um regimen fluvial inconstante, o que concorrerá para desenvolver as propriedades existentes com valiosas culturas, crear novos centros de producção agricola e animar os proprietarios a converter os seus capitaes em productiyas fontes de receita.

Esta falta d'agua torna-se sobremodo sensivel na facha de terreno sobre que assenta a estrada que parte de Mossamedes para o plan'alto, passando pelos sitios denominados: Pedra Grande, Pedra do Major, Providencia, Moninho e Kapangombe.

Esta estrada é percorrida pelos vagon *boers* que fazem o transporte das mercadorias e productos agricolas entre o plan'alto e o litoral, e vice versa; pelos viajantes, carregadores e manadas de gado para consumo e exportação.

Nos annos ordinarios, em que não chove, não se encontra uma gotta d'agua nem pasto na maior extensão d'esta facha desde o valle do Giraul até o Moninho, do que resulta morrer á sede e á fome grande numero de bois que pucham os carros e dos que são enviados do plan'alto para exportação e consumo.

Cada vagon é condusido por 20 a 30 bois, dos quaes um terço e ás vezes metade succumbe por falta d'agua

durante os 10 ou 12 dias de viagem fatigante por este deserto arenoso, atravez do qual os pesados vehiculos carregados com 100 a 150 arrobas de carga são penosamente arrastados pelos pobres bois famintos e sequiosos por entre densas nuvens de suffocante poeira.

Está calculado que morrem annualmente n'este deserto 400 a 600 bois, o que representa um enorme prejuizo para os seus proprietarios, que para compensar tão grave damno elevam cada vez mais o preço do transporte.

Basta saber-se que o preço do transporte de uma arroba de carga do litoral para o plan'alto importava, ha tres annos, em 1\$000 réis e actualmente com a persistencia das seccas e mortalidade no gado elevou-se a 2\$200 réis.

Independente da perda material do boi, ha a accrescentar a perda da somma de trabalho que o *boer* dispende para amansal-o e sujeital-o ao serviço da canga.

O boi bravo comprado nos centros productores dos Gambos e Humbe importa em 10 ou 15 mil réis e depois de amansado e ensinado vale 25 a 30.

Calcule-se do desanimo que lavra entre os *boers* e portuguezes que vivem do aluguer dos seus carros para o transporte das mercadorias, sabendo-se que durante a estiagem rara é a viagem, em que não fiquem orlando a estrada os cadaveres de um terço ou metade dos seus bois a servir de festim ás hienas e lobos que infestam estas paragens.

Para de algum modo atenuar tamanho prejuizo, que ameaça aniquilar a exportação de gado por via de Mossamedes, pelo excessivo preço a que chegou, e que fere de morte os interesses commerciaes e agricolas do plan'alto pela exorbitante carestia e difficuldades de transporte, ordenou o governo o aproveitamento de uns tanques naturaes cavados em uma grande rocha no sitio da Pedra Grande, a dois dias de viagem de Mossamedes, mandando construir uns paredões que conduzem para elles toda a agua das chuvas que cae sobre a enorme pedra que dá o nome a este sitio.

Existe n'este ponto uma casa do governo que serve de pousada aos viajantes, um curral para abrigo do gado e algumas *cubatas*, em que residem os soldados do destacamento.

Os tanques cavados na rocha são quatro e tem bastante capacidade. Quando sobre a rocha caem chuvas torrencias, os tanques enchem-se d'agua, que se conserva por bastante tempo. E' d'esta agua que bebem os viajantes e o gado. Quando ella diminue e seguem-se annos de estiagem o governo só permite que se tire a porção indispensavel para uso dos viajantes, prohibindo que seja dada ao gado e para cumprimento d'estas ordens e vigilancia dos poços tem ali um destacamento militar.

O que fica dito para a Pedra Grande applica-se ao ponto denominado—Pedra da Providencia, com a differença de não haver casa para viajantes nem destacamento militar. Encontra-se agua em cavidades das rochas e poças, quando chove; fóra d'estas condições anormaes a monotonia do terreno prolonga-se em desesperadora aridez até ao valle do Moninho, em cujas fazendas se encontra agua em *cacimbas*, que servem para a rega dos terrenos de cultura.

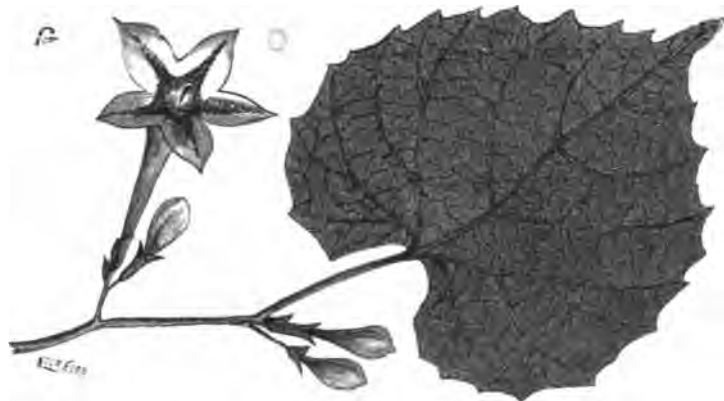
A vegetação n'esta facha é rachitica, compõe-se da *wel-vitchia mirabilis*, falso cedro, algumas euphorbiaceas, espinheiros e acacias, que vegetam nos valles, ravinhas e leitos dos rios seccos.

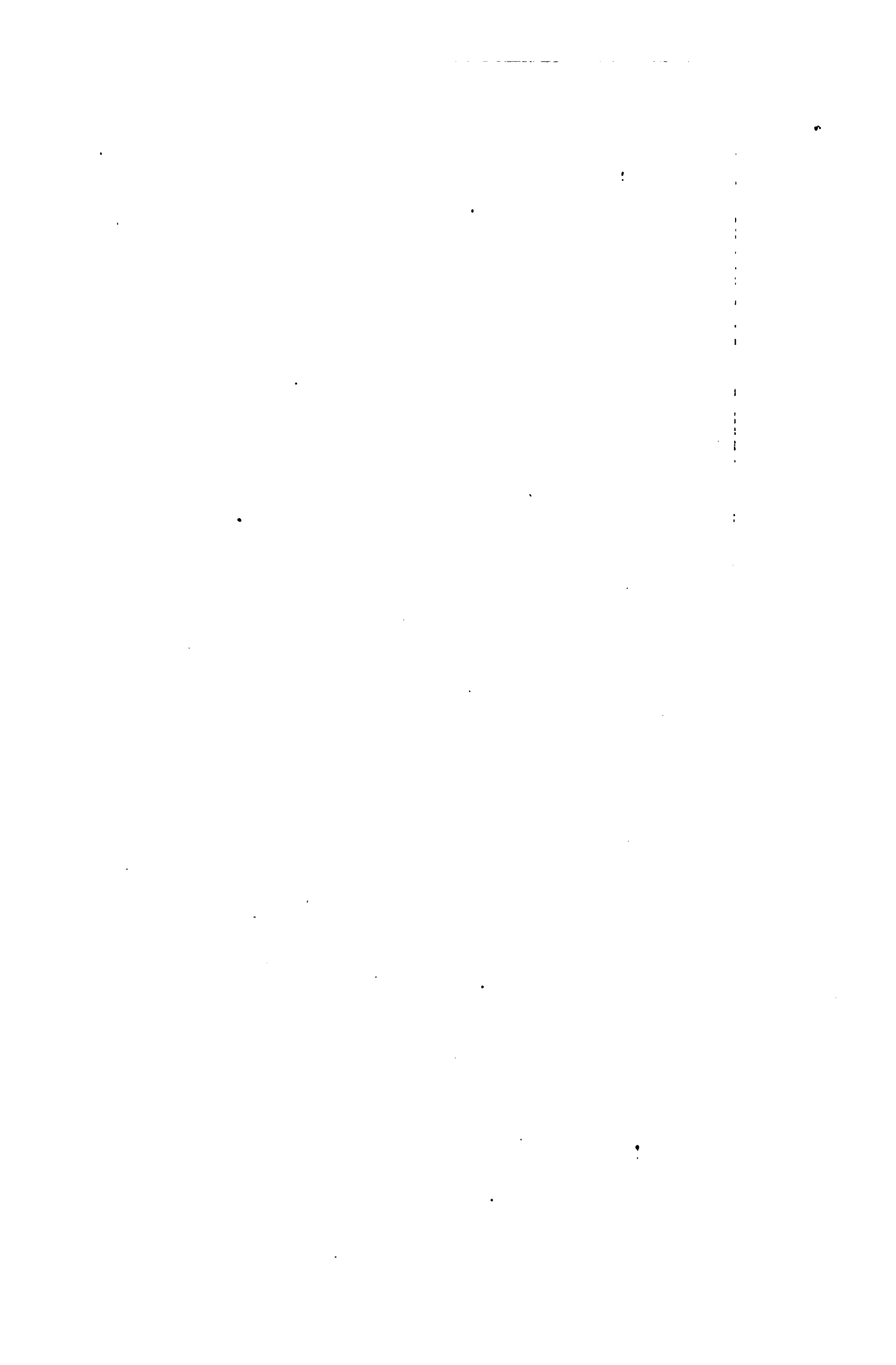
Na facha de terrenos arborisados, que correm parallellos aos contrafortes da Chella, a agua existe com abundancia durante a estação das chuvas; nas épocas de estiagem não chega a irrigar a vasta area de terrenos cultivados.

O districto de Mossamedes abrange uma area de 176:250 kilometros quadrados, duas vezes a superficie de Portugal.

Divide-se em sete concelhos, dois na zona baixa, que são: os de Mossamedes e Kapangombe, e cinco no plan'-

alto: os da Humpata, Lubango, Huilla, Gambos e Humbe, dos quaes os tres primeiros formam a area de colonisação europêa, que explora os seus fertes terrenos; e os dois ultimos, que pelas suas condições de clima não se prestam á adaptação da raça branca, formam a area de exploração commercial com os indigenas e são os centros de permutação do gado bovino, cuja criação contitue a principal occupação das raças indigenas, que povoam a riquissima zona do sul do plan'alto.





CAPITULO II

CONCELHO DE MOSSAMEDES



brange toda a facha litoral e arenosa de norte a sul e estende-se para o interior na extensão aproximada de 50 kilometros na linha les-oeste.

Comprehende na parte media a villa de Mossamedes, a povoação e as fazendas agricolas das Hortas e Cavalleiros, situadas no valle do Bero; ao norte as propriedades dos valles do Giraul e S. Nicolau, e ao sul as colonias de pescadores algarvios estabelecidos em Porto Alexandre e bahia dos Tigres e as propriedades agricolas situadas no valle do Koroka, tudo com a área cultivada de 8900 hectares.

Villa de Mossamedes

A capital do districto e cabeça do concelho, denominada a Cintra d'Africa pela amenidade do seu clima, está situada em bella perspectiva no fundo de uma ampla e bem abrigada bahia em forma de ferradura na latitude do parallelo 15.^o

Foi fundada em 1845 por um grupo de corajosos colonos que emigraram do Brazil e se estabeleceram na bahia da Angra do Negro, onde apenas havia uma feitoria iniciada em 1840.

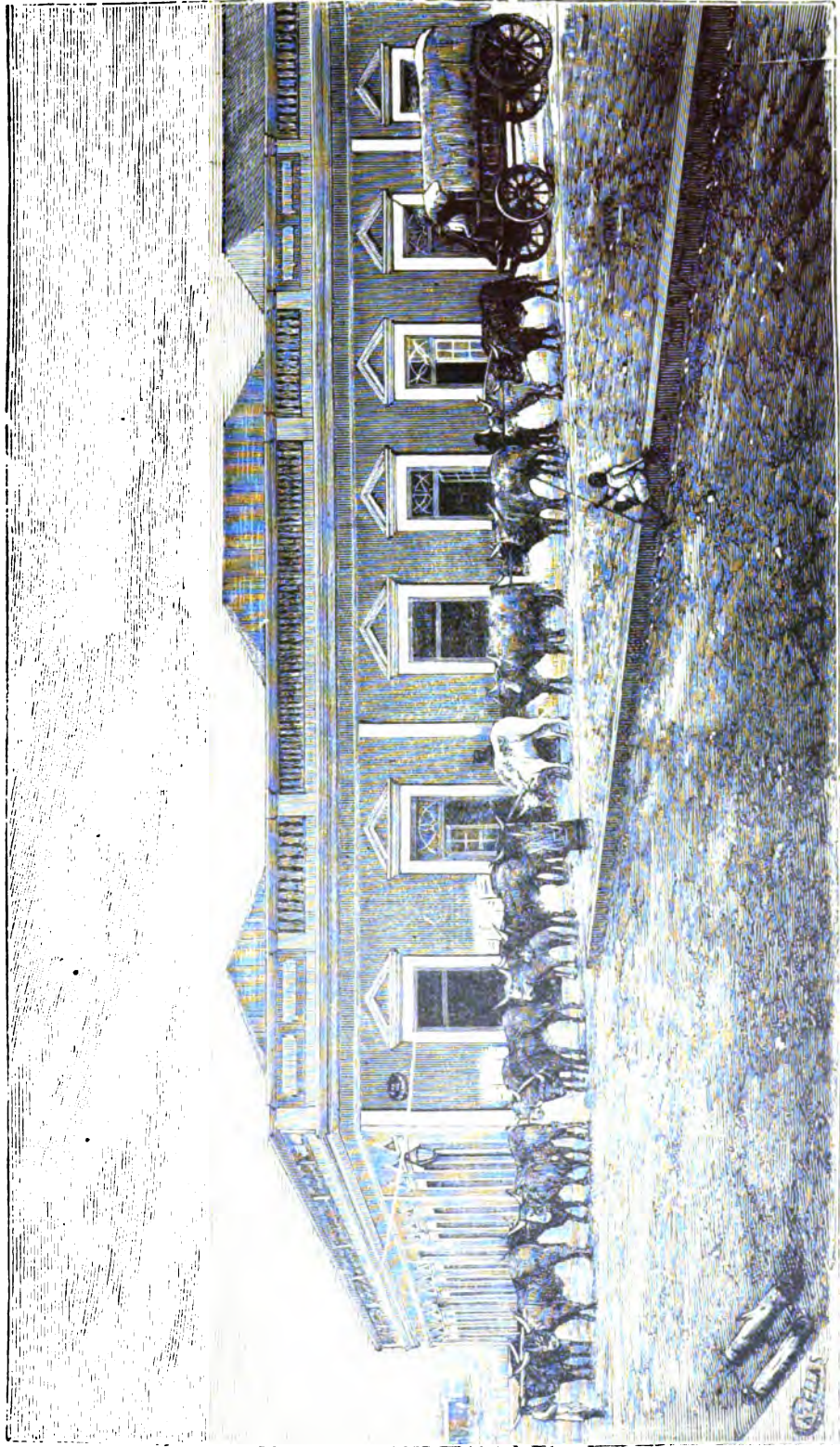
Possue ruas espaçosas, compridas, bem alinhadas e divididas em quarteirões symmetricos, todas calçadas e illuminadas a petroleo. Nota-se n'ellas extremo aceio e limpeza, que rivalisam com a regular disposição e optima divisão.

Possue uma bella avenida arborisada que se prolonga com a praia e dá lindo aspecto ás suas casas, que se destacam por entre renques de palmeiras.

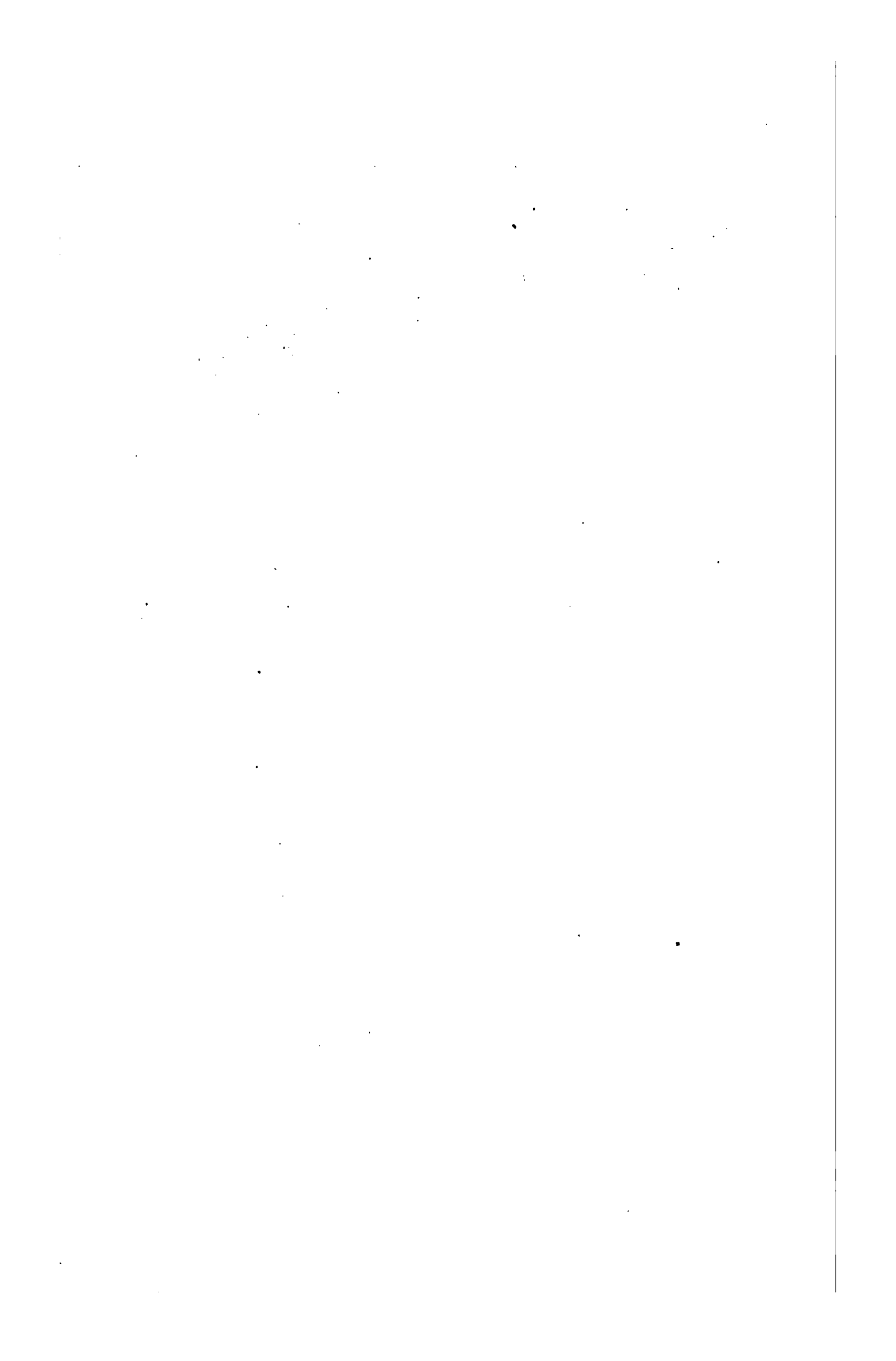
As casas são lindas construcções modernas, em que as boas condições hygienicas andam a par com o bom gosto e solidez. Quasi todas são assoalhadas e forradas com boas madeiras da Europa. São bem divididas, bem orientadas e aceiadas. Os seus tectos são chatos e as frontarias, pintadas com gosto, são dispostas com arte e belleza. Quasi todas possuem jardim e quintal, que fornece excellentes hortaliças e tem uma *cacimba* d'onde se extrae a agua para os usos ordinarios.

Existem largos e jardins publicos bem situados, com tanques d'agua para uso do publico.

A léste da villa encontra-se um largo gradeado, em cujo centro foi erigido por subscrição publica um monumento em honra do benemerito governador Leal, que iniciou os grandes melhoramentos que tornam Mossamedes a mais formosa cidade europêa da costa occidental da Africa e a



UMA CASA EM MOSSAMEDES — UM CARRO BOER



única que pode competir em azeio, regularidade e hygiene com as cidades da Europa.

Os seus principaes edificios publicos são: o palacio do governo, o melhor das nossas possessões, bella obra de architectura montada com luxo e grandeza; n'elle estão installadas as principaes repartições publicas: a fortaleza de S. Fernando, construida sobre um rochedo, que domina a formosa bahia; serve de quartel ao 4.º batalhão de caçadores: a alfandega, lindo edificio situado a meio da rua principal, proximo á praia; possui vastos armazens e boas sallas; communica por meio de carris de ferro com a ponte-caes, boa construcção em ferro e madeira: o hospital em corpos separados formados de barracões, systema Tolle: a igreja: o matadouro situado optimamente á beira mar: o cemiterio, bastante afastado da villa: repartição do correio e das obras publicas, etc.

Entre os edificios particulares encontram-se bellos e elegantes primeiros andares e rez-do-chão, que fariam honra a qualquer cidade 'europêa, destacando-se d'entre elles pela sua elegancia, situação e commodidade o *chalet* da companhia telegraphica.

A natureza não foi prodiga na distribuição dos seus beneficios a Mossamedes. O terreno sobre que assenta a villa é secco, arenoso e areno-calcareo; a vegetação expontanea é rachitica: pois apesar de tão pouco favorecida, Mossamedes revella a que ponto chega o esforço da raça branca, que em 40 annos de trabalho persistente conseguiu transformar aquelle areal em uma formosa villa com jardins e hortas, onde os recursos são abundantes, a alimentação excellente, barata e variada, com lojas onde se encontram todos os generos europêos e um mercado bem sortido.

Tudo quanto ali ha é devido á iniciativa e trabalho do europeu que se aclimou e produziu gerações sadias e robustas em 3º e 4º grau, que ali vivem e se desenvolvem sem manifestações apparentes que revellem resistencias organicas á adaptacão ao novo meio. A raça branca ali

procreada progride de um modo evidente; as creanças coradas, robustas e alegres não manifestam o menor vestigio da intoxicação palustre.

O clima é salubre e a temperatura é baixa e refrescada pelas brisas dominantes do mar e pela corrente maritima fria, que partindo do Cabo da Boa Esperança banha a costa africana correndo parallela a ella até o Cabo de Santa Martha.

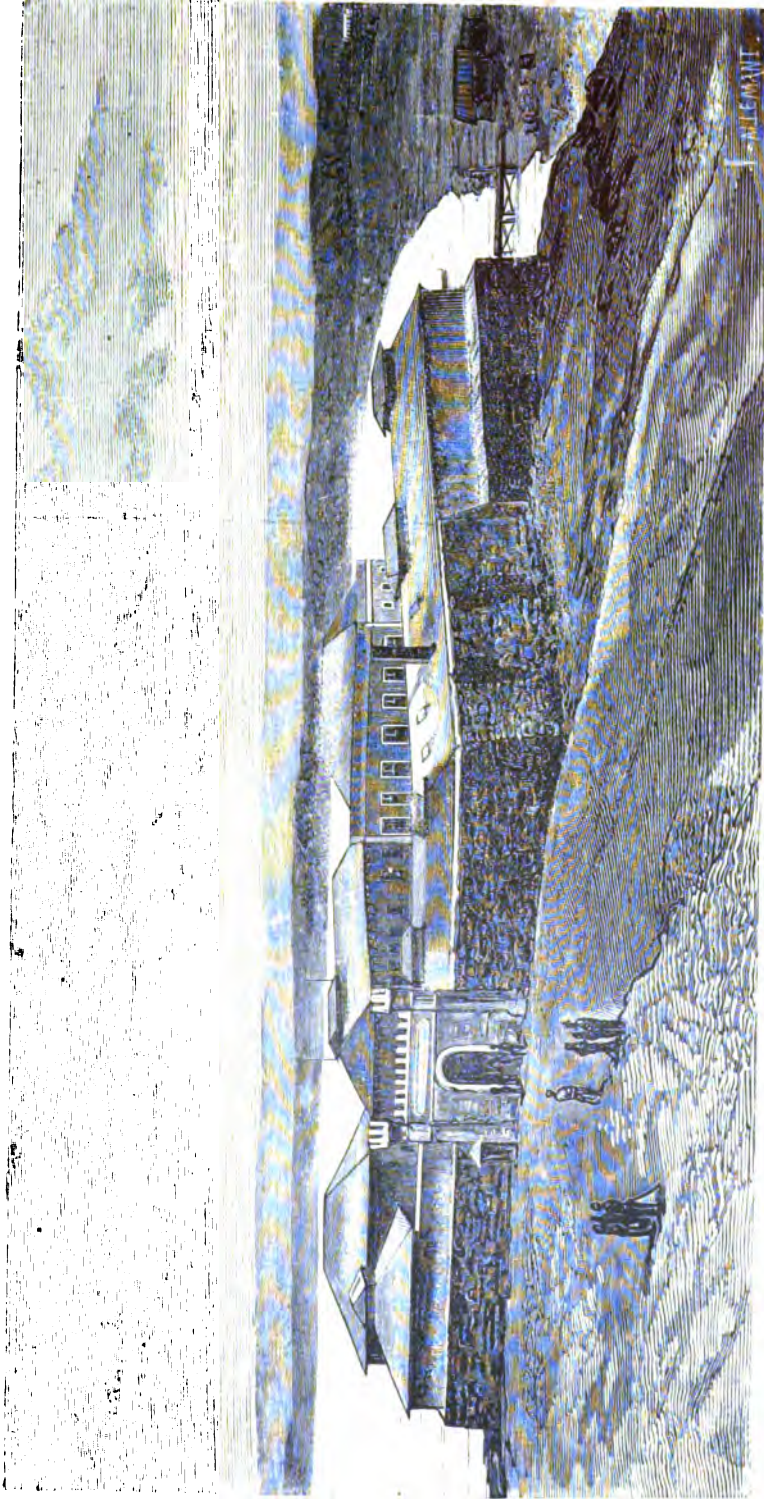
O regimen nozologico abrange as doenças palustres que se manifestam na epoca das enchentes do Bero, conservando todavia um character benigno. As formas graves da intoxicação são raras e só accommettem os individuos vindos de regiões insalubres, cujo organismo esteja de pauperado pelo agente marematico.

Para Mossamedes concorre annualmente grande numero de doentes de diversas procedencias da costa africana, que ali vão convalescer e retemperar o organismo enfraquecido pelo impaludismo.

Ha em Mossamedes duas fabricas de tecidos d'algodão, uma movida a vapor e outra á mão; n'ellas preparam-se mantas, barretes, camisolas e panno cru riscado. Ha uma fabrica de conservas alimenticias que fornece latas de carne, peixe, fructas e legumes, que teem sido recebidos com favor pelo publico. Existem fabricas de telha, tijollo e varios productos ceramicos e diversos fornos de cal no Giraul e praia Amelia. Existe um bem montado collegio para educação de meninas, uma escola publica e muitas officinas d'artes e officios.

Valle do Bero

A 3 kilometros ao norte da villa de Mossamedes encontra-se a povoação das Hortas, delicioso oasis, que pela abundancia e frescura da sua viçosa arborisação, cuidadosamente cultivada em alamedas de refrigerantes som-



FORTALEZA DE S. FERNANDO

bras e parques de odoríferas flores e saborosos fructos, forma um ameno sitio de villegiatura com bellos *chalets* e optimas casas de campo, banhadas pelas frescas brisas do mar e onde se abriga a elite da sociedade de Mossamedes durante a estação calmosa.

Esta povoação com vastos terrenos agricultados assenta sobre o valle do rio Bero, cujo fertil solo se acha occupado por 40 propriedades agricolas que abastecem Mossamedes de fructos, legumes e hortaliças.

Os terrenos d'este valle occupam extensas varzeas cultivadas sendo as principaes: as Hortas, Cavalleiros, S. Antonio, Boa Esperança, Boa Vista, e Bemfica, por entre as quaes passam boas estradas carreteiras.

As principaes culturas são: cana saccharina, que fornece boa aguardente, o cará, que constitue a principal alimentação dos serviçaes, o algodão, muitas variedades de legumes, hortaliças e cereaes e grande numero de arvores fructíferas da Europa, como: lorangeiras, limoeiros, figueiras, macieiras, pereiras, alfarrobeiras, cidreiras, oliveiras, videiras, etc.

A sua producção annual em aguardente é de 500 pipas.

Valle do Giraul (Dyraul)

A' distancia de 8 kilometros do rio Bero, caminhando para o norte, encontra-se o valle do rio Giraul, cavado em terreno accidentado por montanhas de grés e gneiss e profundas ravinhas escalvadas. N'elle estão estabelecidas 6 propriedades agricolas que produzem: algodão, cana, cará, hortaliças, cereaes e fructas.

Estas propriedades luctam com grandes difficuldades por falta d'agua para a irrigação das culturas, sendo necessario nos annos seccos extrahil-a de poços por meio de bombas centrifugas e estanca-rios movidos a vapor á profundidade de 20 e 30 metros.

Produzem annualmente 410 pipas de aguardente.

Valle do Koroka

A 60 kilometros ao sul de Mossamedes apóz um extenso deserto de areias, encontra-se o valle do rio Koroka, que nasce nos Cubaes e, depois de um difficil curso atravez das areias na direcção les-oeste, curva-se para o norte, desaguando no Oceano Atlantico ao sul do Cabo Negro, perto de Porto Pinda.

Os seus terrenos marginaes, cuja fertilidade depende das enchentes annuaes, estão occupados por 5 fazendas agricolas, d'entre as quaes sobresaem as de S. Bento do Sul, Santa Rosa e S. João do Sul, que produzem algodão, cana saccharina, cará, sorgho saccharino, trigo e vinha.

A sua producção annual em aguardente é de 150 pipas.

A cana saccharina, que foi a principal cultura n'estas propriedades, tende a desaparecer por causa dos ataques de duas lagartas que a destroem, roendo-lhes os canaes medulares. Os agricultores tratam de substituil-a pelo sorgho saccharino, que tem dado bons resultados na fazenda de S. João do Sul.

As varzeas do Karoka prestam-se pela abundancia das suas pastagens á creação de gado, encontrando-se n'estas propriedades grandes manadas de gado bovino, caprino, ovelhum, e algumas creações de gado cavallar e asinino.

Em S. João do Sul iniciou-se, ha annos, a fabricação de queijos e manteiga. Possui grande numero de vaccas, que fornecem annualmente 900 queijos, sendo exportados para diversos pontos da provincia.

Colonias do Sul

Nas espaçosas bahias de Porto Alexandre, dos Tigres e das Pipas acham-se estabelecidas algumas colonias formadas de familias algarvias, que se dedicam á pesca e salga de abundantes variedades de peixes, que depois de

seccos e arrumados em esteiras, que comportam 2 arrobas, são exportados para o interior, portos do norte e S. Thomé, onde constitue a principal alimentação dos serviçaes empregados nas roças.

Os terrenos occupados pelas pescarias não se prestam a ser agricultados por falta d'agua, o que prejudica o desenvolvimento e prosperidade das colonias, que ainda assim progridem á custa de muitos sacrificios e trabalhos dos seus corajosos habitantes, que, desprotegidos do governo e desajudados da natureza, entregues aos unicos recursos da sua iniciativa, competem em producção com os agricultores do districto, animando e sustentando a rendosa industria da pesca, importante fonte de receita no districto.

O governo tem sido avaro na distribuição dos seus favores a estes benemeritos colonos, que tão desinteressadamente se empenham pelo engrandecimento do districto. Seria de justiça e equidade que os poderes publicos volvessem olhos paternaes para as colonias do sul, beneficiando-as com algumas migalhas da cornucopia, que com mão prodiga tem espalhado pelas colonias madeirenses do plan'alto, que, diga-se a verdade, estão muito longe de competir com os corajosos algarvios.

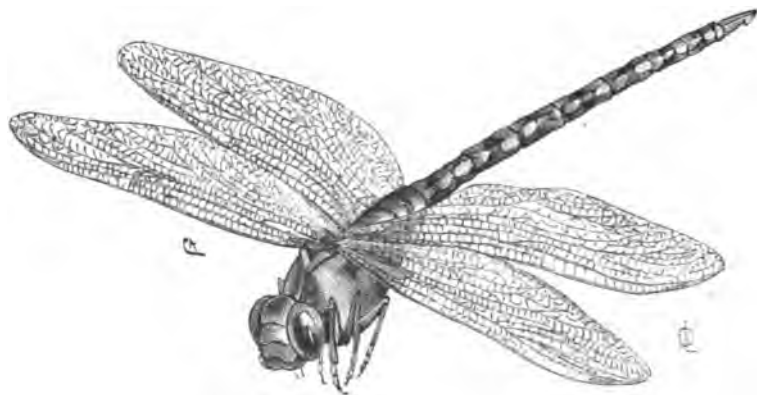
O actual governador do districto, o sr. Leitão Xavier, conscio do valor material e moral d'estas colonias, tem envidado esforços para animal-as, dotando-as com um sacerdote e professor para educar as creanças. E' mister dar-lhes tambem os soccorros da medicina, a que tem direito em attenção aos beneficios que resultam para os cofres publicos do estado florescente da sua industria.

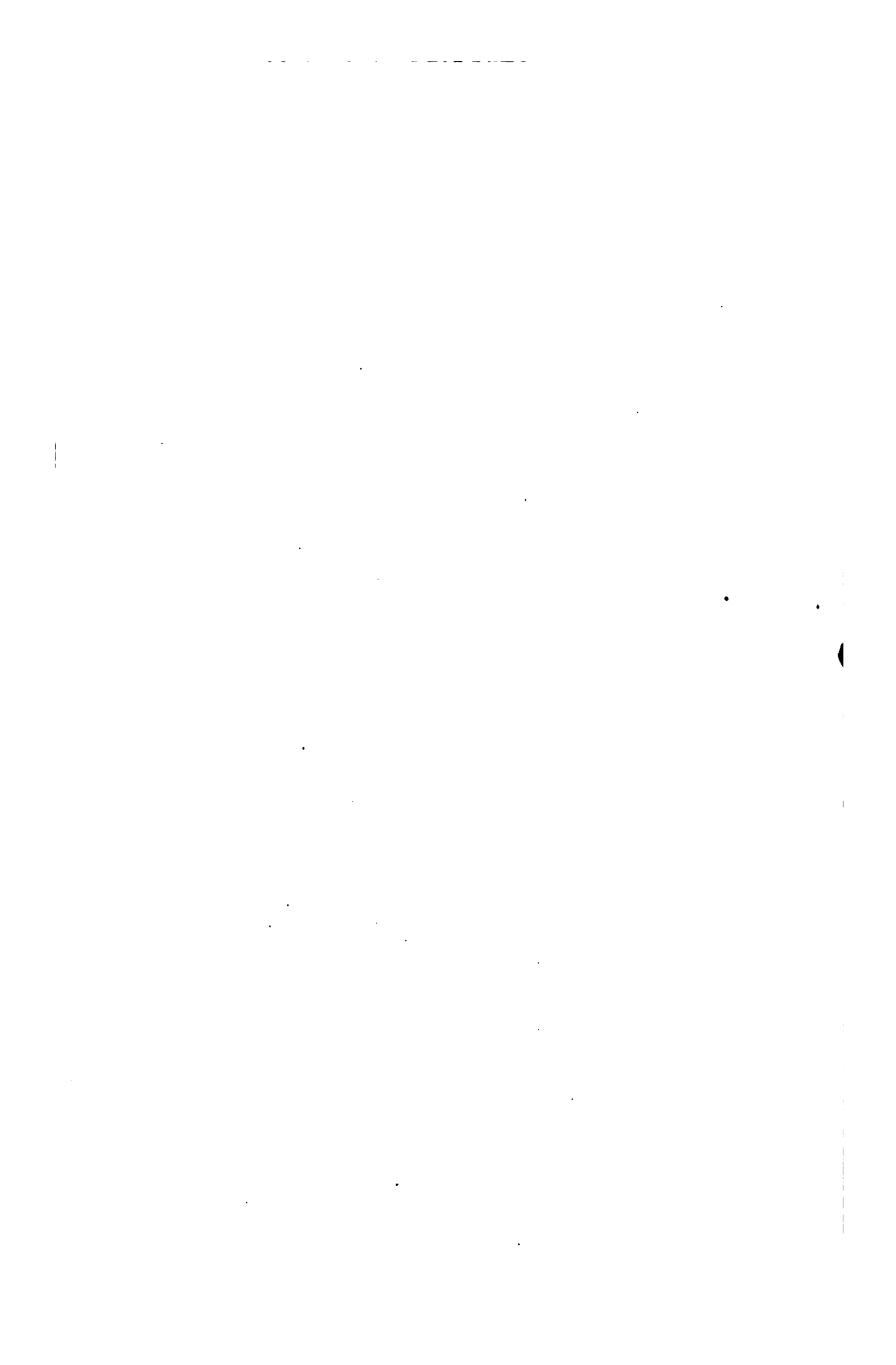
As pescarias em exploração em Porto Alexandre, bahia dos Tigres e das Pipas dão uma exportação annual no valor de 44:000\$000 réis.

A população algarvia comprehende 40 familias com 100 adultos e 60 creanças, e occupa 500 pretos serviçaes empregados na pesca, salga, empacotamento do peixe e tripulação de 40 cahiques.

O distincto agronomo da provincia de Angola, o sr. Costa Botelho, tendo estudado as condições agricolas dos terrenos d'este districto, com justa razão encarece as vantagens da arborisação da zona arenosa do litoral. No seu excellente trabalho «*Terrenos e agricultura no districto de Mossamedes*» encontram-se ensinamentos muito proveitosos para o aperfeiçoamento da agricultura n'esta região. A proposito da arborisação do litoral diz:

Cumpre-me ainda dizer que a arborisação d'esta facha de terrenos com plantas que pelas suas condições vegetativas se accommodassem ao clima e ao solo, havia de concorrer para maior regularidade das chuvas e fixaria as dunas que os ventos S. e SW. arrastam para muito proximo dos terrenos agricultados e que mais tarde deverão obrigar os agricultores a mudarem as suas plantações por terem sido invadidas pelas areias. A fixação d'estas dunas com algumas coniferas, especialmente o pinheiro silvestre e o de Alepo (*pinus hallenpensis*) é de uma absoluta necessidade. Não é de uma grande facilidade e rapidez tentar arborisar um solo d'estes, essencialmente arenoso, onde as estiagens são frequentes e as aguas correm atravez de camadas permeaveis a uma certa profundidade, mas tambem não é impossivel com o tempo conseguir-se este intento, desde que todos os annos na epoca das chuvas se façam as sementeiras. Entre outras plantas, além das que já mencionei, dever-se-ha tentar as sementeiras seguintes: pinheiro manso (*pinus pinea*), sabina das praias (*juniperus phoenicea*), cedro de Hespanha (*juniperus oxycedrus*) e o zimbro vulgar (*juniperus communis*).



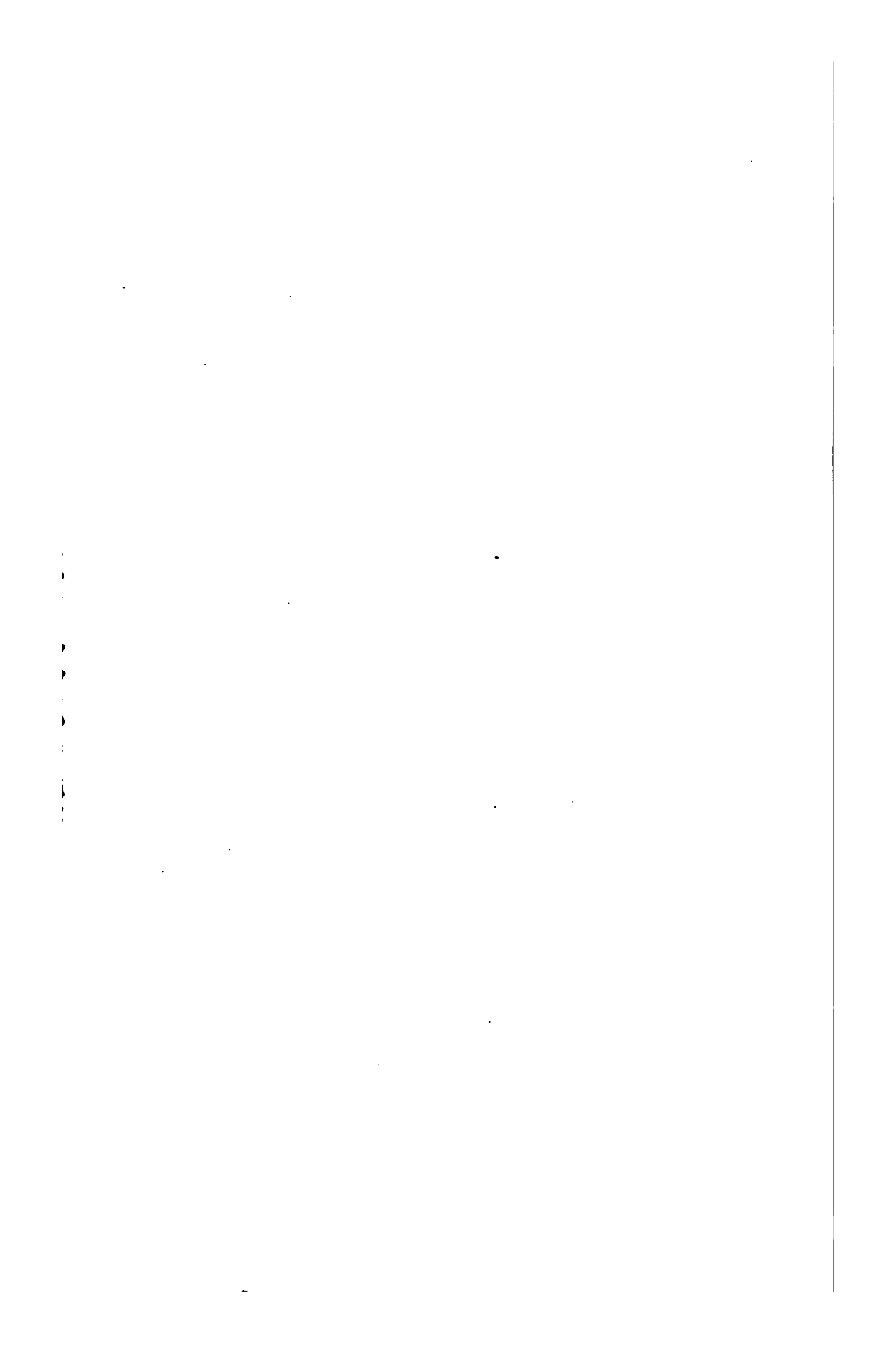




GRUPO DE CREAN



THE MOSSAMEDES

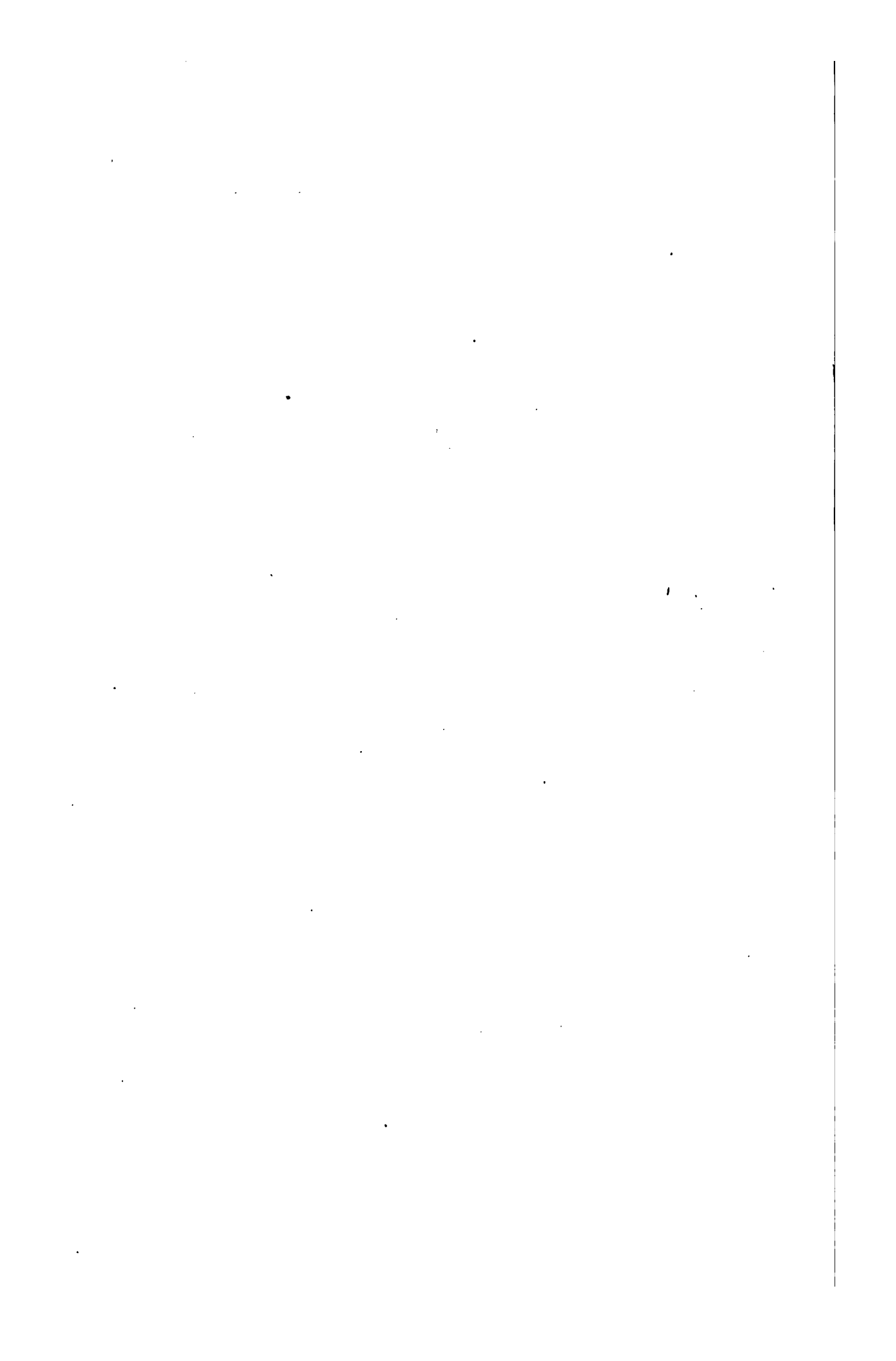


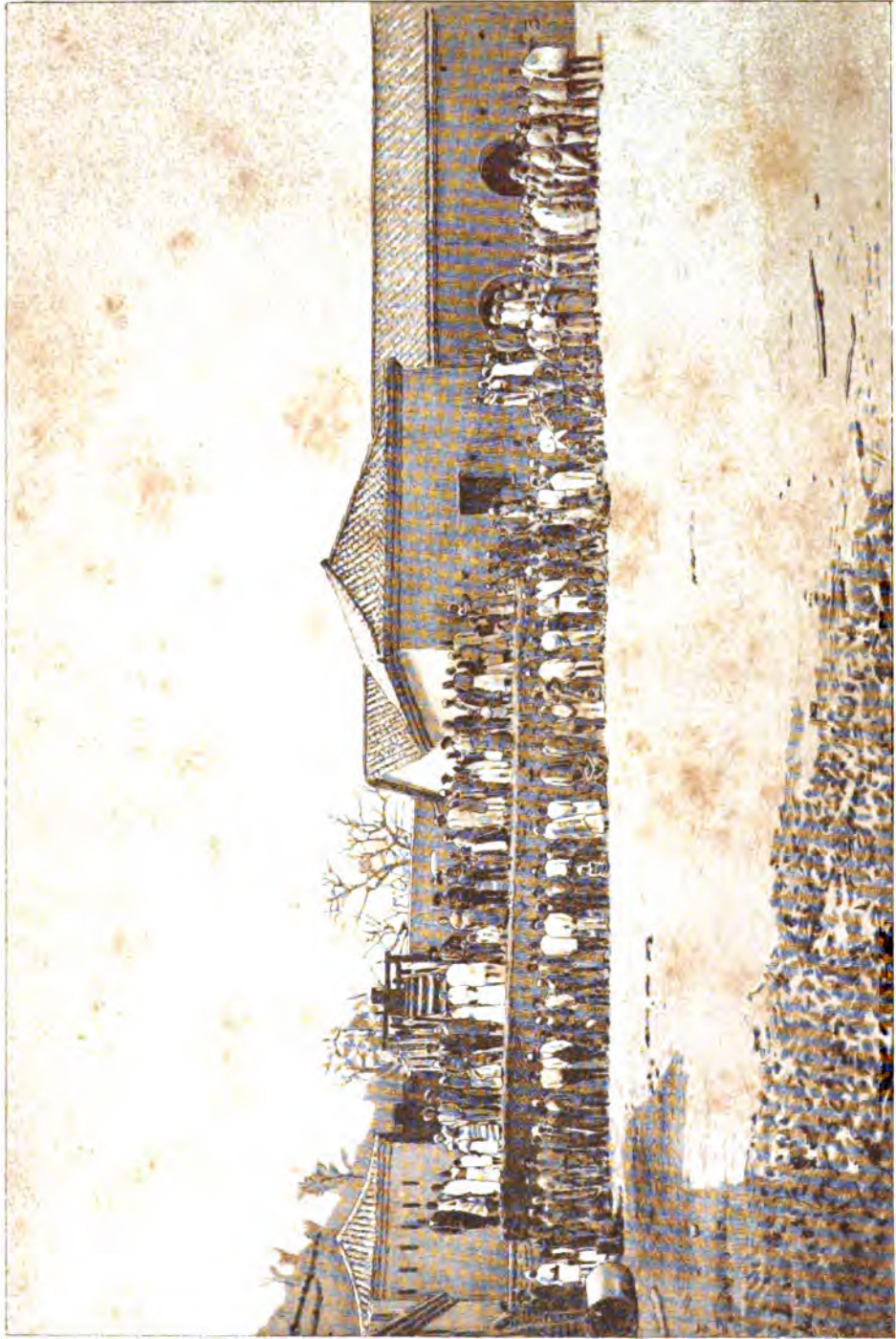
machinas, pessoal, etc.

Categorias	Gaduas						Produção		Número de carros usados nos transportes	
	Armadilhas	Baldar de mandioca	Corta raízes	Debilhadores manuaes	Moinos franceses de nos de pedra	Limpadores ou pcurros	Serviçoes	Quantidade		Valor em réis
							44	—	—\$—	—
							24	—	—\$—	—
							55	—	—\$—	—
							49	—	—\$—	—
							50	300 hectolitros—milho	36\$000	3
							30	—	—\$—	—
							120	44:623 litros—aguardente	2:000\$000	3
							19	550 litros—idem.....	180\$000	—
							9	300 litros—idem.....	200\$000	—
							19	320 litros—idem.....	300\$000	1
							107	2:790 idem e mantimentos	700\$000	2
							96	3:720 idem, alg. mantim.	1:236\$000	3
							49	Nenhuma.....	—\$—	1
							8	500 litros—aguardente	120\$000	2
							—	—	—\$—	—
							24	Nenhuma.....	—\$—	—
							26	465 litros—aguardente	100\$000	1
							39	—	15\$000	—
							12	—	150\$000	—
							4	500 litros—idem.....	150\$000	1
							4	—	—\$—	—
							3	200 litros—idem.....	55\$000	1
							8	1:495 litros—idem.....	300\$000	2
							26	1:320 litros—idem.....	200\$000	1
							46	3:990 litros—idem.....	600\$000	1
							5	Alimentação para o pessoal	—\$—	—
							20	1:333 litros—aguardente	200\$000	1
							130	—	7:200\$000	3
							51	—	950\$000	1
							10	—	300\$000	1
							80	—	3:000\$000	4
							13	Variavel.....	—\$—	2
							100	13:950 litros—aguardente	5:000\$000	4
							39	—	1:200\$000	2
							100	69:751 litros—idem.....	6:000\$000	1
							120	37:200 litros—idem.....	3:500\$000	1

machinas, pessoal, etc.

Gadagens						Produção		Número de carros usados nos transportes	
Armadilhas horizontaes	Razador de mandioca	Corta raizes	Debulhadores manuaes	Moinhos franceses de mós de pedra	Limpadores ou picadores	Serviços	Quantidade		Valor em reis
	1					44	—	—\$—	—
	1					24	—	—\$—	—
	1			1		55	—	—\$—	—
						49	—	—\$—	—
						50	300 hectolitros—milho	36\$000	3
	1					30	—	—\$—	—
	1					120	11:623 litros—aguardente	2:000\$000	3
	1					19	550 litros—idem.	180\$000	—
	1	1				9	300 litros—idem.	200\$000	—
	1					19	320 litros—idem.	300\$000	1
	1					107	2:790 idem e mantimentos	700\$000	2
	1					96	3:720 idem, alg. mantim.	1:236\$000	3
	1	1				49	Nenhuma.	—\$—	1
						8	500 litros—aguardente	120\$000	2
						—	—	—\$—	—
		1				24	Nenhuma.	—\$—	—
	1					26	465 litros—aguardente	100\$000	1
						39	—	45\$000	—
						12	—	150\$000	—
						4	500 litros—idem.	150\$000	1
						4	—	—\$—	—
						3	200 litros—idem.	55\$000	1
	1	1				8	1:495 litros—idem.	300\$000	2
	1					26	1:320 litros—idem.	200\$000	1
	1					46	3:990 litros—idem.	600\$000	1
						5	Alimentação para o pessoal	—\$—	—
						20	1:333 litros—aguardente	200\$000	1
	1	1	2	1	1	130	—	7:200\$000	3
		1				51	—	950\$000	1
						10	—	300\$000	1
	1	1	1			80	—	3:000\$000	4
	1			1		43	Variavel.	—\$—	2
		2	1	1	1	100	13:950 litros—aguardente	5:000\$000	4
	1	1	1			39	—	1:200\$000	2
	1		1			100	69:754 litros—idem.	6:000\$000	1
	1			1		120	37:200 litros—idem.	3:500\$000	1





Fazenda agrícola em Capangombe — a Tampa — propriedade do sr. Costa Jubim



a todas as aguas da Leba,
as leve ás fazendas mais
por meio de poços arte-
siais, attentas as condi-

estes terrenos basta
chuvás produzia
irrigada pelas
deficiencias to-
rva para as
rios.

CAPITULO III

CONCELHO DE KAPANGOMBE

saccha-

is.

cuja

ção

es



comprende a facha interior e a
borisada da zona baixa, que se pro-
longa com as vertentes occidentaes
da cordilheira da Chella.

A sua area é de 32,650 kilome-
tros quadrados, dos quaes apenas
5000 hectares estão cultivados por
26 propriedades agricolas estabe-
lecidas nas linhas d'agua que cor-
rem da Chella.

A area agricultada comprehende a povoação de Kapan-
gombe e os valles da Biballa, Moninho e Bumbo.

A povoação, séde do concelho, está situada sobre uma
planicie accidentada, limitada a léste pela Chella, que se
estende de norte a sul e pelas montanhas que marginam

os rios Moninho e Jimba (Dymba). A sua altitude é de 600 metros sobre o nivel do mar. Compõe-se de uma espaçosa fortaleza bem construida, dominando todo o valle do Bumbo, serve de residencia á auctoridade administrativa e militar do concelho; e de meia duzia de casas particulares que fazem negocio de permutação com os indigenas.

As propriedades agricolas, que são o elemento de vitalidade d'esta fertil região, occupam os valles da Biballa, Moninho e Bumbo, cujos terrenos são feracissimos e apropriados a variadas culturas, em especial ao algodão, cana saccharina, café, cereaes e legumes.

Os principaes rios, que pela abundancia e permanencia das suas aguas fertilisam os terrenos agricultados, são:

O Moninho, que irriga o valle da Biballa ao norte do concelho; nasce na Chella, segue de NE para SSW indo lançar-se no rio Bumbo.

O Jimba tem a sua origem nos contrafortes da Chella, recebe as aguas de diversos regatos que nascem nas portellas da Leba e Bruko e vae engrossar as aguas do Bumbo.

O Bumbo nasce na cordilheira, atravessa uma importante fazenda, fertilisa a bacia de Kapangombe e depois de receber as aguas dos antecedentes forma o rio Giraul.

Das 26 fazendas d'este concelho algumas estão bastante prosperas por ficarem situadas nas vertentes da Chella, onde aproveitam os ricos mananciaes d'agua permanente que corre do planalto, taes são: as propriedades da Tampa e Bumbo. Outras, que occupam as margens dos rios á distancia das suas origens, estão sujeitas a alternativas de progresso e decadencia por falta d'agua e pela prolongada estiagem, que tem reduzido consideravelmente a área das suas culturas, limitando-se os seus proprietarios a plantar exclusivamente cereaes e legumes para sustento dos serviçoes, taes são as fazendas do valle do Moninho.

A agricultura acha-se pois n'este concelho em estado de decadencia e facil será prever o abandono d'esta rica zona se não houver meio de obter agua, ou seja por intermedio

de um canal collector que reuna todas as aguas da Leba, Bruko e outros pontos da Chella e as leve ás fazendas mais desviadas das linhas d'agua, ou por meio de poços artesianos, que se nos afiguram realisaveis, attentas as condições que atraz deixamos apontadas.

Para avaliar da influencia da rega n'estes terrenos basta saber-se que uma area, que em annos de chuvãs produzia 2000 arrobas de algodão, actualmente esterilisada pelas seccas apenas produz 300. Para suprir estas deficiencias todas as fazendas possuem poços que fornecem agua para as regas por meio de bombas centrifugas e estanca-rios.

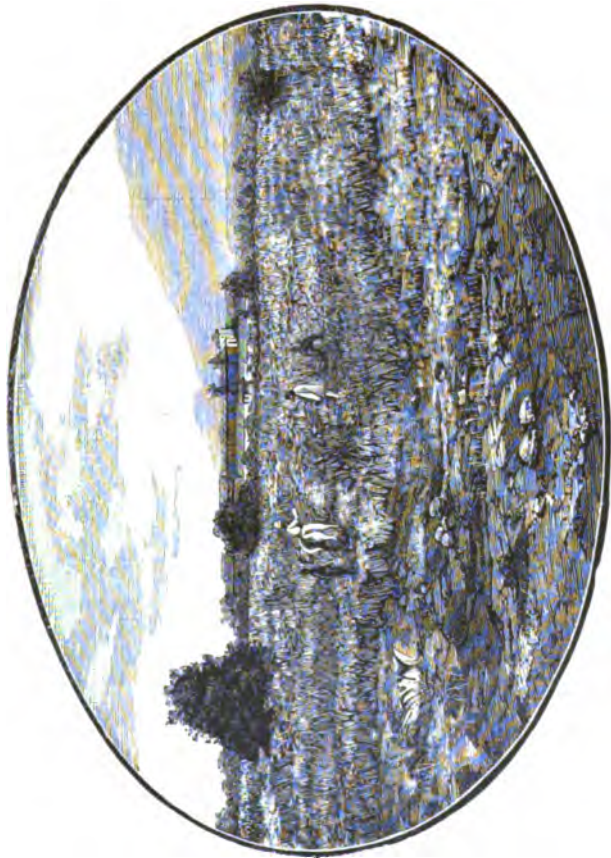
As principaes producções são: o algodão, a cana saccharina, café e trigo, no valor annual de 20:000\$000 réis.

O clima de Kapangombe é bastante insalubre por causa do grande numero de pantanos que se originam na estação das chuvas. Durante esta quadra dominam as formas mais graves da intoxicação palustre.

A temperatura é bastante elevada e pouco beneficio recebe dos ventos do quadrante do sueste, que correndo tangencialmente ao plan'alto n'uma altitude de 2000 metros não chegam a refrescar as camadas inferiores da atmospherã, que ficam como que estagnadas nos valles limitados pela Chella. Esta cordilheira forma uma alta barreira que se oppõe ao accesso dos ventos frescos do plan'alto. Apenas durante a estação secca, de maio a outubro, a temperatura é moderada pelas brisas que sopram do mar.

Mapa estatístico da população, gado, propriedades etc., do concelho de Kapangombe

População			Especies pecuarias					Área		N.º de fazendas		
Branços	Pardos	Pretos	Jumentos	Bois	Porcos	Carneiros	Cabras	Total	Cultivada	Valles		
										Bumbo	Moninho	Biballa
30	50	8500	12	300	50	200	150	32650 k.²	5000 h.	26		



PROPRIEDADE AGRICOLA DO SR. JOSÉ LUIZ RODRIGUES — NO MONINHO

CAPITULO IV

A ZONA ALTA



orma a região planáltica colonizada e explorada pela raça européa. Confina ao norte com o planalto de Kakonda no districto de Benguella; a léste e sul é circumdada pela porção do rio Kunene, que corre de norte a sul desde o Luceke até á Hinga e d'ahi curva-se na direcção do oeste até á fóz; a oeste tem por limite natural a extensa cordilheira da Chella, prolongando-se ao norte com as serranias de Tyninga, Ulonde e Huambo até o curso do rio Kuanza, e ao sul pega com a serra de Kanná e, apóz ligeira interrupção produzida pelo leito do Kunene, alonga-se pelo Ovampo dentro em direcção norte-sul até a Grande Namakua, occupando uma extensa linha de 400 milhas.

A sua altitude media é de 1800 metros sobre o nivel do mar.

Esta gigantesca barreira, originada em remotas convulsões geologicas, formava o relevo da costa africana banhada pelo Oceano, que então cobria o deserto arenoso da zona baixa, que pouco a pouco se foi erguendo, pondo a descoberto este extenso fundo do mar cretaceo. Esta theoria, fundada no estudo e confrontação dos caracteres geologicos das duas zonas, é sustentada pelos sabios exploradores Capello e Ivens na sua obra *De Angola á Contra-Costa*.

.....

Barreira gigante feita e ageitada durante as épocas geologicas remotas no gneiss e na quartzite, abrange longa linha de terrenos, formando pelo oeste um sombio paredão, que foi por espaço de seculos sentinella ao continente e protecção ao movimento convulcionado do mar, defendendo com a sua gneissica testada a acção corrosiva d'este na terra continental.

Outr'ora o seu aspecto devia ser muito differente. Batidas pelos ventos marinhos, lavadas a miudo pelas aguas espumantes, essas penedias erguiam-se certamente aridas e ennegrecidas, contrastando pela tristeza com a paizagem mais suave de hoje.

O afastar do oceano, do ruido e da sua varia influencia desviou d'ali a causa originaria da pertinaz lueta entre o viver vegetal e a acção triumphante das brisas do mar, e então, em vez das salgadas aguas, que lhe lavavam os sopés, vieram ou continuaram os doces arrosios do alto a sua obra benefica em favor do mundo vegetal.

E' magestosa e imponente a impressão que recebe o viajante ao contemplar do valle de Kapangombe a elevada linha sinuosa bordando o relevo dos altos pincaros, que abruptamente emergem do solo, estampando no fundo azul do espaço caprichosas configurações, que por momentos lhe surprehendem o espirito em muda admiração perante a grandiosa obra da natureza.

Por quatro gargantas se pode subir de Kapangombe ao plan'alto da Chella, e são: as portellas do Bruko e Leba, a aberta de Kilemba, o valle do Tandirikita e moderna-

mente a portella do Hoke descoberta pelos caçadores *boers*.

A portella do Bruko, fronteira á fortaleza de Kapangombe, é uma abertura rasgada a prumo na rocha, cujas arestas contornam em bordos nitidos e salientes escalvados paredões cortados a pique, contrastando com a luxuriante vegetação, que occupa o estreito valle refrescado por benéfica briza e irrigado por muitos regatos de chris-tallina agua, que brota aos borbotões da rocha.

A ascensão por esta portella faz-se por dois enormes degraus: o primeiro comprehende o socalco do Bruko com o desenvolvimento de 1000 metros de altitude. O caminho segue em caprichosos zig-zags por entre tufos de viçosa e gigantesca arborisação, desde a odorifera jasminea que embalsama o ar com o seu aroma até ao colossal bao-bab, que domina a scena com os seus musculosos braços estendidos em azas carinhosas por sobre as delicadas flores, que inclinam as mimosas corolas para os regatos alegres e ruidosos serpeando por entre as fragas.

O segundo degrau comprehende a Chella, cuja subida se torna cada vez mais ingreme, diminuindo o porte da vegetação até o arraial de Kaionda, onde ás rochas aridas se succedem terrenos argillosos avermelhados pelos oxidos de ferro, e a vegetação se torna rachitica, substituindo-se por largos tractos de terreno coberto de capim. A altitude é de 1829 metros. Seguindo por esta varzea desemboca-se no concelho da Humpata ao sul da serra da Nebe.

A estrada que corre por esta portella, foi construida no tempo do governador Fernando Leal. Apezar de um pouco arruinada pelas enchurradas na parte correspondente ao socalco da Chella, revella um vigoroso trabalho de arte talhado por mão de mestre.

A portella da Leba, fronteira á Tampa, forma um estreito valle, que corre a NW da fortaleza de Kapangombe. A sua ascensão faz-se por dois degraus: o primeiro é formado por uma montanha bastante ingreme da cordilheira da Leba com a altitude de 900 metros. Vencida esta barreira,

segue-se outra mais extensa, que termina por uma superficie plana, sobre a qual cae uma magnifica queda d'agua de 30 metros de altura, formando um bello lago de forma triangular circumdado de vigorosa vegetação. Nesta assentada encontra-se uma propriedade agricola, que produz trigo, milho, cará, feijão, etc. A altitude d'este segundo degrau é de 1900 metros. Dahi passa-se ao valle do rio Lubumbi, que conduz ao concelho da Humpata pela cordilheira da Leba, cuja maior altitude é de 2400 metros. A subida por esta portella é bastante incommoda pelo accidentado do terreno em arestas e depressões cavadas pelas aguas que brotam das cachoeiras da Leba.

A abertura da Kilemba, fronteira ao valle da Biballa, é occupada pela estrada carreteira, que parte de Mossamedes para as colonias do plan'alto.

E' por esta quebrada que sobem os vagoni *boers* carregados de mercadorias. A estrada alonga-se em muitas curvas afim de conservar a inclinação compativel com a subida dos carros. Desemboça ao norte do concelho do Lubango. Acha-se bastante arruinada por falta de reparação nos desnivelamentos produzidos pelas aguas das chuvas.

Partindo da Biballa entra-se no valle do Tandirikita, que conduz ao plan'alto por um carreiro tortuoso percorrido pelos indigenas. E' o mais curto dos caminhos, podendo ser vencido em 4 horas, mas em compensação é o mais ingreme e que maiores difficuldades oppõe á marcha. Possui densa arborisação e basto manancial de aguas, que formam o rio Tandirikita. Esta quebrada foi estudada pelo distincto engenheiro Machado, quando em 1888 procedia aos estudos do traçado do caminho de ferro de Mossamedes para o plan'alto.

Ha finalmente uma quinta garganta recentemente estudada pelo não menos distincto engenheiro Sampaio. Parece ser a mais suave das subidas e offerece boas condições de garantia para a construcção de uma estrada carreteira, que

substituirá com vantagem a aberta da Kilemba. Esta portella começa na região do Hoke ao sul de Kapangombe, atravessa a Bata-Bata e vae desembocar no Jau. A dar credito ás versões que correm, as difficuldades a vencer são insignificantes; a estrada acha-se naturalmente praticada em uma das encostas do valle conservando uma inclinação bastante suave em todo o percurso.

A maior altitude do plan'alto corresponde á parte occidental limitada pela Chella; tem a media de 1800 metros: d'ahi para léste e sul desce suavemente para o extenso valle do Kunene, onde attinge a altitude media de 1100 metros tomada na linha norte-sul que passa pelo Luceke, Kiteve e Humbe. D'esta disposição em plano inclinado resulta que as aguas pluviaes colhidas na vasta bacia do plan'alto correm segundo a resultante das duas direcções léste e sul, isto é, na diagonal que partindo da Huilla segue até ao Humbe; tal é a orientação natural do rio Caculovar, principal arteria que reúne as aguas das bacias do Nene, Lubango e Lupôlo

Os seus terrenos podem dividir-se em duas grandes categorias: enormes massas de gneiss, que effloram do solo em montanhas e serranias mais ou menos arborizadas, crusando-se em direcções diversas a formar os valles agricultados e povoados pela raça europêa, e terrenos de cultura que occupam os fundos d'estes valles. Este segundo grupo comprehende quatro classes com aptidões vegetativas diversas: *primeira*, solos fracos, de cor amarella e base silicatosa, compõem os terrenos mais baixos: *segunda*, solos medios, de cor avermelhada pelos oxidos de ferro e de base argillosa, formam os terrenos altos: *terceira*, solos ricos, de cor cinzento-escura, com grande percentagem em humus; *quarta*, solos de *anhara*, de cor parda, humidos, pouco aproveitados por causa do excesso de hu-

midade, occupam as margens dos regatos e pequenos rios. Os primeiros formam a base dos terrenos das bacias do Lubango e Huilla. Os segundos constituem os terrenos altos da plan'alto da Humpata. Os terceiros formam o valle do Chimpunpunhime e do Caculovar desde a sua junção até ao Humbe e grande parte da bacia do Kunene. Os quartos marginam os regatos originados nas vertentes das serras que circumscrevem as bacias do Lubango e Huilla.

Estes terrenos possuem optimas aptidões vegetativas para todas as culturas da Europa, produzindo com abundancia e maior percentagem os cereaes, feculas, legumes, hortaliças, arvores fructíferas das regiões extra-tropicaes e muitas culturas proprias dos paizes quentes, como: a cana saccharina, algodão, café, cará, etc., além de uma infinidade de arvores fructíferas dos tropicos.

Posto que com a altitude decresça o porte da vegetação, encontram-se n'estes terrenos extensas florestas, que fornecem excellente madeira e fructos de apreciado valor para os indigenas.

Systema fluvial

A rede fluvial da zona alta é formada pelos rios Kunene, Caculovar, Nene ou Chimpunpunhime e os seus afluentes.

O Kunene é a grande arteria que recolhe as aguas de todo o plan'alto da Chella por intermedio do seu tributario o Caculovar, que tem como principal afluente o Nene.

A porção do Kunene, para a qual dirivam as aguas do plan'alto, forma um caudaloso rio que corre em direcção norte-sul desde o Luceke até ao Humbe. Ahi forma uma longa curva, circumda a Donguena e, chegando á Hinga, dá um salto gigantesco precipitando-se no leito arenoso; toma o rumo do oeste desaguando no oceano ao sul da bahia dos Tigres na latitude do paralelo 17°.

Durante este longo percurso recebe enorme massa de

aguas pluviaes conduzidas por numerosas *dambas* ou *mulolas* que sulcam a parte oriental e sul do plan'alto.

Banha grande numero de paizes, fertilizando as suas zonas marginaes: a occidente, o Luceke, Mulondo, Kiteve, Kamba, Humbe, Donguena; a oriente: Gangela, Vale, Kuanyama, Kuamatui, Hinga, Kualuhundi e Donga.

Durante a quadra das chuvas torrencias, de janeiro a maio, as aguas do Kunene espraiaem-se pelos terrenos marginaes produzindo innundações que se estendem a distancias de 2 e 3 lëgoas. As aguas correm ruidosas levadas com extraordinaria velocidade, arrastando na sua massa ennegrecida arvores collossaes, *cubatas*, bois, etc. Passada a quadra chuvosa, vão lentamente baixando e recolhendo ao leito. Depositam sobre os terrenos alagados grande quantidade de materias organicas que os fertilisam, tornando-os aptos para as culturas indigenas.

Esta grande arteria é navegavel na estação secca desde as alturas do Luceke até ás cataractas entre a Hinga e o Sul da Donguena. De agosto a novembro o seu volume reduz-se consideravelmente podendo ser atravessado a vau em diversos pontos, mas não chega a seccar.

O rio Caculovar (Kakulo-bale) tem as suas origens nas montanhas que formam a bacia do Lubango. Irriga as colônias Sá da Bandeira e do Caculovar, segue ao rumo do léste, curva-se para o sueste fertilizando os terrenos marginaes na extensão de 30 kilometros, que formam o seu valle superior, e, chegando á Kihita a sueste da colonia da Chibia, recebe as aguas do Chimpumpunhime: d'ahi corre ao sul até o concelho dos Gambos no parallelo 16º; tomando de novo o rumo do sueste atravessa o *sobado* do Humbe lançando-se no Kunene á distancia de 2 legoas a sueste da fortaleza.

No seu percurso, que abrange aproximadamente dois graus, vae successivamente avolumando com aguas derivadas por differentes *mulolas*, que drenam a vasta bacia comprehendida entre os dois rios.

O seu valle inferior, que se estende da Kihita ao Humbe, é bastante fértil produzindo com abundancia as culturas indigenas.

O rio Nene tem as suas origens na Cordilheira da Nebe, no concelho da Humpata. Por intermedio dos seus afluentes irriga as colonias de S. Januario e Palanka, toma o rumo do sueste, circumda a bacia da Huilla pelo lado do sul, vira a léste até a colonia da Chibia, fertilisa os seus campos marginaes; d'ahi até a confluencia com o Caculo-var na Kihita toma o nome de Chimpumpunhime.

Os terrenos que formam este valle são os mais férteis do planalto, e pela sua disposição em extensas varzeas de pequena accidentação, são os mais aptos para culturas europeas em longa escala.

Todos estes rios durante a estação das chuvas torrençias adquirem grande volume d'agua, que trasborda inundando os terrenos marginaes e difficultando o transitio. Estas innundações são proveitosas ou prejudiciaes para os terrenos agricultados conforme a sua accidentação, da qual derivam maiores ou menores difficultades ao livre curso das aguas. É assim que na bacia do Lubango ellas prejudicam a fertilidade dos solos agricultados, roubando-lhes grande parte das materias organicas, que vão sendo depositadas nas varzeas, por onde as aguas correm desafrontadas e menos rapidas. No valle do Chimpumpunhime ellas concorrem para augmentar o vigor vegetativo do solo das suas margens depositando n'ellas a riqueza organica arrastada dos pontos altos e accidentados.

Regimen pluvial

O anno divide-se em duas estações: chuvosa e secca. A primeira começa em outubro e termina em abril; a segunda começa em maio e estende-se até setembro. Cada uma d'ellas subdivide-se em duas partes. A estação chuvosa comprehende duas quadras: das pequenas e das grandes chu-

vas. A primeira abrange os mezes de outubro a janeiro, em que as chuvas são pouco abundantes, com intervallos de alguns dias, acompanhadas de pequenas trovoadas, que começam de dezembro em diante. N'esta quadra passam-se periodos de quinze dias em que não chove.

A quadra das grandes chuvas começa em janeiro e termina em abril, tendo o seu maximo em fevereiro e março. São chuvas torrencias acompanhadas de medonhas trovoadas, que duram, em media, tres horas. E' a epocha em que apparecem numerosas torrentes e riachos; os rios trasbordam innundando os terrenos marginaes e difficultando o transitio.

As chuvas obedecem a um regimen certo.

Pela manhã o ceu está limpido e a athmosphera pura sem manifestação alguma que presagie uma borrasca. Ao meio dia começa a condensação do vapor d'agua em todo o plan'alto, apparecendo pequenos flocos de nuvens, que, a principio destacados, vão-se pouco a pouco avolumando e fundindo em grandes massas acinzentadas arrastadas pelo vento sueste, que domina n'esta quadra. Começa a chover das 2 para as 4 horas da tarde, raramente chove pela manhã e á noite. Em media chove torrencialmente duas horas seguidas, com fortes descargas electricas.

Na quadra das pequenas chuvas as nuvens correm ao noroeste bastante afastadas da terra e em pequenas massas; as descargas electricas dão-se de nuvens para nuvens; na quadra das grandes chuvas, em que domina impetuoso vento do sueste, as nuvens reúnem-se em grandes massas, que correm aproximadas á terra; dão-se grandes e repetidas descargas electricas das nuvens para a terra, caindo em regra as faiscas sobre as montanhas e rios, em cujas margens se dão frequentes casos de fulminação. Na primeira quadra chove isoladamente em uma ou outra colonia conforme a quantidade de vapor condensado sobre a sua area e a predominancia dos ventos; na segunda chove á mesma hora em todo o plan'alto e com a mesma violen-

cia. Em regra, as chuvas torrencias não começam antes do meio dia e não passam além das 6 horas da tarde.

Em abril decrescem as chuvas, e as trovoadas vão rareando, o vento sopra do nordeste ou noroeste.

A estação secca subdivide-se em duas quadras: a primeira abrange os mezes de maio, junho e julho; é caracterizada pelo abaixamento brusco de temperatura de manhã e á noite, pelas ventanias que sopram do noroeste e pela formação da geada. E' a quadra de maior frio, em que o thermometer baixa a 0 pela madrugada e sobe a 20 graus ao meio dia. E' a epocha das maiores variações thermometricas.

A segunda quadra vae de julho a outubro. Desapparece a geada, a temperatura torna-se mais igual e os ventos sopram do norte e nordeste com pouca intensidade.

As variações thermometricas acompanham as differentes quadras do anno, mantendo um coefficiente constante em relação com a situação dos logares.

A temperatura media, á sombra, de cada uma das colonias é a seguinte:

Estação das chuvas

Colonia Sá da Bandeira	Altitude	1800m
	Temperatura media . .	20°

Esta colonia está situada no fundo de uma bacia formada por montanhas altas ao norte, leste e sul; é desabrigada do lado do oeste.

Colonia do Caculovar.	Altitude	1780m
	Temperatura media . .	19°

Está situada sobre a margem direita do rio Caculovar em terreno desafrontado e varrido pelos ventos dominantes.

Colonia de S. Januario	{	Altitude	1887m
	{	Temperatura media	18º
Colonia <i>boer</i> da Palanka	{	Altitude	1900m
	{	Temperatura media	16º

A Humpata forma um plan'alto uniforme com pequena inclinação na linha norte-sul. E' desabrigado de montanhas dando franco accesso aos ventos dominantes, que limpam os terrenos habitados de todas as impurezas. Reinam n'este plan'alto durante o dia ventos frescos do noroeste.

Povoação da Huilla	{	Altitude	1780m
	{	Temperatura media	20º

Está situada dentro de uma vasta bacia formada ao norte e oeste pelas montanhas que limitam o plan'alto da Humpata, e ao sul pelos montes da Katala Pituako. E' desabrigada pelo lado do oeste. Recebe os ventos frescos da Humpata, que lhe fica ao noroeste.

Colonias da Chibia e Ioba	{	Altitude	1650m
	{	Temperatura media	22º

Estão situadas, em terreno plano e desafrontado, nas margens do rio Chimpumpunhime.

Estação secca

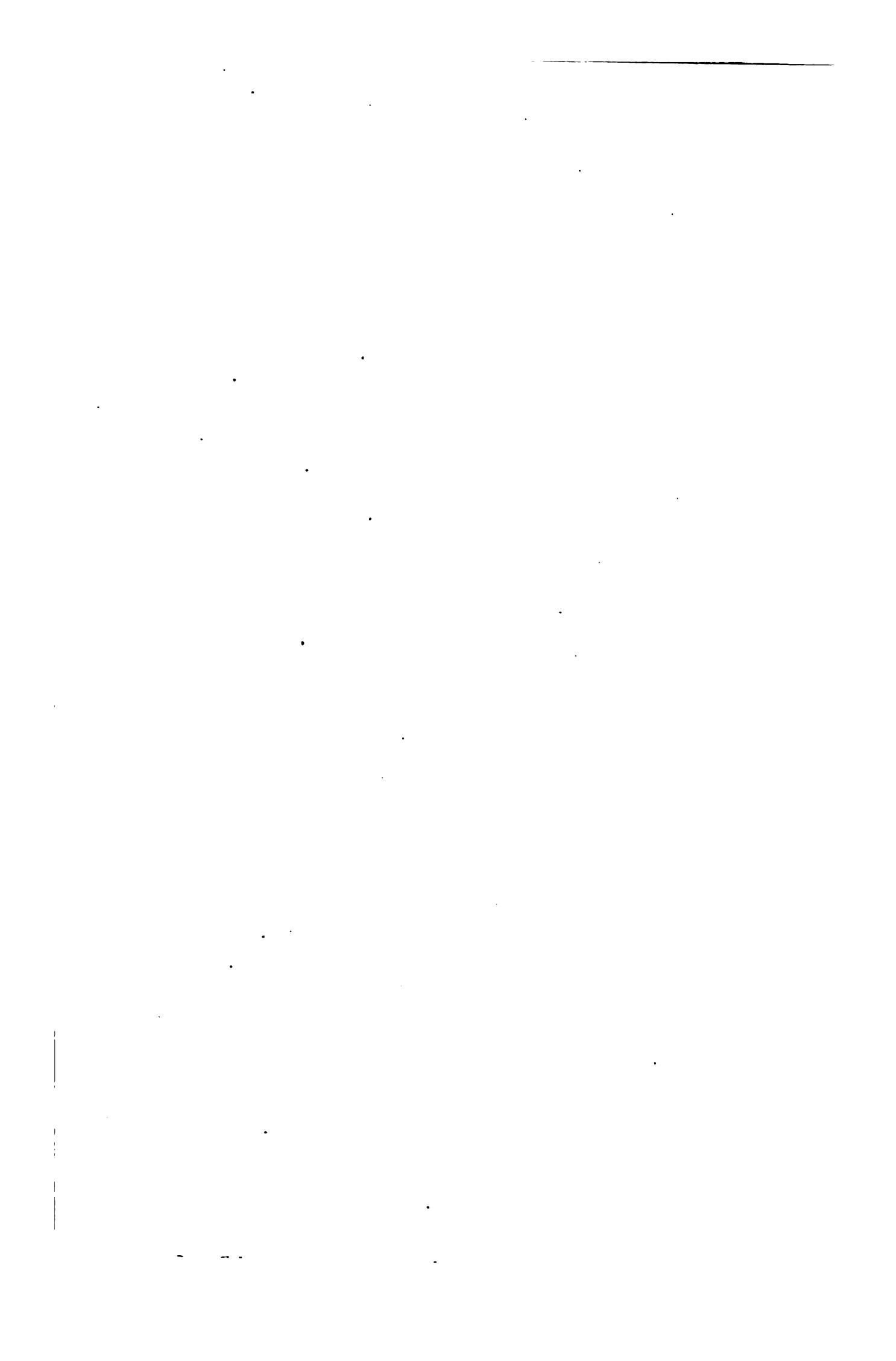
Palanka — temperatura media			9º
S. Januario	»	»	10º
Sá da Bandeira	»	»	15º
Caculovar	»	»	14º
Huilla	»	»	14º
Chibia)	»	»	16º
Ioba)			

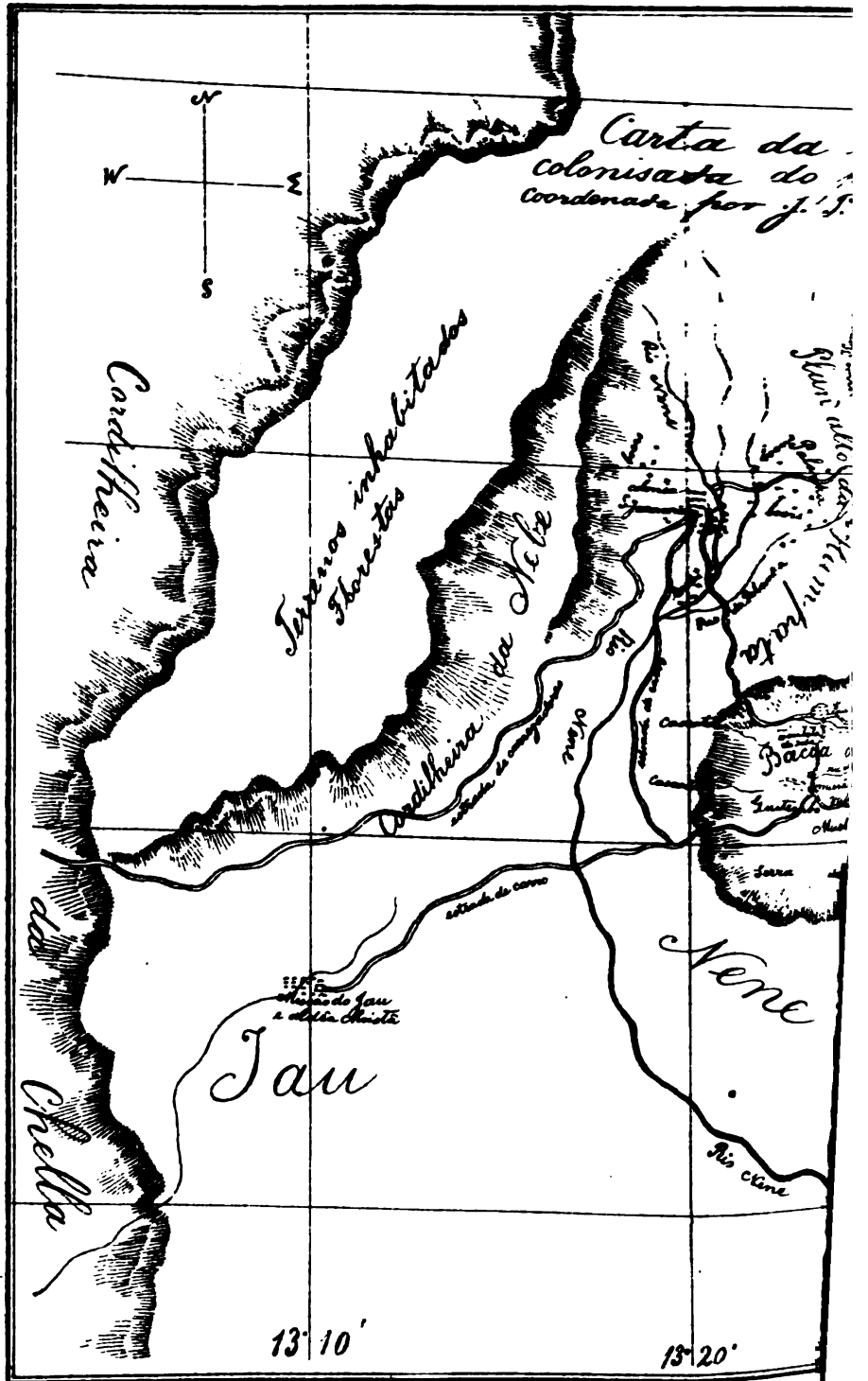
Os ventos dominantes são: na estação chuvosa o sueste e na secca o noroeste.

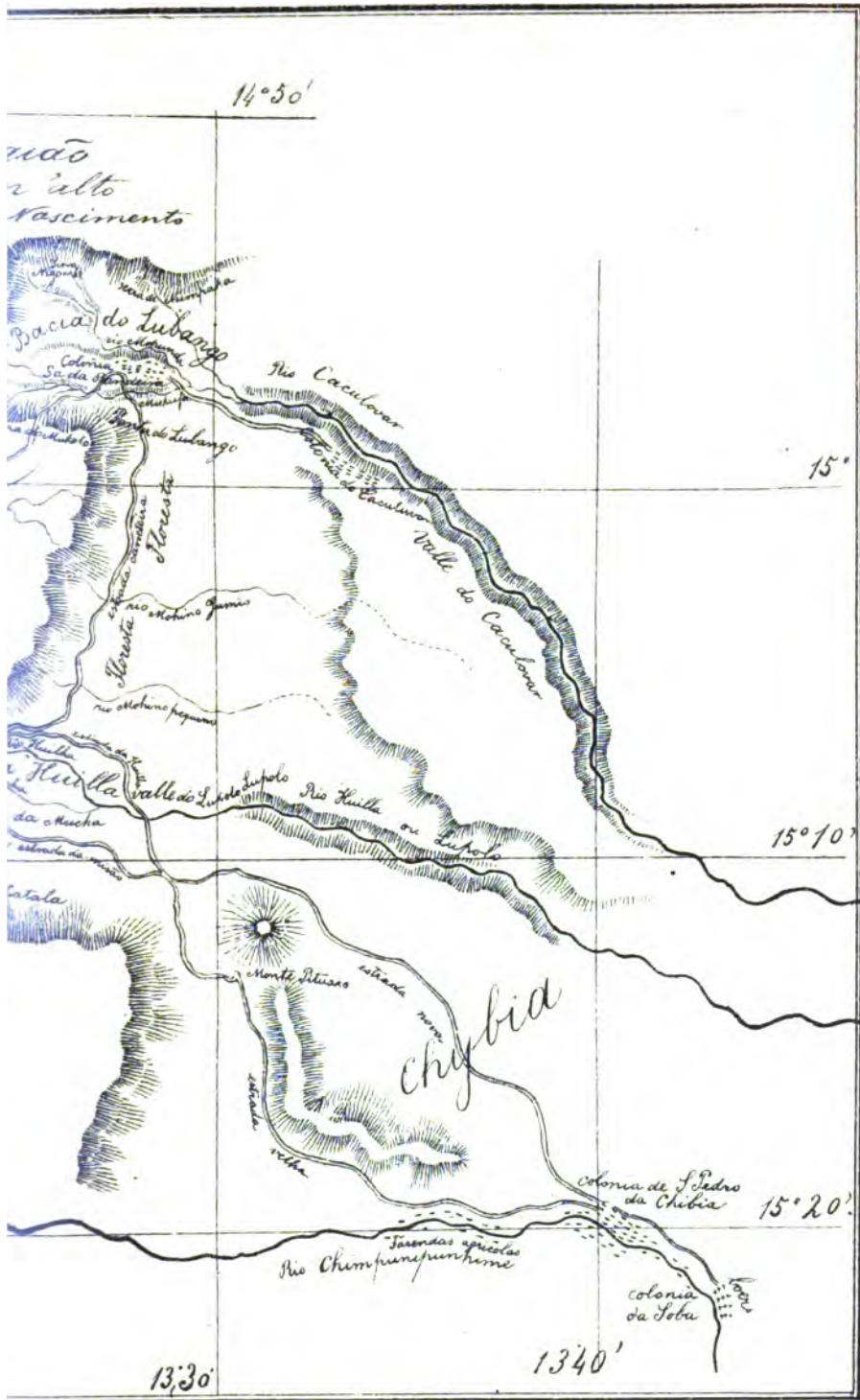
Sob o ponto de vista da adaptação da raça branca podemos dividir o plan'alto em duas zonas: a primeira, mais elevada e fria, occupando a parte occidental fronteira a Kapangombe, forma a area de colonisação europêa e abrange os concelhos da Humpata, Lubango e Huilla com importantes nucleos de população branca: a segunda, interior, b'aixa e quente, occupando a parte sul e oriental da bacia do Kunene e valle inferior do Caculovar, impropria para a acclimação da raça branca pela insalubridade do seu clima, forma a area de colonisação indigena e exploração commercial; abrange os concelhos dos Gambos e Humbe, e paizes limitrophes de Kunene, cujo estudo damos na segunda parte d'este livro.

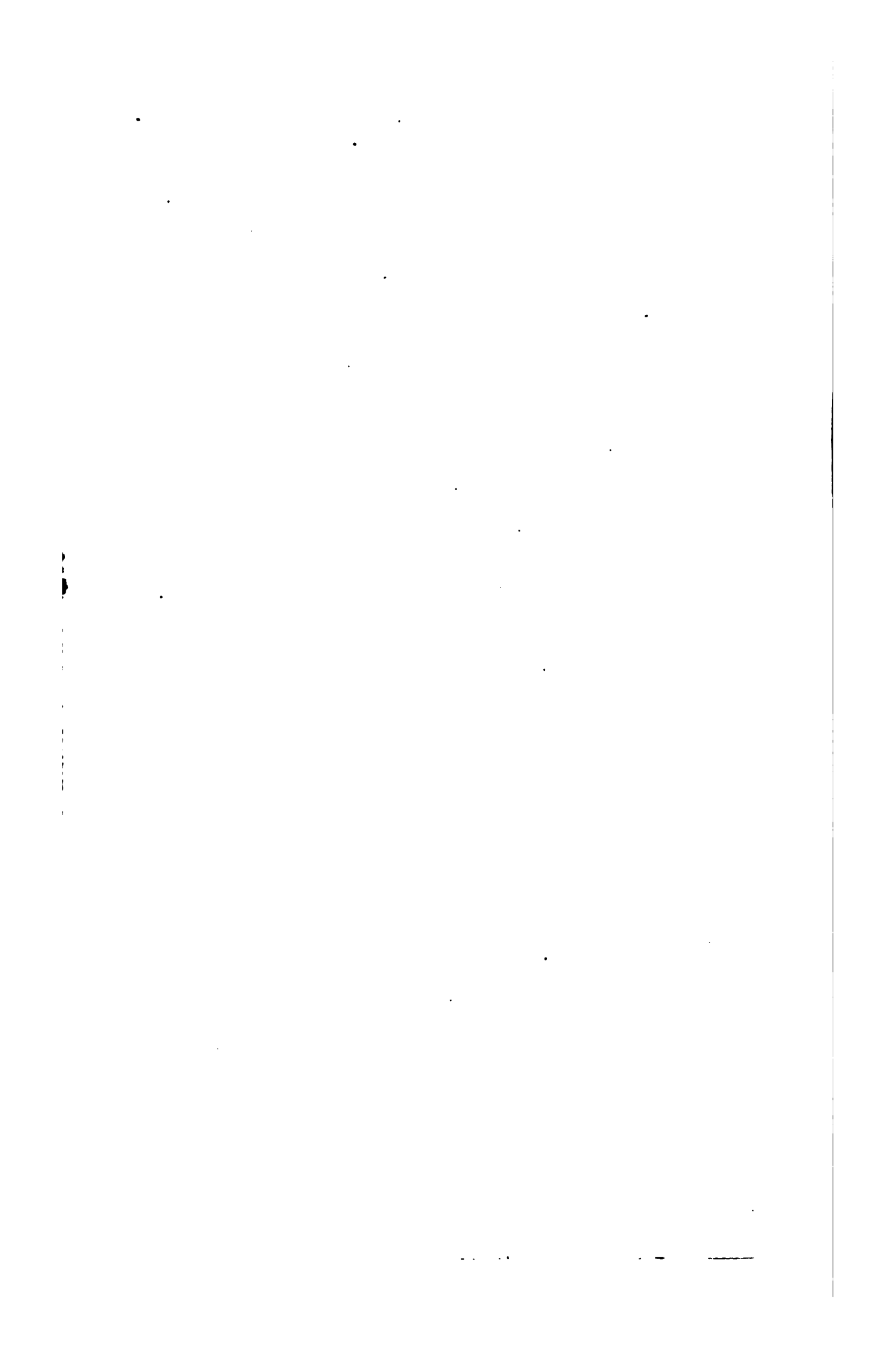
A area de colonisação europêa comprehende uma superficie com o raio de 60 kilometros, tendo por centro a colonia da Chibia; é formada pelos concelhos da Humpata, Lubango e Huilla. O seu clima é saluberrimo, em tudo comparavel ao da Madeira e norte de Portugal. Acha-se occupada por colonias constituídas por portuguezes oriundos da Madeira e provincias do norte de Portugal e hollandezes da Africa, conhecidos com a designação de *boers* (homens do campo). Estas povoações estão bastante florescentes e para ellas vão todos os mezes grande numero de familias madeirenses, que desde a sua chegada entregam-se á agricultura e a diversas profissões, taes como: carpinteiro, pedreiro, serralheiro, sapateiro, etc.

N'este plan'alto é realisavel e está realisada a acclimação da raça branca. Ha creanças, filhas dos colonos madeirenses e *boers*, em numero mais que sufficiente para provar a acclimação. Espalhados pelo antigo concelho da Huilla









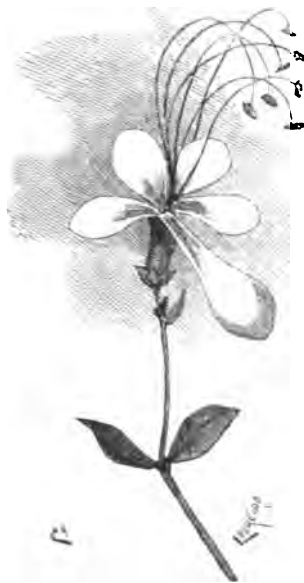
encontram-se numerosas familias em 3º e 4º grau conservando puros os caracteres da raça caucasica. Encontram-se n'este plan'alto individuos robustos e sadios com 70, 80, e 90 annos de idade, que contam 20, 30 e 40 annos de residencia continua sem manifestar a menor alteração que revelle resistencia do organismo á sua adaptação ao novo meio. Esta adaptação é completa e como tal deve considerar-se como verdadeira acclimação. Provam-no as florescentes colonias madeirenses e *boers*, o grande numero de creanças, a longevidade de muitos habitantes da Huilla e os seus descendentes.

Na qualidade de medico naval tivemos ensejo de visitar e estudar a maior parte das nossas colonias da costa occidental da Africa durante seis annos de permanencia em differentes climas. Percorremos todas as ilhas de Cabo Verde e Guiné e conhecemos os seus effeitos climatericos e nosologicos. Estacionámos por varias vezes em S. Thomé e Principe, Ajudá, Loanda, Benguella e Mossamedes, onde exercemos a profissão medica; pois bem, da comparação das condições climatericas e meteorologicas de cada uma d'estas localidades com o regimen ectiologico e nosologico ficou-nos a profunda convicção de que *só* no districto de Mossamedes e em especial no plan'alto existe a verdadeira acclimação do europeu provada já por numerosissimos factos.

As manifestações do impaludismo no plan'alto são tão atenuadas que perdem toda a gravidade. Resumem-se em febres palustres quotidianas e terças que duram pouco tempo sendo facilmente debelladas pelo uso do sulfato de quinino. As formas graves da intoxicação palustre não existem na area da colonisação europêa.

As povoações, em que desde a sua chegada os colonos e imigrantes podem entregar-se aos trabalhos de campo e a differentes ramos de industria, são: no concelho do Lubango as colonias Sá da Bandeira e Caculovar; no concelho da Humpata as colonias de S. Januario e Palanka

e no concelho da Huilla, a povoação d'este nome e as colonias de S. Pedro da Chibia e Ioba. Alem d'estas localidades já foram estudados e escolhidos novos terrenos para futuras colonias além da união dos rios Cacuovar e Chimpunhime.



CAPITULO V

CONCELHO DA HUMPATA



stende-se pelo plan'alto da' Humpata, (On-Pata) que occupa a parte mais occidental da zona alta.

Comprehende a colonia de S. Januario, habitada por madeirenses e holandezes e a Palanka occupada exclusivamente por holandezes.

A sua area é de 8100 kilometros quadrados, dos quaes sómente 150 hectares estão occupados pelos colonos.

E' formado por um systema de montanhas e collinas distanciadas de 35 a 75 kilometros dos solos agricultados, ficando por isso bastante desafrentados.

E' limitado a oeste pela cordilheira da Chella; ao norte pela bacia do Lubango; a léste pelo valle do Lupôlo e hacia da

Huilla e ao sul prolonga-se pelo valle do Chimpumpunhime até aos Gandos.

É atravessado de NE para SSW por uma cordilheira com designações diversas, da qual a mais importante é a serra da Nebe.

Este concelho é sulcado por grande numero de pequenos rios, sendo o principal o Nebe que reúne as aguas de todos os outros. Este rio tem a sua origem na serra do Nebe a N do concelho; atravessa a colonia de S. Januario abastecendo-a por meio de uma levada de 5 kilometros. Durante o seu percurso toma diversas designações. A 12 kilometros da povoação chama-se Gando, mais adiante tem o nome de Tybangala, mais abaixo, tendo recebido as aguas de diferentes afluentes forma o Nene, que passa a ser denominado Chimpumpunhime desde que volta o seu curso a E e ESE até á sua confluencia com o Cacu-lovar a S da Kihita. Tem como afluentes principaes os rios Typandeu e Kanyange, que nascem a E da séde do concelho e vão lançar-se n'elle a meio da colonia de S. Januario; o Kaienga, que nasce a W na serra do Huio e depois de um curso de 7 kilometros lança-se no Nebe dentro da povoação.

A Palanka é formada por uma planicie bastante uniforme, ondulada apenas por um systema de collinas baixas. O seu principal rio é constituído por tres riachos e apóz um percurso de 12 kilometros lança-se no Nebe junto á lagoa do Gando.

Além d'estes rios o plan'alto da Humpata é irrigado por outros de menor importancia, taes são: o Mutylambo, que fertilisa o Jau e o Melambe, que atravessa a Bata-Bata.

Colonia de S. Januario

Está situada na parte central d'este plan'alto com a altitude de 1887 metros. O seu clima é saluberrimo, com justa razão considerado o melhor de toda a zona alta. Possui

abundancia d'agua que é magnifica e contem ferro. Os seus terrenos são ferteis e prestam-se a todas as culturas europêas.

Foi fundada em 1881 por um grupo de familias hollandezas que haviam emigrado do Transvaal e se estabeleceram em territorio portuguez mediante authorisação do governo.

Em 1883 o governo mandou reforçar este nucleo de colonisação com os sobreviventes da extincta colonia Julio de Vilhena, e em 1885 começou a corrente de imigração madeirense.

Os colonos *boers*, até então unicos senhores d'esta fertil e salubre região, desgostaram-se da proximidade turbulenta dos seus novos visinhos e concorrentes, que foram perturbal-os no seu viver pacifico, armando-lhes futeis questões por causa da divisão dos terrenos e partilha das aguas e sobretudo por serem individuos da mais baixa esphera, indolentes e viciosos; venderam os seus terrenos e foram estabelecer-se na Palanka: alguns, mais descontentes, tomaram a resolução de regressar para o Transvaal.

Do primitivo nucleo *boer* que iniciou a colonia de S. Januario ficaram residindo n'ella apenas doze familias.

A maior parte dos colonos da extincta colonia Julio de Vilhena abandonaram o planalto em 1885, epocha em que findaram os seus contractos.

Da colonia madeirense, que já formava um importante nucleo, foram retirados 44 individuos de ambos os sexos que se estabeleceram no valle do Chimpumpunhine fundando a colonia de S. Pedro da Chibia, sendo mais tarde reforçada com algumas familias pertencentes á colonia Sá da Bandeira.

A colonia madeirense em S. Januario compõe-se de 28 familias com 149 pessoas. Este numero porém vae crescendo por isso que o governo, tomando em attenção a fertilidade dos terrenos da Humpata, o seu rico manancial

d'aguas, a salubridade do seu clima e a conveniencia de ter ao lado dos *boers* portuguezes que contrabalancem a sua influencia, resolveu estabelecer uma vasta colonisação madeirense no valle do Nene.

Esta povoação está em communicação com a colonia Sá da Bandeira e Huilla por meio de 2 estradas carreteiras com a extensão de 17 kilometros cada uma.

A povoação, séde do concelho, compõe-se de grande numero de cazas de colonos madeirenses e *boers*, dispostas com pouca regularidade e alternando com os terrenos agricultados, a que dão o nome de arimos. A maioria d'estas cazas são feitas de adobe (especie de tijollo endurecido ao sol) e cobertas de colmo.

Existem oito ruas eujos nomes são: Bella Vista, Francisco Costa, Bettencourt, S. Sebastião, Mercado, Frederico Botha, Pitter Botha, Acampamento. Ha uma avenida com o nome de Eleutherio Dantas e um largo denominado Praça da Colonia.

As edificações publicas comprehendem: a residencia do director da colonia e chefe do concelho, casa ordinaria e sem commodidades; é construida de adobe e coberta de colmo; n'ella estão installadas as repartições publicas; o quartel do esquadrão de cavallaria, composto de duas cavallariças, uma enfermaria para os cavallo e casa da arrecadação, cobertas de ferro zincado; uma casa arruinada em que vivem os soldados; a cadeia acanhada e mal construida; a capella em ruinas.

Existe um templo protestante mandado construir por subscrição aberta entre os *boers*.

Os arimos dos colonos occupam 150 hectares de terrenos cultivados. As principaes culturas são: trigo, batata doce, batata ingleza, milho, feijão, ervilha, fava, hortaliças e arvores de fructo.

A vinha dá-se bem n'estes terrenos e alguns colonos já teem fabricado pequenas porções de vinho, que é de boa qualidade.

Colonia da Palanka

Fica a 7 kilometros a sueste da colonia de S. Januario. E' habitada por 60 familias hollandezas com 323 pessoas. As casas estão situadas a distancia de 1 e 2 kilometros umas das outras, occupando uma area enorme sulcada de estradas em todas as direcções.

Os *boers* não gostam do bulicio, amam a vida isolada em que não tenham a soffrer questões de visinhança.

As suas casas são bem construidas, espaçosas, commo-
das e muito aceiadas.

Os *boers* são muito dedicados a Portugal, e tem prestado relevantes serviços na manutenção do nosso dominio nos sertões dos districtos de Mossamedes e Benguella, concorrendo poderosamente pelo seu prestigio e influencia para submetter e avassallar muitos povos rebeldes. E' certo que são dotados de um espirito altaneiro e independente e não se sujeitam nem amoldam a leis, codigos e mais formulas de administração publica, pelo que tem sido injustamente mal apreciados, mas é incontestavel que são homens de uma raça superior, dotados de inquebrantavel força de vontade, honestos, sobrios e trabalhadores. O districto de Mossamedes e em especial o plan'alto deve-lhes entre muitos melhoramentos a paz octaviana que hoje disfructa em beneficio da sua agricultura e commercio. Foram elles que domaram os irrequietos povos indigenas d'este plan'alto, castigando com rigor os roubos e morticínios praticados contra os brancos, que então viviam sob a tutela dos regulos. São elles que nos momentos de angustiosas crises por que passam os poucos portuguezes internados pelos vastos sertões do Kubango, Bihé e Humbe, correm generosamente em auxilio das nossas diminutas forças, incutindo-lhes animo para arrostarem contra as tremendas hordas de selvagens, que ameaçam de vez em quando aniquilar o nosso prestigio, pondo em evidencia as suas altas

qualidades de guerreiros affeitos ás inclemencias da vida do matto e vertendo o seu sangue, sacrificando a vida e os bens em defeza dos nossos interesses. As campanhas do Kubango, do Bihé e do Humbe são documentos perduraveis, que attestam a veracidade das nossas palavras.

Quando em 1881 entraram os *boers* no nosso territorio, a nossa influencia no plan'alto era insignificante; os pequenos nucleos de portuguezes, que então viviam na Huilla e no Humbe, dependiam da authoridade dos povos indigenas que consideravam irrisoria a nossa authoridade, mais nominal do que real. D'então para cá travaram-se sangrentes luctas entre os indigenas e os *boers* acostumados a dominar a raça africana, até que prevaleceu a influencia dos ultimos em beneficio da nossa authoridade, que passou a ser acatada e respeitada pelos vencidos.

Não comportam os acanhados limites d'este modesto trabalho um estudo detalhado sobre estes corajosos pioneiros da Africa, sobre a sua influencia na civilização africana e os longos serviços desinteressadamente prestados a bem do nosso dominio. A historia commovente da sua peregrinação do Transvaal á Humpata atravez do deserto do Kalahari, as fadigas, perseguições e desgraças que os acompanharam, são magistralmente narradas pelo distincto major Arthur de Paiva, na segunda parte do seu bem elaborado relatorio sobre a campanha do Bihé.

Não podemos esquivar-nos a transcrever alguns periodos de interesse palpitante para quem deseje conhecer o caracter e os costumes d'estes bravos descendentes de Pretorius.

.....

De caracter tenaz, espirito independente e dotado d'uma força de vontade incomparavel, tem comtudo recuado passo a passo em face das exigencias d'uma civilização gananciosa, occulta sob a capa humanitaria e sympathica do progresso do indigena, e da engrenagem complicadissima da machina governativa, cuja theoria burocratica inexplicavel ao seu modo de pensar, pratico e simples, não comprehendia.



BOERS

Cioso de liberdade repelle toda a innovação tendente a cercar-lh'a. Foi assim que o Transvaal se achou sob o dominio do verdadeiro *boer*, o *vootrekker*, cujo typo caracteristico tivemos occasião de observar.

Era de prever que um povo em que predominava o elemento expulso da Europa pela revogação do Edito de Nantes e perseguições religiosas que se seguiram em diversos paizes, descendendo na maior parte de familias de antiga nobreza, activas e pouco costumadas a dobrar o cerviz, se não amoldasse nos sertões africanos á vontade, muitas vezes despotica, dos governantes, possuindo vasto campo onde exercer a sua actividade e força para repellir imposições que lhe não agradassem. Além d'isso a sua educação biblica levava-os a imitar a vida nomada dos antigos patriarchas; e os exodos em busca de terra promettida succederam-se uns aos outros sem que as authoridades do Cabo lhes podessem pôr impedimento.

.....

Os *boers* são em geral valentes e aguerridos.

São tão agricultores como qualquer dos chamados agricultores do plan'alto, e sabem mais sobre o assumpto do que muitos d'elles.

Além d'isso, o *boer* é creador de gado, ferreiro, carpinteiro, sapateiro, curtidor, etc. Sabe das artes mais indispensaveis o bastante para construir a sua casa, concertar o seu carro, curtir o couro com que faz o calçado para si e sua familia, fazer as suas mezas, cadeiras, camas, etc. E' tambem grande caçador e a mulher e os filhos tomam a seu cargo as plantações se a sua ausencia se prolonga.

Os seus costumes são simples e honestos. Respeitam muito o ministro da sua religião, não consentindo que elle tome uma parte activa nos seus negocios politicos, mas não despresando tambem os seus conselhos.

Todos elles sabem lêr e escrever ou pelo menos, assignar o seu nome, e são tão versados na escriptura sagrada como os seus proprios ministros. Quando lhes faltam professores, a sua instrucção rudimentar é transmittida de paes a filhos com uma persistencia digna de louvor.

Ocioso será dizer que o colono madeirense comparado com o *boer* deixa muito a desejar. Boçal, ignorante, vicioso e indolente, escumado das ultimas camadas da população baixa da Madeira, não produz a quarta parte do trabalho d'aquelle, nem dispõe da energia e coragem para se impor no animo do indigena, que não lhe encontrando outros

predicados, além da cor branca, que esta eleva a supremacia de raça, chama-o com o seu irmão ao serviço e estimula a viver sob o influxo da ventosa albricia.

Para não nos desviarmos da orientação que nos impoem, deixamos de mão este assunto, limitando-nos a que nos arrastana a fazer ver, nos annos allás lidos, a grande reflexão por parte dos polacos polacos — Voltamos aos nossos prestimos e collimos a olhar.

O *boer* é agricultor, mas dá-lhe-se com mais attenção á criação de gado, á caça e ao transporte de mercadorias nos seus espaçozos vazios. O *boer* é considerado rico, quando possui um ração, uma manada de bois, um cavallo e uma arma apertada pela. É honrado nos seus negócios e honrado nos seus contratos. Fala a lingua portugueza, mostra interesse pelo progresso das nossas colonias e admira a suavelidade das nossas leis, com o que não se conformam é com a brandura dos nossos costumes para com os pretos. Dizer que não estrazamos o negro inculta l'elle principios de civilização que deve ignorar e dar l'elle importancia e attenção que não merece. Atóra estes preconceitos de raça que derivam certamente das grandes luctas que os *boers* travaram com as raças indigenas para as subordinar á sua influencia, e manter a supremacia da sua raça no interior d'África, são excellentes pessoas, singelos no seu modo de vida patriarchal, affaveis no tracto, attenciosos e prestaveis.

É convicção nossa que o celebre explorador Lewington se deixou arrastar por um inqualificavel espirito de animadversão contra os *boers* e por ventura prestou demaziado credito ás narrações de muitos povos, que andaram em lucta com elles. Só assim se explica a maneira aggressiva e deslial com que o sabio explorador pretendeu deneigrir os habitos de vida nomada d'estes arrojados pioneiros da civilização e progresso africano.

Os terrenos da Humpata são ferteis e apropriados a muitas culturas europêas; alem de diversas variedades de tri-

gos duros e mollares e leguminosas, encontram-se nos arimos dos colonos muitas arvores fructiferas, taes como: nogueira, amendoeira, cidreira, pecegueiro, lorangeira, limoeiro, marmeleiro, pereira, macieira, amoreira, etc., todas com excellente desenvolvimento.

Existem algumas plantações de eucalipto de grande utilidade para o saneamento da povoação.

Nas florestas, que se acham bastante desviadas das povoações, encontram-se muitas especies vegetaes, fornecendo optima madeira para construcção, taes são; a mupanda, com boa madeira clara applicavel a obras ligeiras, a sua casca é adstringente usada em larga escala na curtição dos couros; o munyende, cuja madeira é roxa, nodosa; a nocha de consistencia rija; o mungôlo de cor amarella, fornece excellente madeira para obras de carpintaria; o pau, ferro, etc., etc.

A despeza feita pelo governo com esta colonia durante o anno economico de 1890-1891 foi de 2:185\$000 réis, distribuidos em subsidio aos colonos, obras publicas, transportes etc.



-	Pintores	Artes e officios	472	Numero de habitantes da colonia		
-	Alfaiates		88	Numero de familias de colonos		
4	Barbeiros		116	Maiores	Masculino	Sexos
3	Carpinteiros		118	Menores		
-	Curtidores		105	Maiores	Feminino	
4	Pedreiros		133	Menores		
2	Moleiros		264	Masculino	Branca	Racas
-	Surradores		208	Feminino		
1	Marceneiros		24	Masculino	Preta	
8	Serradores		46	Feminino		
1	Sapateiros		10	Masculino	Parda	
450	Jornaleiros e empregados de agricultura		8	Feminino		
4	Sapateiro	88	Masculinos	Casados	Estados	
4	Oleiro	88	Femininos			
-	Funileiro	-	Masculinos	Viuvos		
-	Alfaiate	1	Femininos			
-	Serralheiro	28	Masculinos	Solteiros		
1	Carpinteiro	16	Feminino			
3	Moinhos	12	Militares	Profissoes		
4	Fornos de telha e tijolo	4	Negociantes			
-	N.º de alumnos	Instrução primaria	4	Guarda livros	Numero de casas de habitação	
-	N.º de alumnas		3	De adobe com cobertura de ferro zincado		
4	Numero de estabelecimentos de venda de varios artigos	1	De pedra e barro com cobertura de ferro zincado			
27	Entrados	Movimento dos colonos durante o anno economico	1	De adobe com cobertura de telha de barro		
4	Retirados		99	De adobe com cobertura de colmo		
12	Nascimentos		100	De pau a pique com cobertura de colmo		
4	Casamentos					
3	Obitos					

Mapa estatístico da população, industria, etc., referido ao anno economico de 1890 a 1891

Colonias de S. Januario e Palancka

3:080	Bois	Gado e suas especies existentes na colonia	50:729 litros	Trigo	Produção agricola
300	Vaccas		12:000 litros	Milho	
200	Carneiros		4:138 litros	Centeio	
100	Ovelhas		1:564 litros	Cevada	
280	Cabras		17:122 litros	Feijão	
200	Porcos		55 litros	Grão de bico	
3	Cavallos		4:875 litros	Ervilha	
1	Egoas		870 litros	Fava	
1	Jumentos		26:545 kilos	Batata ingleza	
32:000 litros	Trigo	Generos vendidos na colonia	250 kilos	Inhame	
1:970 kilos	Batata		50 kilos	Café	
1:890 kilos	Ervilhas		29:616 kilos	Cará	
6:138 litros	Feijão		3:657 litros	Aveia	
8:200 kilos	Cará		60	Amoreiras	
24:000 litros	Trigo	Generos consumidos na colonia	560	Pecegueiros	Arvores fructiferas e suas especies
1:900 litros	Ervilha		3	Castanheiros	
10:000 litros	Feijão		60	Figueiras	
23:090 kilos	Batata		2	Cerejeiras	
20:000 kilos	Cará		150	Larangeiras	
1:064 litros	Cevada		20	Limoeiros	
3:057 litros	Aveia		6	Tangerineiras	
138	Hectares	Area cultivada	18	Cidreiras	
37	Ares		20	Goiabeiras	
200	Hectares	Area arborizada	25	Bananeiras	
80	Ares		60	Oliveiras	
1	Hectares	Casas	2:800	Videiras	
54	Ares		180	Romanceiras	
44	Centiares		12	Ginjeiras	
4	Hectares	Ruas	2	Amendoeiras	
17	Ares		27	Nespreiras	
2:576	Hectares	Area total	6	Pereiras	
506	Ares		18	Marmeleiros	
236	Centeaes		29	Macieiras	
			6	Nogueiras	

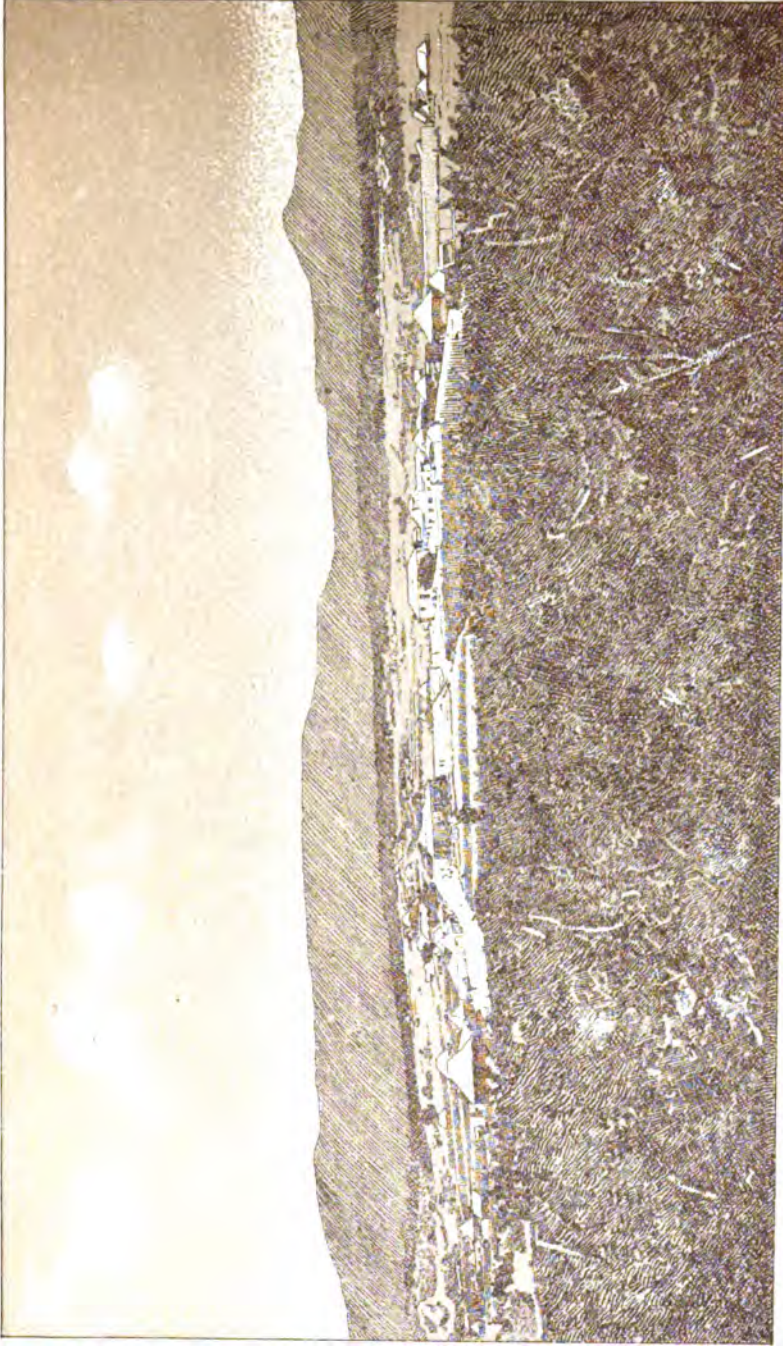
Mapa estatístico da produção agrícola, referente ao anno economico de 1890-1891. — Arvores fructiferas e gado existente em 30 de Junho de 1891. — Areas cultivadas, arborizadas, etc.

Colonias de S. Januario e Palanica



f

PAUL



Colônia Sá da Bandeira



CAPITULO VI

CONCELHO DO LUBANGO



imita ao norte com a cordilheira da Chella e concelho de Quillengues (Tylenge), ao sul e sueste com o plan'alto da Humpata, a léste com o concelho da Huilla.

Comprehende as colonias Sá da Bandeira e do Caculovar.

E' formado pela bacia do Lubango que se prolonga ao rumo do sueste com o valle superior do Caculovar na extensão de 30 kilometros.

Colonia Sá da Bandeira

Está situada nas origens do rio Caculovar dentro de uma bacia, cuja superficie é de 50 kilometros quadrados, formada de pequenas collinas das quaes a principal deno-

minada Kakondo occupa o centro e sobre ella assenta a colonia.

A bacia é constituída por altas montanhas, que são: ao norte as serras de Nigombe e Numpaka, esta ultima forma a abertura superior da portella da Kilemba; a oeste as serras de Kongola e Karuéke, que dão accesso para o plan'alto da Humpata por um estreito desfiladeiro denominado *bocca da Humpata*; ao sul a elevada montanha do Mukoto que interrompendo-se bruscamente em toda a sua altura de 400 metros forma a *ponta do Lubango*. A ESE fica a abertura do valle por onde corre o Caculovar.

A altitude da colonia tomada na linha media da collina Kakondo a meio da povoação é de 1800 metros.

As montanhas que a circumdam, cobertas de abundante vegetação, elevam-se de 120 a 400 metros sobre o fundo da bacia; são constituídas por um terreno silico-argiloso de declive pronunciado, onde sobresaem grandes massas de gneiss.

Pelos valles comprehendidos entre as collinas correm as nascentes do Caculovar, sendo as mais importantes: o rio Mopunda, que nasce na serra de Karuéke e segue de N para SE banhando o norte da colonia; o rio Mukufi nasce na serra do Kongola, recebe as aguas do riacho Mukori que desce do plan'alto da Humpata, banha o sul da colonia, reune-se ao Mopunda a 1,5 kilometros a sueste da colonia no sitio da Machiqueira, corre em estreito valle em direcção ao sueste e depois de receber as aguas do Numpaka forma o Caculovar. Do riacho Lubango, affluente do Mukufi parte uma levada de 15 kilômetros, que iriga o centro da colonia; do Mukufi correm duas outras que abastecem os casaes situados na parte sul da collina. Estas levadas fornecem diariamente 62424 metros cubicos de agua.

Posto que a colonia esteja encravada entre altas montanhas, que a privam do franco accesso dos ventos frescos do plan'alto da Humpata, o seu clima é salubre e os seus

terrenos, ainda que humedecidos pela grande quantidade de regatos, que formam as origens do Caculovar, são férteis produzindo todas as culturas da Europa.

Esta colonia foi fundada em 1885, sendo ministro da marinha e ultramar um dos estadistas que maior interesse e dedicação tem manifestado pelo engrandecimento das nossas colonias.

O nobre ministro Pinheiro Chagas, tendo inteiro conhecimento das optimas condições de salubridade do clima e fertilidade dos terrenos do plan'alto, então denominado da Huilla por ter sido este o primeiro ponto occupado pela raça europêa, resolveu crear um novo Brasil aproveitando as faculdades cosmopolitas dos naturaes da Madeira, que pela sua situação geographica, natureza do clima e hábitos maritimos são os mais aptos para longas imigrações, fazendo derivar para as nossas colonias a corrente migratoria que o excesso de população e precaria situação economica das ilhas jorrava para as plagas inhospitas de Demerara, Sandwich e portos do Pacifico.

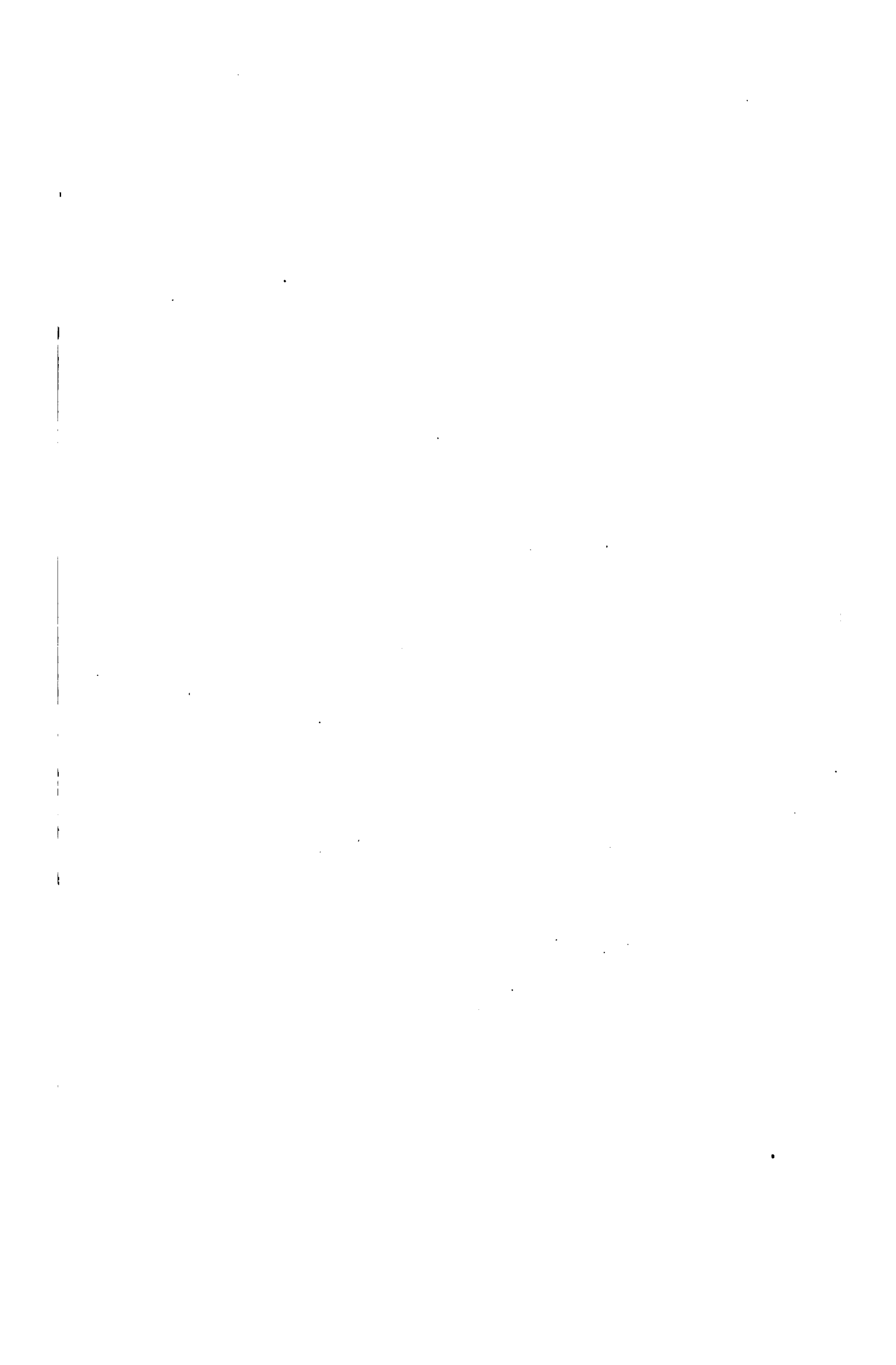
A 18 de novembro de 1884 aportava a Mossamedes o transporte de guerra *India* conduzindo a bordo a primeira colonia de madeirenses em numero de 222 individuos dos dois sexos. Em principio de 1885 chegaram os imigrantes ao plan'alto e escolhido o sitio para a fundação da colonia, deram começo aos trabalhos de construcções e preparação de terrenos para as sementeiras. N'este mesmo anno foi a colonia reforçada com 349 imigrantes conduzidos pelo transporte de guerra *Africa*. D'estes foram destacados 44 individuos, que reunidos a outras familias da Humpata fundaram a colonia de S. Pedro da Chibia.

O movimento de imigrantes estacionou por dois annos até completa installação dos primeiros, recomeçando em 1888 em que entraram 10 colonos, em 1889, 288 e 1890, 416.

Até ao anno de 1888 os imigrantes eram escolhidos na Madeira d'entre os homens robustos, sadios, sobrios, e tra-

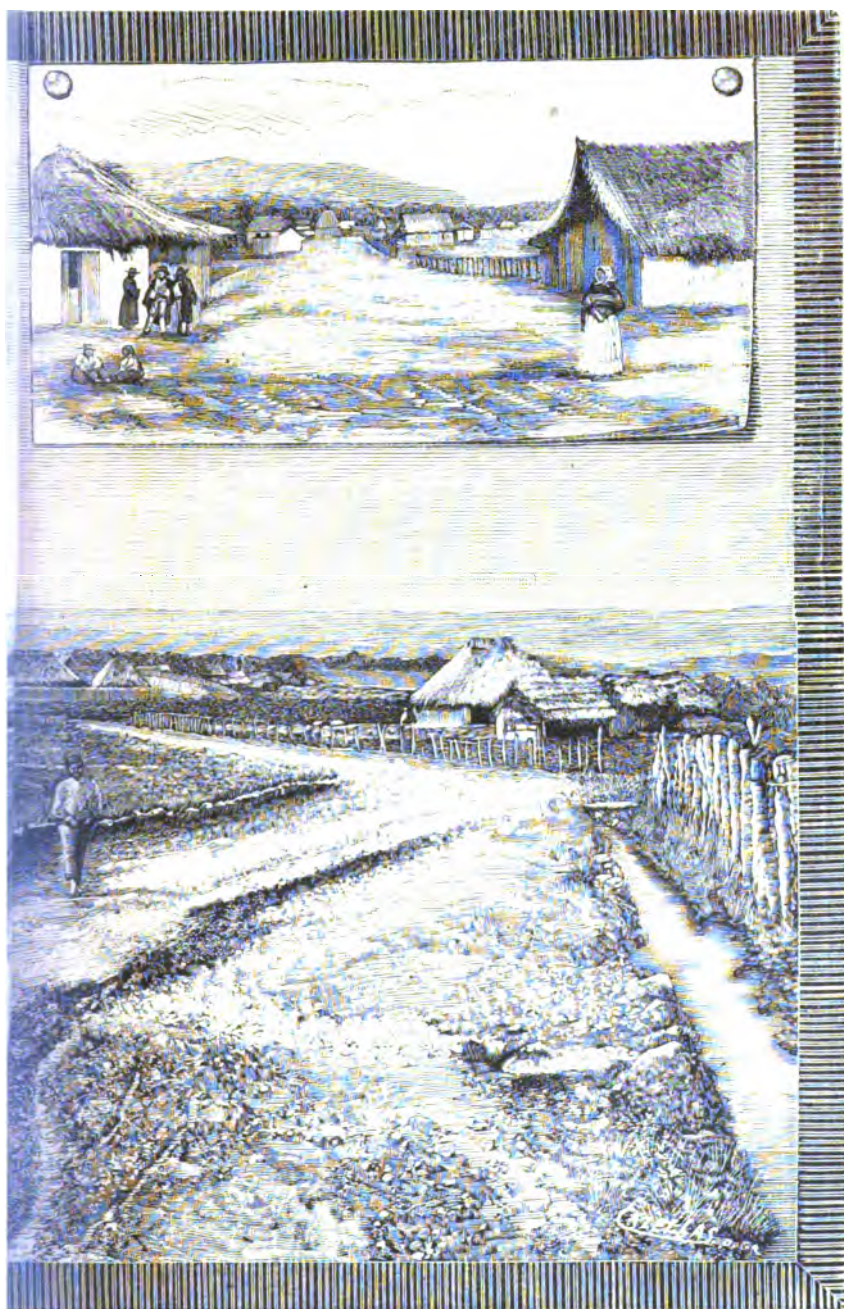
... e os seus filhos, que se sape deram grande in-
... levando-a a um alto
... por um imperdoa-
... passou a ir uma
... pescadores,
... e inveterados
... a florescente co-
... e velhaouto de vadios,
... por cobro a este desmando.
... espaço de tempo submergi-se a
... prosperamente inicia na
... devassidão. O benemerito governa-
... conselho Capello, guiado pelo
... caracteriza, e empenhado de cora-
... e progresso da colonisação euro-
... tem representado energicamente contra
... evidenciando os males que advirão
... com a remessa de colonos va-
... Sabemos que da metropole foram ordens
... para a Madeira no sentido de impedir o enga-
... e sem occupação; parece
... ordens ou são postergadas ou sophisma-
... pernicioso corrente de imi-
...

... apresentou-se na colonia Sá da Bandeira
... da Madeira como colono contractado.
... estranheza, procedeu-se a averigua-
... resultou saber-se que o preto, tripulante de
... mercante, desembarcara na Madeira onde se
... com um longo cadastro no
... policia. As authoridades para se livra-
... de carapinha entenderam que o melhor
... era contractal-o como colono e mandal-o
... da raça branca no plan'alto de Mossa-
...
... que os colonos madeirenses são con





COLONIA SA DA



ANDEIRA EM 1888



tractados por 5 annos mediante um subsidio durante os dois primeiros. Além das passagens e ferramentas agricolas, que lhes são fornecidas por conta do estado, recebem na Madeira a titulo de emprestimo um adiantamento para se proverem de objectos de primeira necessidade. O subsidio é de 300 réis para os adultos, 200 para as mulheres e 100 para as creanças. Muitos colonos vadios vindos nos ultimos tempos, com o engodo do subsidio, casam á ultima hora na Madeira com meretrizes, arranjam ninhadas de filhos por emprestimo e apresentam-se nas colonias como chefes de familia vencendo 2 e 3 mil réis por dia!

O illustrado governador do districto, o snr. Leitão Xavier, investigando as causas da decadencia relativa da agricultura nas colonias madeirenses, atribue-a em primeiro logar á má escolha dos colonos na Madeira. Do seu excellente relatorio sobre o estado das colonias em 1890 transcrevemos os seguintes periodos:

.....

Estou ha dois annos no districto e só ha proxivamente quatro mezes é que tem vindo d'ali melhor gente, quasi todos os colonos casados e dedicados aos trabalhos agricolas, exceptuando os que vieram no mez corrente, que são quasi todos vadios, phisicos, cosinheiros, creados de servir, velhos e velhas, todos com a denominação de *lavrador*! Anteriormente vinham muitos colonos amancebados, alguns com meretrizes, tinham horror aos trabalhos agricolas, porque nunca haviam trabalhado com enxada, muitos doentes e até tuberculosos, vadios e pretendentes a logares de conductor de carro americano, caixeiro, creado de hotel, etc.! Tive de obrigar alguns a assentarem praça, porque só tratavam de explorar o estado e os particulares, sem proveito para as colonias, antes em detrimento d'ellas; e de então para cá, consegui que muitos, com receio do serviço militar, se dedicassem á agricultura, tornando-se proveitosos ás colonias e á sociedade. Parece-me que seria medida acertada promover-se a emigração das nossas provincias do continente do reino, porque, sem duvida, os colonos d'aquellas provincias são em geral mais activos que os madeirenses, menos dedicados ás bebidas espirituosas e mais conhecedores da vida agricola. Tive occasião de notar nas colonias a differença sensivel entre o trabalho agri-

cola produzido por alguns individuos das nossas provincias do continente do reino que teem vindo para o districto com guia do ministerio da marinha como simples colonos sem contrato, e o produzido por parte dos colonos madeirenses contratados; por isso, não me resta duvida de que a emigração que mais convem ao districto é a emigração do continente do reino.

Uma outra causa, não menos importante, que concorre para estacionar o desenvolvimento agricola na colonia Sá da Bandeira, tem sido o excesso de obras publicas, que desviando os braços da agricultura deixa-a paralisada, expondo a colonia a crises alimenticias e obrigando-a a importar generos agricolas de primeira necessidade. O colono que pode angariar 1\$000 e 1\$200 réis diarios trabalhando nas obras do governo, larga a enxada deixando ao abandono o seu arimo, que, quando muito, produz o indispensavel para a sua sustentação.

Accresce a circumstancia de estar a colonia afrontada por altas montanhas que impedem o acesso aos ventos frescos da Humpata, resultando d'esta má disposição, que os nevoeiros formados durante a noite na estação secca e fria, não sendo varridos pelos ventos, ficam paralisados no fundo da bacia, condensam-se pelo resfriamento emanado das vertentes das montanhas e pela madrugada precipitam-se sob a forma de geada sobre os terrenos cultivados queimando as plantações.

O fundo d'esta bacia é, como dissemos, formado por um systema de collinas, cujas encostas são occupadas pelos arimos dos colonos; succede, que as chuvas torrencias correndo em enxurrada sobre as abas das collinas varrem os terrenos cultivados arrastando para os valles os elementos organicos da sua vitalidade productora, d'onde a necessidade de estrumal-os repetidas vezes. Este inconveniente não se dá nas outras colonias, por isso que a ligeira accidência dos valles do Lupôlo e Nene permite o aproveitamento de extensas varzeas.

Apezar d'estes defeitos a colonia Sá da Bandeira repre-

senta um importante centro de irradiação da raça branca que tem a sua area de expansão no valle superior do Caculovar, cujos terrenos, á medida que se afastam da bacia do Lubango, se tornam mais ferteis e mais aptos para culturas em larga escala.

Esta povoação communica por meio de estradas carreiteiras com as colonias da Humpata, Caculovar e povoação da Huilla. A primeira tem a extensão de 17 kilometros, parte do centro da colonia ao rumo de SSW, alcança o plan'alto da Humpata através de um estreito desfiladeiro praticado entre as serras da Kongola e Mukoto. A segunda tem a extensão de 8 kilometros, segue pela margem esquerda do rio ao rumo do ESE. A terceira tem o comprimento de 20 kilometros, dirige-se para o sul contornando a *ponta do Lubango* na vertente oriental da serra do Mukoto. Ha uma outra estrada que parte ao rumo do NE, atravessa o rio Mopunda e segue para a aberta da Kilemba.

A colonia compõe-se de duas povoações denominadas: povoação de baixo e povoação de cima, dispostas segundo o rumo les-oeste que forma o eixo longitudinal da collina Kakondo.

A povoação de baixo é a mais importante pela população, area cultivada, ruas bem dispostas, espaçosas e limpas, bonitos edificios publicos e particulares. Na direcção les-oeste tem a colonia 3 ruas com a largura de 15 metros e o comprimento de 550, denominadas: Pinheiro Chagas, Guilherme Capello e Ferreira do Amaral. No sentido norte-sul 6 com a mesma largura e o comprimento de 300 metros, com os nomes: India, Camara Leme, Madeira, Alvaro Ferreira. Africa, Leitão Xavier.

Os principaes edificios publicos são: a residencia da authoridade administrativa, palacete elegante, commodo, bem construido e rodeado de um alegre jardim; n'elle estão installadas algumas repartições publicas, taes como: administração da colonia e concelho, camara municipal, tribunal do julgado ordinario e correio: residencia do delegado de

saude, o mais lindo edificio da colonia, construido com luxo, conforto e hygiene, pode figurar em qualquer cidade europêa como construcção de primeira ordem; n'ella está installada a pharmacia: escola publica para ambos os sexos, comprehende a residencia dos professores e amplas sallas de estudo: quartel, grandioso edificio em construcção; depois de concluido será a primeira obra n'este genero, que possuímos nas colonias; é espaçoso com boas casernas, quartos para officiaes, arrecadações etc: pode comportar um regimento europeu. Está situado a léste da povoação sobre o ponto mais alto da collina, donde se dis-fructa um bello panorama: o cemiterio no alto de uma collina, bastante afastado da povoação: é cercado por um alto muro: a capella em construcção: a cadeia solidamente construida ao lado do quartel: o matadouro, mal situado por ficar no centro da povoação, mas bem construido e espaçoso: arrecadação das obras publicas: residencias do parochio, do pharmaceutico, do commandante do destacamento militar, etc. Nota-se a falta de um hospital, que provisoriamente funciona em uma casa alugada de limites acanhados e mal construida.

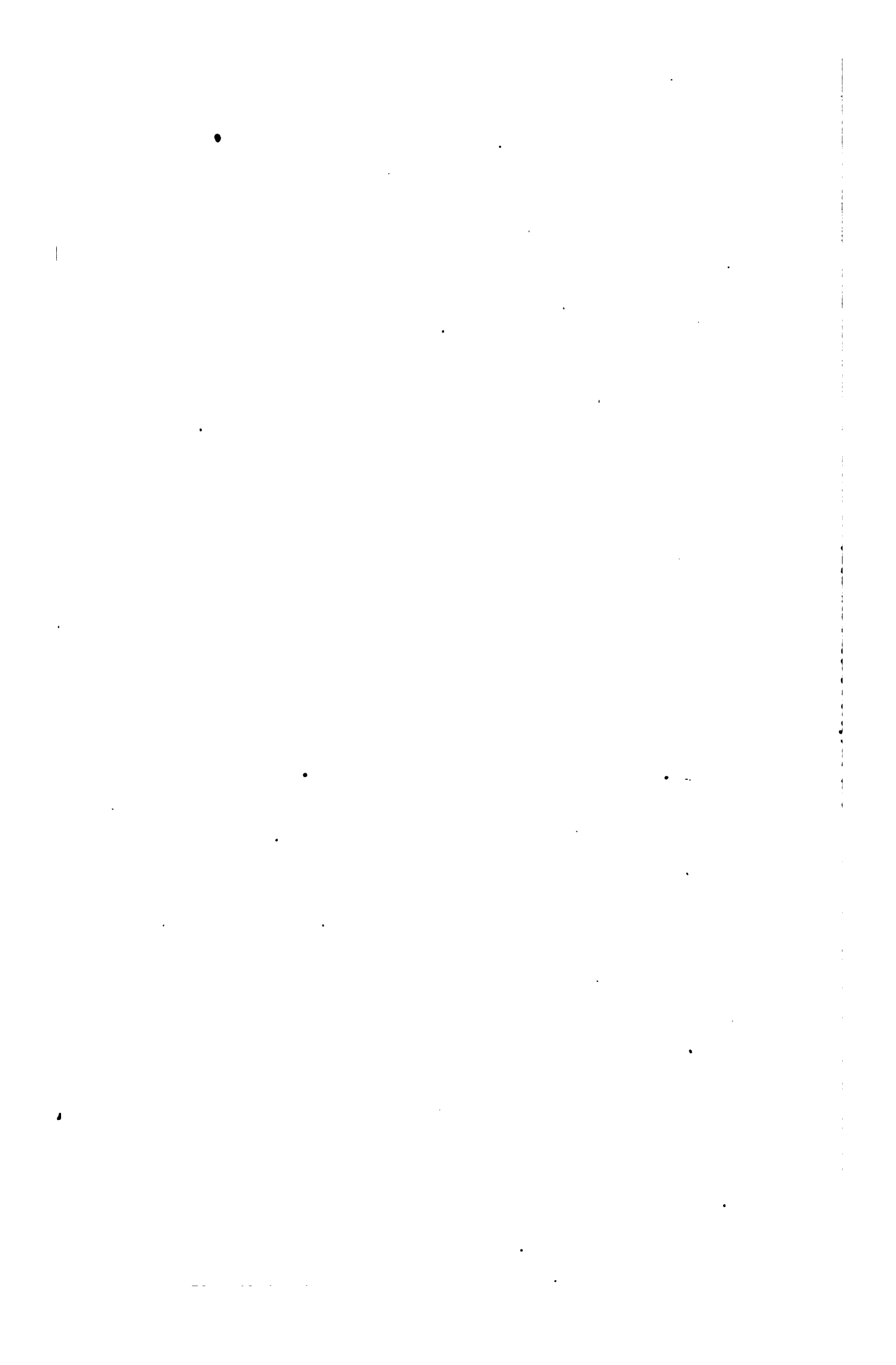
As casas dos colonos, n'esta e nas outras colonias, são em regra mal construidas, não obedecem aos preceitos hygienicos.

Ha tres typos de construcções: a de pau a pique com cobertura de colmo, a de adobe com o mesmo genero de cobertura, e a de adobe coberta de telha. O typo mais frequente é o primeiro.

Duas terças partes das colonias Sá da Bandeira e Chibia são formadas de casas de pau a pique; a totalidade das casas no Caculovar é deste typo,

A primeira necessidade do colono que chega ao plan'alto, é uma casa, em que se abrigue com a familia. A construcção mais rapida e barata é a casa de pau a pique, que pode ficar prompta no espaço de trinta dias.

Sobre os limites de uma area que, em regra, não excede

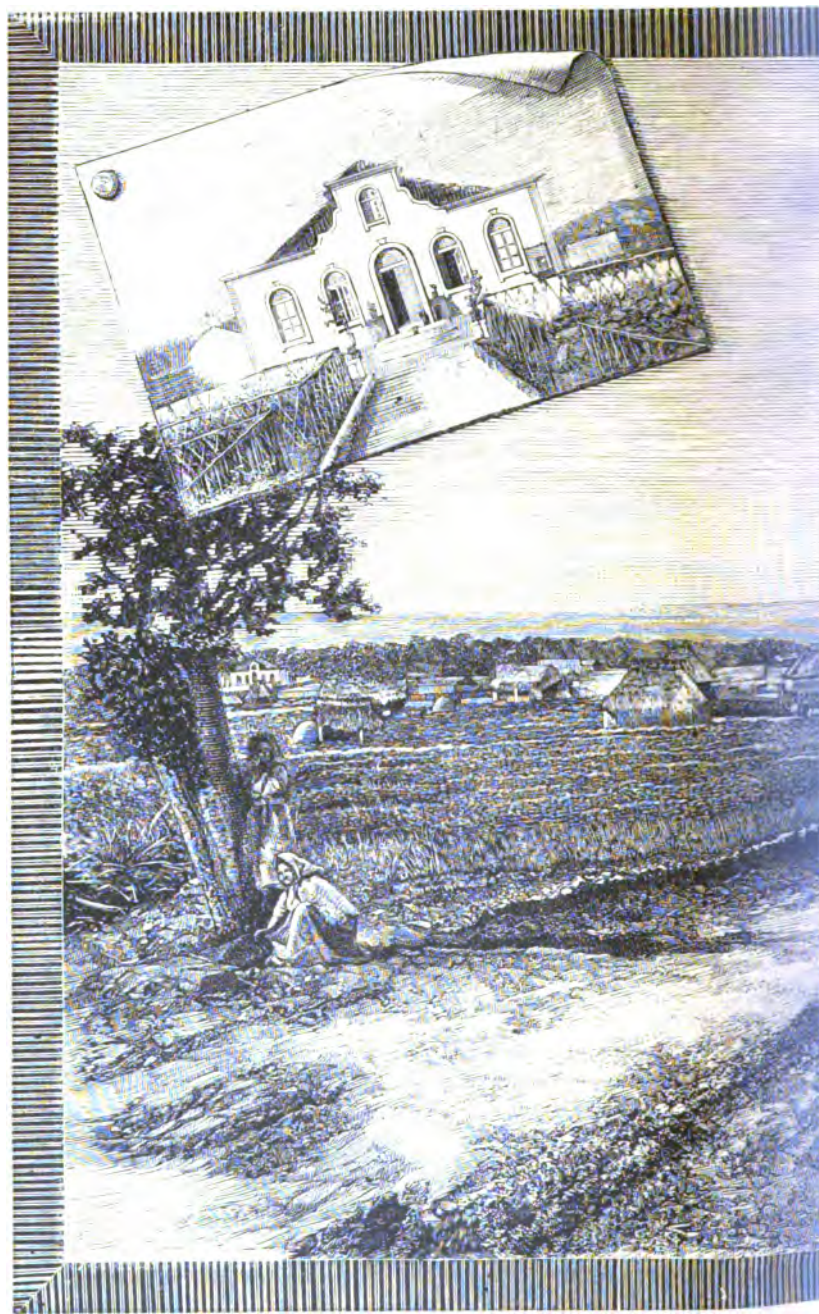




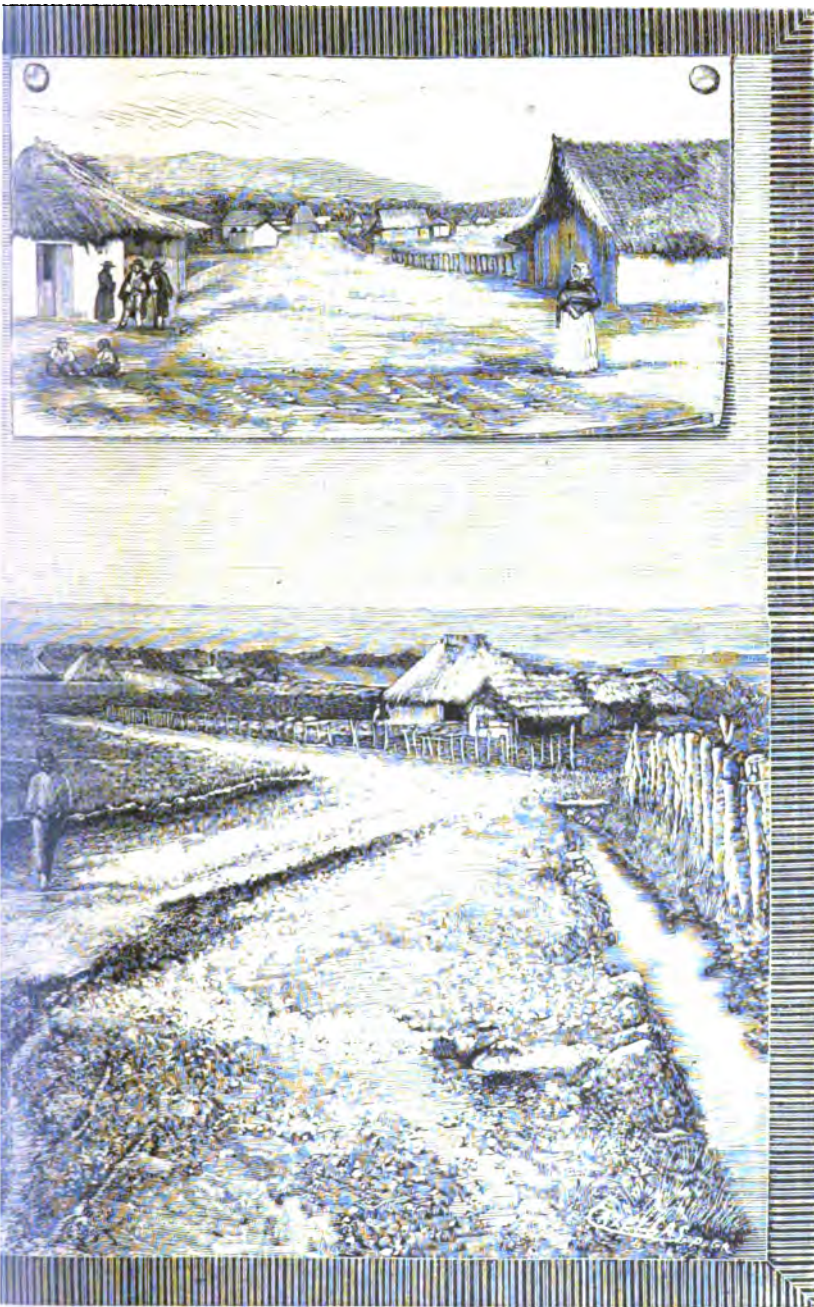
GRUPO DE CRIANÇAS DA



COLONIA SÁ DA BANDEIRA



COLONIA SÁ DA



OEIRA EM 1888

colonia um barracão bem construído e espaçoso, que servisse de residência, durante os primeiros mezes, aos novos colonos. D'este modo disporiam de tempo bastante para uma boa construção, sem os cuidados com o alojamento da familia e, o que é mais, sem o trabalho violento de construir uma casa em curto espaço de tempo, ficando, como quasi sempre succede, alojado por casa dos amigos e parentes. — Todas as casas deveriam ser feitas segundo um typo que melhor satisfizesse ás condições climatericas e meteorologicas, e todos os colonos obrigados a construí-las segundo o modelo adoptado.

O modelo de casa que mais convem adoptar, deve obedecer aos seguintes principios de hygiene:

O terreno deve ser escolhido no alto das collinas, que reúne as condições de seccura e dureza; o das encostas é inconveniente por causa do escoamento das aguas das chuvas e regas, e pela proximidade dos rios, onde é mais abundante a geada no tempo secco.

O pavimento da casa deve ser elevado de 5 a 10 decímetros sobre o solo. Deve ser batido afim de adquirir dureza, que se opponha á pulverisação do barro. Deve ser feito de uma mistura de duas partes de barro e uma de escremento de boi, que o torna mais consistente, dá-lhe frescura e evita a propagação do pulex.

As paredes devem ser de adobe, rebocadas interna e externamente com o barro branco conhecido no plan'alto com o nome de gesso.

A cobertura deve ser de telha ou de colmo, devendo n'este caso ser renovada de tres em tres annos.

A orientação da casa deve ser com a frente voltada para o N. ou W. e nunca para S. ou E., porque, sendo as chuvas tangidas pelo vento sueste com grande obliquidade, entram as aguas pelas portas e janellas, humedecendo a parte anterior da casa.

A casa deve ficar afastada da levada pelo menos de 20 metros.

Junto á casa do colono fica o arimo, cuja area é de dois hectares; produz cereaes, legumes, hortaliças e arvores fructiferas, etc. A maior parte dos colonos limita-se a extrahir do solo o indispensavel para o seu sustento, visto lhe ser impossivel exportar os seus productos agricolas para o litoral por causa da exorbitante carestia dos transportes por meio dos vagon *boers*, cujo preço oscilla entre 1\$000 a 2\$200 réis por arroba. Não ha producção alguma agricola nem mesmo industrial que possa suportar a sobrecarga de uma taxa tão exagerada. A agricultura no planalto limita-se pois a pequenas transacções de colonia para colonia; d'ahi o desanimo de muitos que não podendo angariar bens de fortuna pela cultura dos seus terrenos, esquivam-se ao trabalho rural dedicando-se a outras occupações que lhes rendam meios de agenciar a vida. Muitos, logo que finda o praso dos seus contractos, vendem os arimos e casas e retiram para a Madeira.

A povoação de cima está ligada á de baixo por uma estrada de 2,5 kilometros de extensão. Fica situada no extremo oeste da collina Kakondo. Compõe-se de 50 casaes.

A colonia possui uma regedoria, um corpo de cabos de policia recrutado entre os colonos e uma escola em que os colonos novos se exercitam no tiro ao alvo.

Colonia do Caculovar

Está situada sobre a margem direita do rio do mesmo nome á distancia de 8 kilometros a sueste da colonia Sá da Bandeira, com a qual communica por uma estrada carreteira. Assenta sobre uma collina elevada de 20 metros sobre o leito do rio e bastante accidentada, que oppõe por isso serios embaraços á construcção de uma levada para a irrigação dos arimos. Já se fizeram trez tentativas para conduzir a agua por uma extensa levada, que partindo do entroncamento dos rios Mukufi e Mopunda na bacia do Lubango com a differença de nivel de 60 metros na sua

origem, contorne o ponto mais alto da collina estendendo-se ao longo dos arimos; todas ellas porém abortaram perante as difficuldades naturaes da accidentação do terreno, tolhendo o desenvolvimento da agricultura e paralisando a expansão da colonisação pelo valle superior do Caculovar. Nas margens d'este rio encontram-se varzeas com 500 a 700 metros de extensão, que poderiam ter sido aproveitadas para o estabelecimento d'esta colonia, evitando-se os terrenos accidentados que a boa pratica demonstra serem os mais improprios e prejudiciaes ao desenvolvimento da agricultura.

A escolha d'este terreno para inicio da expansão colonial no valle do Caculovar afigura-se-nos um erro, cujos maus resultados já se fazem sentir sobre a situação moral e economica dos colonos ali estabelecidos, os quaes entretidos em tentativas infructiferas para levarem agua aos seus arimos ainda não cultivados, e não podendo extrahir do solo os meios de subsistencia, vão consumindo o melhor do subsidio, que mal chega para costear os generos alimenticios de primeira necessidade: d'ahi a parcimonia com que se nutrem soccorrendo-se dos generos mais baratos, que lhes fornecem uma alimentação defeituosa e deficiente levando-os em pouco tempo a um profundo estado de anemia, que contrasta com a salubridade do clima e fertilidade do terreno.

Do estudo que fizemos sobre as condições climatericas do valle do Caculovar ficou-nos a convicção de que o seu clima é superior ao da bacia do Lubango, por isso que a sua situação desafrentada de altas montanhas permite o franco accesso aos ventos, que correndo ao longo das encostas e varzeas varrem-nas de todas as impurezas miasmaticas e ao mesmo tempo moderam os efeitos da temperatura. Não approvamos porém a escolha do local em que está situada a colonia por ficar muito proxima da accidentada e estreita bacia do Lubango e, se tivessemos sido consultado, conforme manda a lei, opinariamos pelos ter-

renos baixos e planos que formam as varzeas do rio e são os mais productivos.

Os optimos resultados colhidos nas propriedades agricolas do valle do Lupôlo e na prospera e florecente colonia de S. Pedro da Chibia no valle de Chimpumpunhime são devidos ao aproveitamento das varzeas, que pela sua extensão se prestam a vastas culturas sem grande dispendio em trabalhos de rega. A valorisação d'estes factos deveria ter servido de ensinamento util para a colonisação do valle do Caculovar, que marcha a passos vacillantes, por ventura mal guiados por falta de orientação em assumptos de competencia pratica.

Perante a imperiosa necessidade de fornecer agua aos colonos e para dar satisfação aos seus queixumes e ameaças de abandonar em massa a colonia, construiu-se á pressa um açude provisorio com levadas para conduzir aos arimos a quantidade de agua indispensavel para as culturas de primeira necessidade.

A colonia é formada por 62 casas de colonos, feitas de pau a pique com cobertura de colmo. Estão regularmente situadas a distancias eguaes e bem alinhadas. A sua população é de 247 colonos, comprehendendo 81 homens, 87 mulheres, 39 creanças do sexo masculino e 40 do sexo feminino. Os arimos são em numero de 81 e as suas principaes culturas são: batata doce, abobora, ervilha e feijão.

Os edificios publicos são: a residencia do sub-director da colonia; um barracão mal construido e anti-hygienico para abrigo dos colonos recém-chegados e outro que serve de deposito de ferramentas, todos grosseiramente feitos de pau a pique e cobertos de colmo. Está em construcção um edificio regular, de adobe e cobertura de zinco, que será a residencia do encarregado da colonia.

A despeza feita com as colonias Sá da Bandeira e Cacul-

lovar durante o anno economico de 1890-1891 foi de réis 65:167\$311 distribuidos da seguinte fórma:

Subsidio a colonos	22:000\$000
Ordenados, gratificações, ajuda de custo, etc.	10:000\$000
Fretes a carros <i>boers</i>	11:000\$000
Pessoal operario e trabalhador nas obras publicas	12:000\$000
Materiaes para as obras publicas	8:000\$000
Sementes, medicamentos e diversas despezas	2:000\$000

N'esta despeza não se inclue a verba mensal de 2:000\$000 réis para as obras do quartel, que tendo sido orçado em 43:000\$000 réis já consumiu o melhor de 60:000\$000 réis e apenas menos de metade está concluido.

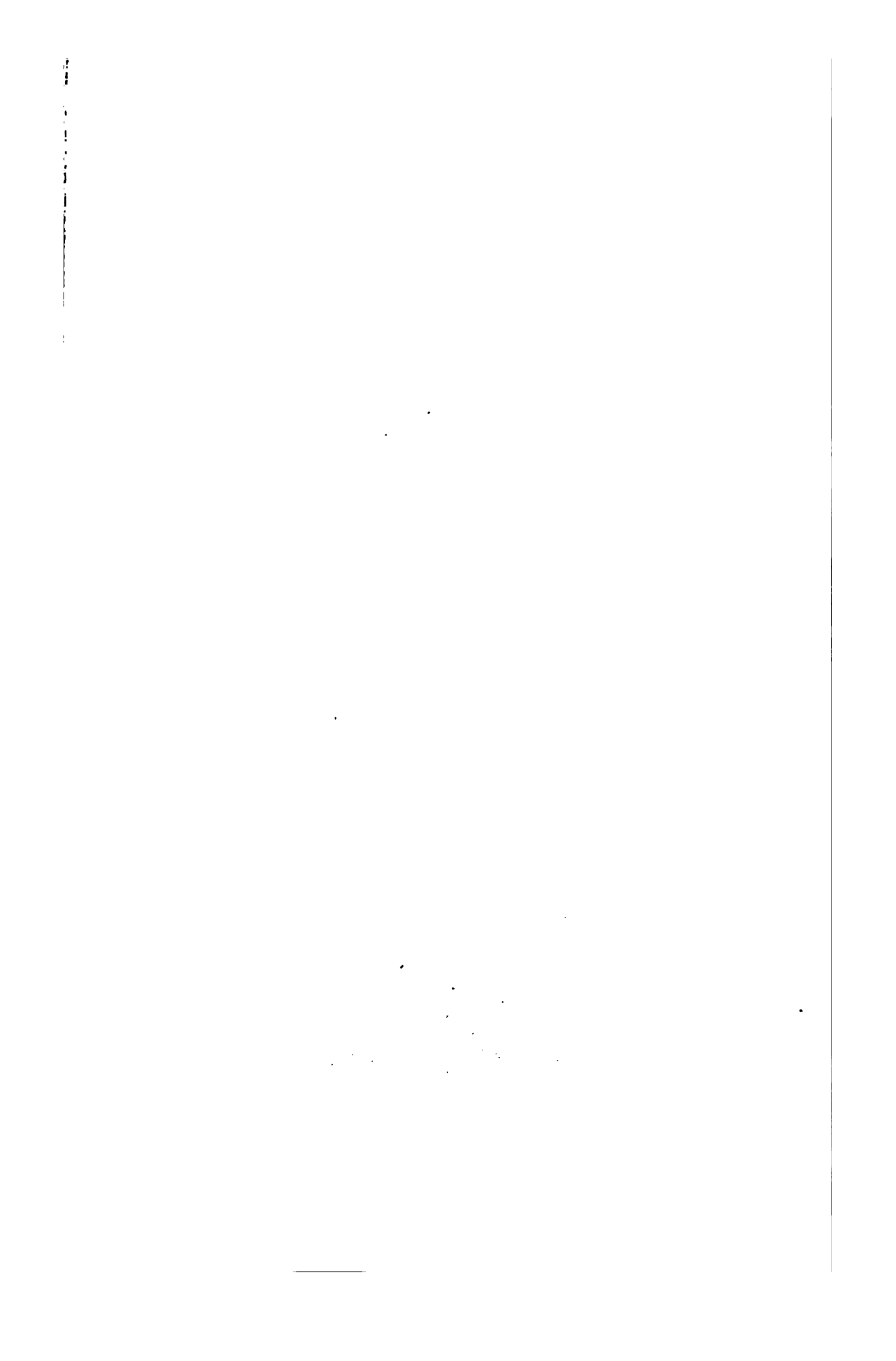


Gado e suas espécies existentes na colônia		Cereais consumidos na colônia		Área cultivada		Área arrolada		Casas		Ruas		Área total		Produção agrícola		Árvores frutíferas e suas espécies	
967	Bovs	144:000	litros	Trigo	819	Hectares								144:000	litros	Trigo	
187	Vacças	44:100	litros	Milho	-	Ares								44:100	litros	Milho	
11	Carneiros	26:400	litros	Centeio	953	Hectares								26:400	litros	Centeio	
23	Ovelhas	22:050	litros	Cevada	-	Ares								22:050	litros	Cevada	
195	Cabras	88:200	litros	Feijão	1	Hectares								88:200	litros	Feijão	
512	Porcos	1:800	litros	Grão	16	Ares								1:800	litros	Grão de bico	
2	Cavallos	46:800	litros	Ervilha	40	Centiares								46:800	litros	Ervilha	
5	Muares	8:220	litros	Fava	6	Hectares								8:220	litros	Fava	
25	Jumentos	13:700	kilos	Batata	4	Ares								13:700	kilos	Batata inglesa	
		29:400	litros	Inhame	16	Ares								29:400	litros	Inhame	
		64:500	litros	Canna	40	Centiares								64:500	litros	Canna	
		923:040	kilos	Cara	6	Hectares								923:040	kilos	Cara	
		-		Aveia	4	Ares								-		Aveia	
		72		Amoreiras	9	Ares								72		Amoreiras	
		882		Perequeiros	4	Ares								882		Perequeiros	
		37		Pinheiros	4	Ares								37		Pinheiros	
		843		Figueiras	4	Ares								843		Figueiras	
		4		Limeiras	6	Hectares								4		Limeiras	
		105		Larangeiras	4	Ares								105		Larangeiras	
		54		Limoeiros	4	Ares								54		Limoeiros	
		42		Tangerineiras	4	Ares								42		Tangerineiras	
		24		Culreiras	4	Ares								24		Culreiras	
		112		Goabeiras	4	Ares								112		Goabeiras	
		559		Bananeiras	4	Ares								559		Bananeiras	
		116		Oliveiras	4	Ares								116		Oliveiras	
		5		Mangueiras	4	Ares								5		Mangueiras	
		43		Romanzeiras	4	Ares								43		Romanzeiras	
		14		Carvalhos	4	Ares								14		Carvalhos	
		3		Amendoeiras	4	Ares								3		Amendoeiras	
		9		Nespreiras	4	Ares								9		Nespreiras	
		9		Pereiras	4	Ares								9		Pereiras	
		2		Marmeleiros	4	Ares								2		Marmeleiros	
		4		Macieiras	4	Ares								4		Macieiras	
		52		Noneiras	4	Centiares								52		Noneiras	

Colônia São da Bandeira e Caculovur
 Mapa estatístico da produção agrícola, referente ao ano economico de 1890-1891. — Árvores frutíferas e gado existente em 30 de Junho de 1891. — Áreas cultivadas, arroladas, etc.



Povoação da Huilla



CAPITULO VII

CONCELHO DA HULLA



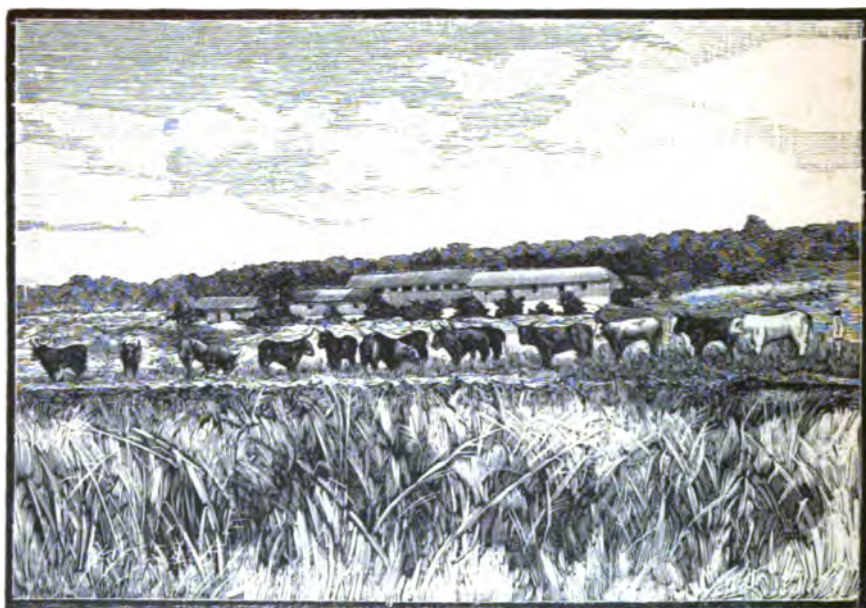
ituado no centro da area salubre da colonisação europêa é o mais vasto dos concelhos e o mais conhecido por ter sido o primeiro ponto do plan'alto explorado e habitado pelos portuguezes.

Confina ao norte com os concelhos de Quillengues e Caconda no districto de Benguella; ao sul com o concelho dos Gambos (On-Gambue); a oeste com a Humpata e a léste estende-se até ao rio Kubango abrangendo a enorme area de 57.000 kilometros quadrados, quasi a superficie total de Portugal.

O seu systema orographico comprehende um aggrupamento de montanhas que formam o plan'alto da Hum-

pata, pròlongando-se de norte a sul d'esde a bacia do Lubango até o valle da Mucha, na bacia do Lupôlo, onde se ramifica para ESE e SSE acompanhando a margem direita do rio Chimpumpunhine e formando a bacia de origem do rio Lupôlo, limitada ao sul pelas serras da Katala e Pituako.

A sua rede fluvial é formada pelos rios Chimpumpunhine e Lupôlo. Do primeiro já fallamos, quando descrevemos a rede fluvial da zona alta.



PROPRIEDADE AGRÍCOLA NO VALLE DO LUPÔLO

O Lupôlo tem a sua origem nas montanhas que limitam a oeste o valle da Mucha e o separam do plan'alto da Humpata. Nasce da celebre e pittoresca *cascata da Huilla* a oeste da povoação do mesmo nome; segue ao rumo do sueste na extensão de 80 kilometros e vae lançar-se no Chimpumpunhine á pequena distancia da sua confluencia com o Caculovar. O seu affluente principal é o rio Mucha que nasce a NNW de uma bella cascata, corre ao sueste e depois de um curso de 3 kilometros, em que fertilisa os ter-

renos da Missão Catholica, lança-se no Lupôlo, tendo antes recebido as aguas de alguns riachos que fornecem as levadas para a irrigação dos terrenos cultivados da Missão.

O valle do Lupôlo possui optimos terrenos aproveitados por 25 propriedades agricolas, onde são cultivadas todas as especies de cereaes, legumes, hortaliças, cana saccharina e café, sendo a sua principal producção: trigo, batata ingleza e doce, feijão, milho, ervilha e cebola, que são exportadas para consumo nas colonias madeirenses do Lubango.



UMA PROPRIEDADE AGRICOLA NA HULLA

Os terrenos marginaes d'este valle estão occupados na extensão de 20 kilometros e em larguras de 200 a 500 metros.

O valle do Chimpumpunhime occupado pelas colonias de S. Pedro da Chibia e Ioba e por 12 propriedades agricolas que se estendem pelas suas margens na extensão de 40 kilometros, possui os terrenos mais ferteis do plan'alto, onde as culturas vingam com extraordinaria pujança dando um rendimento quazi fabuloso. Sobre o prestarem-se a to-

das as culturas européas e tropicaes, não necessitam ser estrumados, e os trabalhos de rega e arroteamento são fa-
ceis pela disposição ligeiramente inclinada das suas ex-
tensas varzeas, que permittem vastas sementeiras de ce-
reaes e outras plantações de maior consumo e rendimento.
Pela sua riqueza vegetativa, representada em humus, este
valle é o que melhor se presta ás grandes plantações de
cana saccharina que já forma uma importante fonte de pro-
ducção e receita agricola, sustentando a rendoza industria
da distillação de aguardente.

O futuro da agricultura n'este plan'alto tem o seu campo
de acção no feracissimo valle do Chimpumpunhime, cujos
habitantes animados com abundantes colheitas se vão es-
pandindo pelas duas margens do rio até á sua confluencia
com o Caculovar, formando uma densa e vasta area de
população branca com abundantes recursos e fundadas
esperanças de bastos meios de fortuna. E' para ali que ha
de convergir a maior somma de trabalhos representados
por grandes centros de agricultura, commercio, industria,
artes e officios.

Deixemo-nos de ensaios platonicos por este ou aquelle
valle, com maior ou menor altitude, melhor ou peor pers-
pectiva, os seus resultados mais theoreticos que praticos pe-
sam como avalanche sobre o thezouro nacional em dispen-
dios inuteis de obras de luxo e commodidades, que pouco
proveito dão ao colono e passam á historia como tentativas
infelizes que lembrarão ao viajante do futuro a saudosa ci-
tação do mavioso poeta mantuano: *locus ubi Troja fuit!*

O que se quer são terrenos productivos que exigindo a
menor somma de trabalho, produzam a maior somma de
receita, a par de um clima compativel com a organização
da raça européa. Estas condições existem em larga escala
nos terrenos do valle do Chimpumpunhime occupados pela
florescente colonia de S. Pedro da Chibia.

N'este vasto concelho existem extensas florestas com ex-
cellentes especies vegetaes, que fornecem optima madeira

para construcções; entre outras citaremos: a *mupanda*, o *mungae*, o *mutundo*, que além de boa madeira fornecem cascas ricas em tannino utilizadas para o curtimento das peles; o *munyende*, a noiteira, o pau camphora, pau sandalo, pau ferro, etc., além de vastas planícies de terrenos de *anhura* com excellentes pastagens.

O clima é salubre e a temperatura fresca e moderada.

O concelho comprehende a povoação da Huilla com importantes propriedades agricolas no valle do Lupôlo, a Missão Catholica no valle da Mucha, as colonias de S. Pedro da Chibia e Ioba e as fazendas agricolas no valle do Chimpunpunhime.

Povoação da Huilla

Foi o primeiro ponto do plan'alto habitado pela raça europêa no tempo do nobre marquez de Sá da Bandeira, sendo governador do districto de Mossamedes o benemerito Fernando Leal.

As primeiras tentativas de colonisação n'este plan'alto não foram seguidas de bons resultados por má direcção e sobretudo pela pessima escolha do elemento *degradado*, que compunha a primeira colonia. Seguiu-se uma colonia allemã, que desapareceu sem deixar vestigios, entrando em scena a celebre colonia militar-agricola constituida de elementos heterogeneos predominando o soldado deportado. Esta colonia passou á historia com o nome jocoso de *militar-ridicula* e morreu por pessima administração, escandalosos roubos e indignas extorsões commettidas contra os indigenas, que até então nenhuma opposição tinham feito ao estabelecimento dos brancos nos seus territorios.

Ao lado d'estas tentativas de colonisação, que iam successivamente abortando por falta de orientação definida, pela nocividade dos seus elementos constituintes, incompetencia e manifesta incapacidade dos seus directores, se foram estabelecendo muitos colonos livres, oriundos das

provincias do norte de Portugal, que com o simples recurso do seu trabalho, livres das pês do regimen militar, barreira invencivel, que paralisa, atrophia e mata a livre expansão da raça branca nas nossas colonias, iniciaram os primeiros trabalhos agricolas nos valles do Lupôlo e Chimpumpunhime, fundando a povoação da Huilla que teve os seus dias de grandeza e prosperidade, como baluarte das nossas conquistas no plan'alto e emporio de importantes transacções commerciaes com as aguerridas e populosas raças ova-nyaneka, ova-ngambue, e ova-nkumbi.

A corrente de imigração estabelecida, ha quatro annos, para o valle do Chimpumpunhime arrastou a maior parte da sua população a procurar novos recursos nos feracissimos terrenos d'aquelle rio. Este foi o principio da sua decadencia: a mudança da séde do concelho para a colonia da Chibia foi o golpe de misericordia, que lhe abreviou a lenta agonia. Da gloriosa, populosa e rica povoação de outr'ora resta hoje um montão de ruinas e casebres grupados em torno de uma desmantelada fortaleza, que assiste impassivel nas suas grossas muralhas de pedra á derrocada geral dos seus padrões de gloria.

E já que a phantasia nos levou a carpir sobre as ruinas d'esta Troia, não nos esqueçamos de traçar nos seus vetustos muros um epitaphio, que rememore ás modernas gerações de colonos que: *ali houve colonias que custaram rios de dinheiro e morreram por desleixo, incuria e incompetencia, filhas predilectas dos nossos processos de administração ultramarina!*

A abandonada povoação assenta na parte norte da bacia do Lupôlo, limitada ao norte e oeste pelas montanhas do plan'alto da Humpata. Possui uma bella e pittoresca avenida ladeada de frondosos eucaliptos. As suas casas em pequeno numero grupam-se em torno da fortaleza. Existe uma pequena capella em ruinas e um cemiterio.

As fazendas agricolas occupam as duas margens do rio Lupôlo estendendo-se na direcção do sueste. Contem uma população de 40 brancos e 9000 indigenas espalhados, na

parte sul da bacia, pelos terrenos do Kitembo, Mucha e vertentes das serras da Katála.

A um kilometro ao sueste da povoação, sobre o alto de uma pittoresca collina coberta de luxuriante vegetação, está situada a embala (on-bala) do soba da Huilla, aggru-



EXEMPLO DE LONGEVIDADE NA HUILLA
Carlos Maria, ancião portuguez de 98 annos de idade

pamento irregular de cubatas e palhoças sem situação estratégica nem meios de defeza. *S. Magestade negra* faz diariamente uma visita ás lojas da povoação recolhendo a *palacio* bebado como um cacho, ás costas dos seus leaes conselheiros!

A povoação communica por meio de estradas carreteiras com o Lubango e Humpata, conforme atraz ficou dito: com a missão catholica por uma estrada de 3 kilometros e com a colonia da Chibia por duas outras: uma com 22,5 kilometros, passa a leste do monte Pituako e segue ao rumo do sueste por entre frondosas florestas de mupandas e outras especies vegetaes; a outra com a extensão de 27,5 kilometros passa a oeste do mesmo monte, ganha a margem esquerda do rio até a colonia, séde do concelho.



Mappa estatístico das principaes propriedades agricolas do valle do Lupôlo, sua produção, especies pecuarias, etc.

Nome dos proprietarios	Culturas principaes	Media da produção annual										Especies pecuarias							Instrumentos agricolas						
		Cevada	Centeio	Feijão	Milho	Ervilha	Fava	Grão de bico	Batata	Cará	Café	Cavallos	Eguas	Muões	Junentos	Bois	Vacas	Porcos	Ovelhas	Capras	Debulhadoras manuaes	Limpador de trigo	Grade articulada de Howard	Arados de Howard	Area cultivada
Francisco da Silva.....	Trigo, milho, centeio, fructas	3:000 litros	4:000 litros	25:000 litros	20:000 litros	2:000 litros	4:000 litros	20:000 kilos	15:000 kilos	30 kilos	4	3	9	23	423	157	334	56	22	2	2	1	12	120 hectares	
Francisco Soares Roza.....	Trigo, fructas, café																								
Teixeira & Irmãos.....	Trigo, batata, cebola																								
José Maria & Filho.....	Trigo, milho, feijão																								
Pedro Augusto Chaves....	Trigo, milho, cará																								
Casal de Conceição & Costa.	Trigo, cará, feijão																								
Albino Lisboa.....	Trigo, batata, milho																								
J. Movilia.....	Batata, cebola																								

Missão Catholica da Huilla

É um grandioso estabelecimento para a educação de crianças pretas, fundado e dirigido pelos benemeritos missionarios da congregação do Espirito Santo.

É seu superior o rev.^m padre José Maria Antunes, que com uma tenacidade digna da maior admiração tem demonstrado com dados positivos que a civilisação da raça negra não é uma utopia, como a muitos se afigurava.

O progresso e desenvolvimento das missões da Huilla e Jau, os optimos resultados colhidos com a educação practica dos pretinhos alliada á catechese, o crescimento rapido dos florescentes institutos da missão, a fundação de aldêas christas constituídas pelos pretos educados pelos prestimosos missionarios, são factos que se impõem aos espiritos mais incredulos.

A missão da Huilla comprehende duas ordens de construcções, que se erguem de um e outro lado do rio Mucha.

O instituto dos rapazes está situado na margem direita do rio no sitio denominado Kitembo. Comprehende: o seminário diocesano e as edificações que formam a missão propriamente dita e são especialmente destinadas á educação e ensino das crianças pretas. Occupam uma area de 20 hectares com extensos campos de sementeira, hortas e jardins, tudo trabalhado pelos pretinhos sob a intelligente direcção das missionarios.

As edificações comprehendem um vasto quadrado de edificios contendo todas as officinas em que os educandos aprendem os officios de carpinteiro, marceneiro, torcedor, ferralheiro, funileiro, alfaiate, sapateiro, curtidor, typographo, etc; casas de residencia, refeitórios, dormitórios, bibliotheca, pharmacia, gabinete para o estudo das linguas nativas, gabinete photographico, sala de armas, sala de esportes, depósitos de ferramentas e machinas

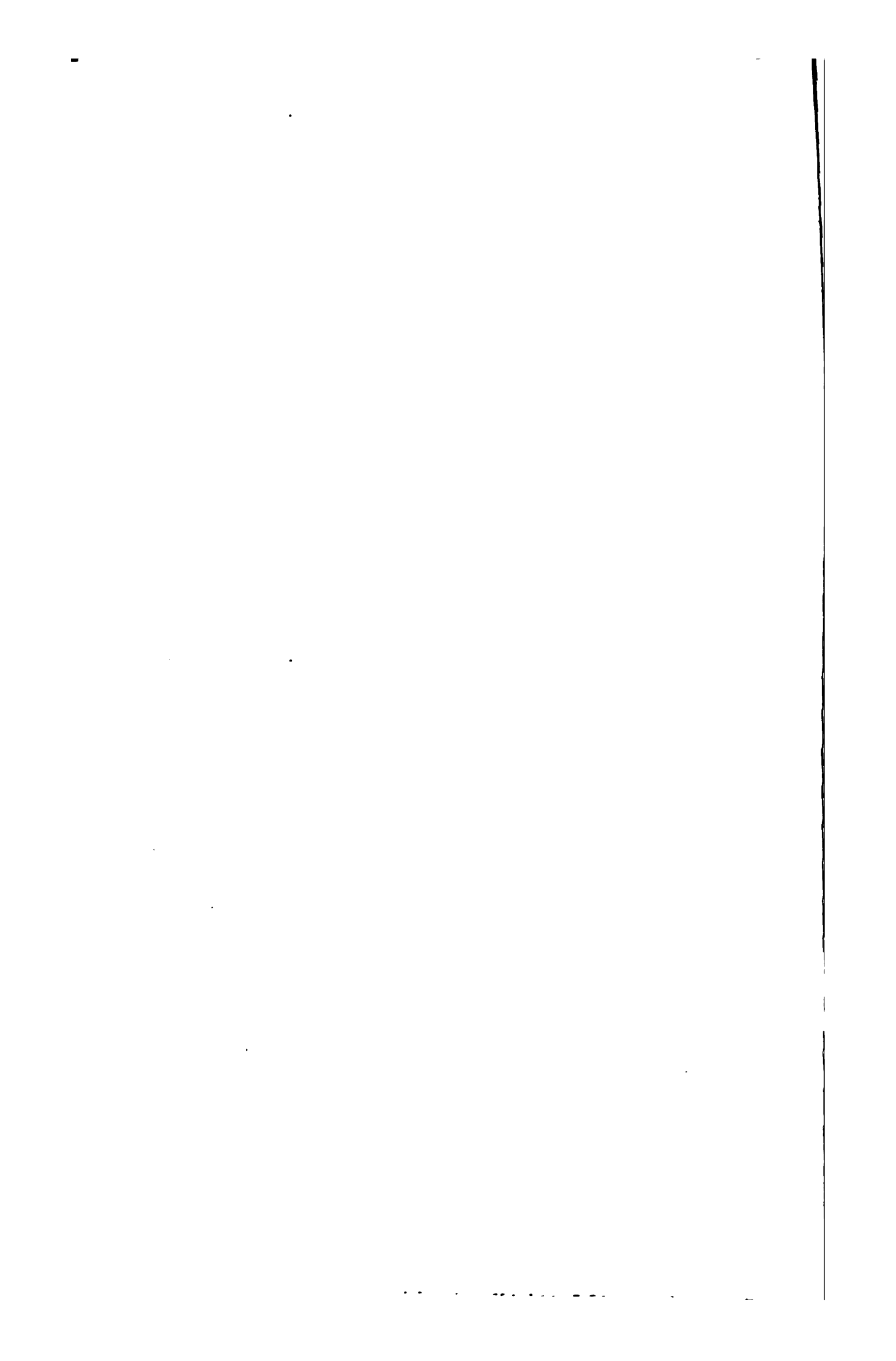




A MESSIAH OF HULLIA - 1



OS E TERRENOS DE SEMEADURA



agricolas, fabrica de cerveja e celleiro, salas de estudo, capella etc.

Os vastos terrenos agricultados, hortas e jardins são irrigados por uma levada de 6 kilometros, que conduz a agua do rio Kitembo fornecendo 1800 litros por minuto.

N'este instituto são educadas perto de 200 creanças, das quaes 45 seguem o curso do seminario. Quasi todas foram resgatadas á custa da missão. Aprendem instrucção primaria, agricultura, artes e officios; dedicam-se á musica, exercicio d'armas, etc.

Logo que chegam á maioridade, casam com as raparigas educadas no instituto dirigido pelas *irmãs* e estabelecem-se no Jau formando nucleos de aldêas christãs. Ahi entregam-se á agricultura, artes e officios auxiliando-se uns aos outros.

O instituto das raparigas é dirigido pelas *irmãs educadoras* de Carnide. Está situado na margem esquerda do rio Mucha, do qual parte um levada de 500 metros fertilizando os seus terrenos de cultura, que occupam uma area de 10 hectares.

As edificações d'este instituto comprehendem: capella, salas, quartos para as *irmãs*, dormitorios, refeitórios, salas de engomar, costura, cosinha, lavanderia, sala de estudo, enfermaria, etc. As raparigas aprendem a lêr, escrever e contar, costura, bordados, lavagem de roupa, engomar, cosinha, padaria e agricultura. São obtidas por meio de *resgate* e são oriundas de diferentes regiões como o Bihé, Bailundo, Luceke, Humbe e paizes ao sul do Kunene.

Os terrenos agricultados são muito ferteis e fornecem variadas especies de culturas, taes como: o trigo, milho, aveia, cevada, centeio, arroz, legumes, batata ingleza e doce, feijão, hortaliças, etc., que chegam para o sustento de todo o pessoal.

Existe no instituto dos rapazes um parque, onde os missionarios fazem experiencias sobre a acclimação de muitas especies vegetaes da Europa. Póde dizer-se que a missão

é uma verdadeira quinta regional, onde os colonos e agricultores do plan'alto tem colhido muitos conhecimentos uteis sobre agricultura e arboricultura. São notaveis e de grande alcance para as colonias as experiencias ali realizadas com diversas qualidades de trigo, taes como: o da California, que dá uma percentagem muito superior ao da Europa, adaptando-se á natureza do terreno e ás condições do clima. Este trigo vae-se generalizando entre os colonos madeirenses e agricultores do valle do Chimpumpunhime com manifesta vantagem, o que se deve á iniciativa e esforços dos benemeritos missionarios. Muitas arvores da Europa tem sido introduzidas no plan'alto e estão dando bons resultados, devido ás experiencias colhidas na missão.

Alem do trigo da California, cujo rendimento é superior ao do mollar da Huilla, os missionarios introduziram o ribeiro mollar de Cintra e um durazio de Lisboa, que as experiencias verificadas no parque de aclimação demonstraram serem os mais aptos para o clima e natureza dos terrenos do plan'alto. Algumas variedades de feijão, batata e milho foram tambem introduzidas pelos missionarios com vantagem para os colonos e agricultores. A missão possui 3264 arvores de fructo de todas as especies europeas e 1500 pés de vinha das variedades *moscatel*, *bastardinho* e *dedo de dama*.

Algumas industrias têm sido tratadas pelos missionarios com optimo resultado, taes são: a preparação dos cortumes, para o que ha com abundancia no plan'alto as materias primas; a preparação dos licores, fabrico de telha e tijollo por processos aperfeiçoados, serração de madeiras a vapor, etc.

A fabrica de cortumes da missão, montada com aparelhos modernos, produz annualmente 1500 couros que são consumidos nas colonias do plan'alto e villa de Mossamedes.

A missão do Jau foi fundada em 1889. Fica situada nas proximidades da emballa do soba.

As suas edificações comprehendem um elegante predio em fórma de *chalet* com diferentes dependencias, que constituem a missão propriamente dita, onde residem os missionarios, *irmãos* e *irmãs* e são: a capella, casas de residencia, armazens, celleiros, etc.; aos lados ficam as casas que constituem a primeira aldêa christã. São construcções elegantes feitas pelos pretos e dispostas com aceio, ordem e symetria. Existem espaçosas alamedas bem arborizadas, lagos e jardins que tornam encantadora a pequena villa. Já estão cultivados 5 hectares de terreno com hortaliças, cereaes, arvores de fructa europêas, etc.

A missão da Huilla communica com a povoação do mesmo nome por meio de uma estrada de 3 kilometros com a direcção norte-sul; communica com a colonia da Chibia por outra que vae entroncar com a que parte da Huilla para aquella colonia; com a Humpata por outra de 22 kilometros dirigida ao rumo do noroeste pela Palanka e finalmente está ligada á missão do Jau por meio de uma bella estrada carreteira construida pelos missionarios com 18 kilometros ao rumo do oes-sudoeste.

Esta missão foi fundada em 1881, sendo governador de Mossamedes o distincto official da marinha, o snr. Ferreira de Almeida, o qual informado dos optimos resultados colhidos nas missões dirigidas pelos padres do Espirito Santo e sabendo que o benemerito evangelizador da Africa, o padre Duparquet, manifestara desejos de missionar os povos do plan'alto, procurou por intermedio da sociedade de geographia de Lisboa entabolar relações com o corajoso missionario, que por esta epocha promovia a fundação de missões na colonia do Cabo da Boa-Esperança. O rev.^{to} padre Duparquet visitara em 1864 a região do Humbe com intuito de ahi fundar uma missão, não o tendo conseguido por falta de appoio e protecção do nosso governo.

Estabelecido um accordo entre o nobre governador do districto e o prestimoso missionario, partiu este do Cabo

para Lisboa, onde se discutiram as bases para a fundação de uma missão no plan'alto, dirigida pelos padres da Congregação do Espirito Santo sob a protecção do Estado.

Em 1881 partia de Braga o primeiro grupo de missionarios e *irmãos auxiliares*, que escolheram a Huilla para centro das suas operações. Foi escolhido para desempenhar o espinhoso cargo de superior o rev.^{do} padre José Maria Antunes que então contava 25 annos de idade.

A historia da fundação d'esta missão, a narração succinta das difficuldades que os corajosos missionarios encontraram aos seus designios, os estorvos, trabalhos e perigos que a cada passo se levantavam a tolher-lhes o santo empenho e enthusiasmo pela regeneração da raça africana, o progresso e crescimento d'esta grandiosa instituição á custa de fadigas, doenças e sacrificios de vidas, são dignas de uma epopêa, que será escripta no livro da civilisação africana com o generoso sangue de tantos martyres immolados por abnegação e desinteresse nas inhospitas regiões do continente negro.

Ouçamos a voz authorisada do venerando bispo de Echino, D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro.

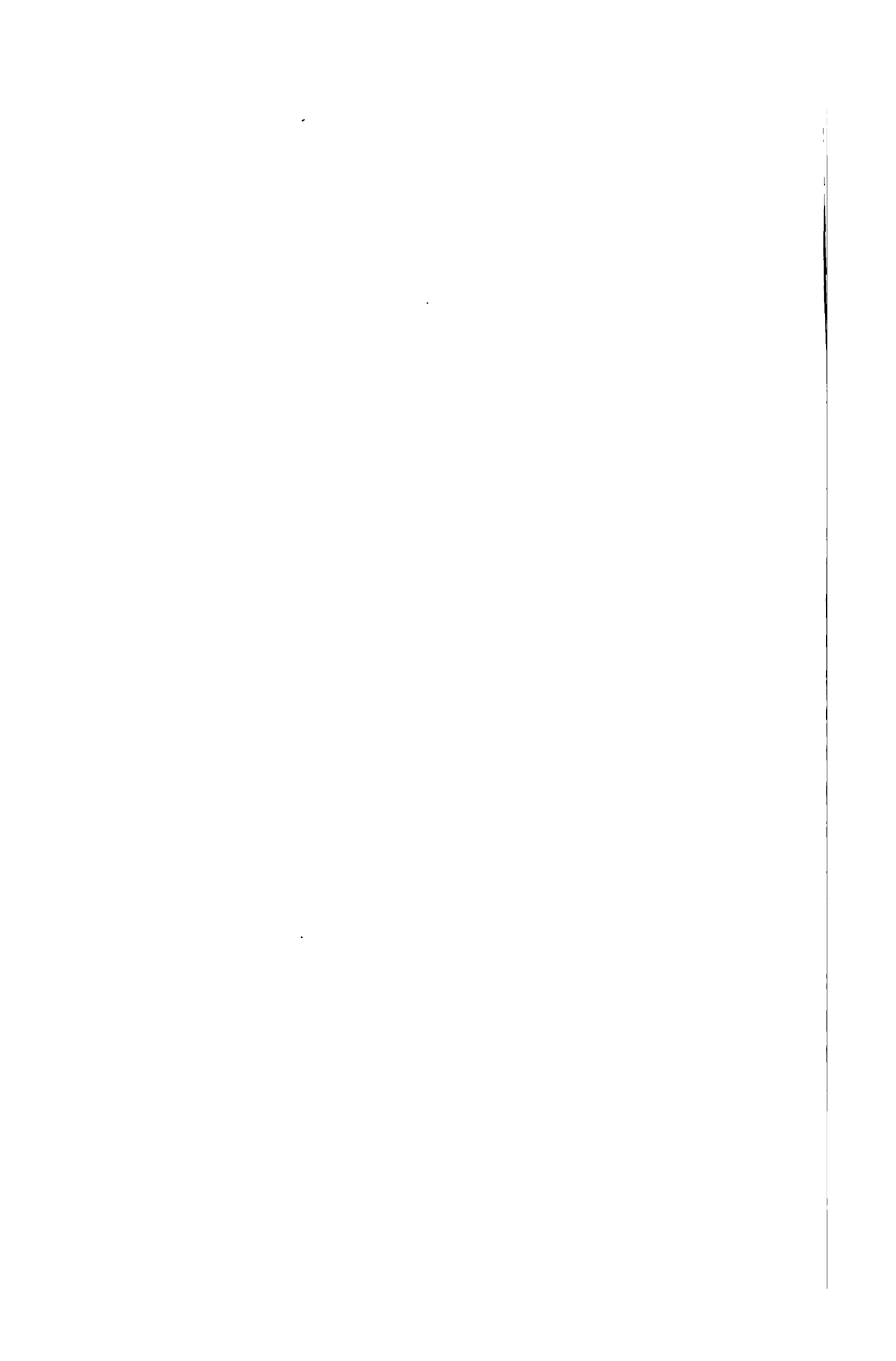
S. Ex.^a Rev.^{ma}, quando presidia aos destinos da diocese angolense, discursando sobre o progresso d'este grandioso estabelecimento e sobre a educação ministrada aos educandos prêtos, que pessoalmente avaliou na sua visita pastoral ás colonias d'este plan'alto, disse:

.....

Vendo porém aqui, vestidos como nós, fallando a nossa lingua, professando a nossa fé, moldados aos nossos costumes tantos indigenas, jovens e creanças dos dois sexos, encorporados d'alma e coração em a nossa nacionalidade, instruidos, morigerados, empregados utilmente na agricultura, nas artes, nos officios, de modo que produzem e offerecem resultados visiveis e palpaveis, traduzidos em quanto ha e se faz n'esta magnifica missão; encontrando-os a todos n'este momento comnoseo, alegres, jubilosos, regenerados pela fé e pratica da vida christã, que incita ao trabalho e gera a paz e abundancia; notando que participam



O REV.^{do} PADRE JOSÉ MARIA ANTUNES



do nosso justo enthusiasmo n'esta occasião tão solemne, que erguem as mãos para o Ceu, entoam canticos á Virgem e se extasiam com a sua gloria, como filhos que a estremecem; eu não posso, Senhores, omittir agora um testemunho de admiração e de reconhecimento para aquelles, que ha nove annos apenas chegaram a este deserto e sem avultados recursos o tem assim transformado nas cousas e nas pessoas, demonstrando praticamente que o preto se pode civilisar, que o preto bem dirigido pode produzir e produz, pode formar colonias agricolas e industriaes solidas e proveitosas; pois tudo quanto aqui ha e podeis ver, tudo isto que propriamente se pode chamar uma colonia é feito pelos pretinhos sob a direcção de alguns missionarios e dos auxiliares da missão, coadjuvados só ha tres annos pelas corajosas educadoras de Carnide.

Eis, Senhores, o que opera no interior da Africa a acção providencial do missionario catholico; eis como se formam colonias agricolas e industriaes uteis e promettedoras, eis o que me convida a dirigir os maximos louvores aos padres, ás intrepidas educadoras, que a vida do sertão não atterra e aos auxiliares da missão, todos abnegados e zelosos e entre os quaes eu conto com orgulho dezenove pessoas portuguezas europeas, numero bem superior, só na Huilla, ao de todos os portuguezes, comprehendendo mesmo os indios e africanos empregados nas restantes parochias e missões do meu vastissimo bispado!

..... ia dizer-vos até, que julgava bem compensados os encommodos da minha viagem Chella acima pelo sertão de Mossamedes, com a grande consolacão de apreciar o bello, o notavel desenvolvimento, que em tres annos, depois da minha primeira visita, tem tomado esta obra, deveras importante, sympathica e sorridente, dirigida por um sacerdote portuguez que tanto honra a religião e a patria e possui o admiravel condão de obter pessoal europeu, ultramarino e até bem numeroso e lidimo portuguez, para instruir e educar os miserandos pretinhos, a ponto de com elles, dentro em pouco, se formarem aldeias verdadeiramente portuguezas, catholicas e civilisadas!

São relevantes os serviços prestados por esta missão á nossa causa, quer difundindo a civilisação pelos indigenas, suavizando-lhes os habitos de selvageria, domando-lhes os instinctos, em beneficio da conquista pacifica dos nossos dominios, quer ministrando conhecimentos uteis e proveitosos sobre agricultura aos colonos e agricultores do plan'alto e educando-lhes os filhos.

E' indispensavel que se organisem novas missões, como esta, nas nossas colonias, sob a protecção do Estado. A analyse imparcial dos factos, desapaixonada de preconceitos, patentêa á evidencia que o unico meio seguro de colher resultados praticos e duradouros da civilisação do preto é utilizando a influencia intelligente, pacifica e sensata dos missionarios congregados. A missão da Huilla é um exemplo digno de admiração e estudo por parte dos que se dedicam á resolução do grave problema da regeneração africana.

As creanças ali instruidas e educadas servirão para de futuro derramar a civilisação no interior da Africa mais facilmente e com mais utilidade do que os exemplos nem sempre moralisadores dos que buscam enriquecer lisongeando e explorando os habitos indigenas com a mira em gananciosos interesses, pervertendo e embrutecendo o negro. Os trabalhos praticos de agricultura ali realizados com instrumentos aperfeiçoados de lavoura hão de mais facilmente convencer os indigenas das vantagens do amanho da terra do que todos os tributos com que se pretenda incital-os a desenvolver as suas culturas.

Avalie-se da poderosa influencia dos benemeritos missionarios sobre o animo dos indigenas, sabendo-se que os aguerridos povos do Jau e Bata-Bata, até então insubmissos ás nossas armas, estão hoje totalmente pacificados e subordinados ao nosso dominio, desde que começaram a sentir a benefica acção da missão do Jau. Os ferozes regulos, que mandavam commetter toda a casta de extorções, latrocínios e assassinatos sobre os brancos, que se aventuravam a penetrar nos seus estados, actualmente morigerados pela pratica dos bons exemplos difundidos pelos corajoros pioneiros da Africa, apresentam-se aos nossos governadores para lhes prestar homenagem e reconhecimento á nossa soberania.

E é este, a nosso ver, o unico meio de concitar os indigenas a procurar amistosas relações com a raça europêa; tra-

tal-os com brandura, patentear-lhes bons exemplos e convidal-os por meios suavios a imital-os. Esta evangelica paciencia só a tem o missionario que se evola dos interesses mundanos da sociedade e vae para a Africa dedicar a vida inteira á civilisação da raça negra, sem attenções com a sua saude e futuro, e ali morre, martyr das suas convicções, acorrentado ás idêas de castidade, obediencia e pobreza! Tal é o missionario congregado do Espirito Santo.

O elogio da missão da Huilla já está feito por mão de mestre a quem não nos é dado imitar. A excellencia dos resultados obtidos com a educação pratica dos pretos, alliada á catechese, foi reconhecida e louvada pelos arrojados exploradores Capello e Ivens na sua immortal obra *de Angola á Contra-Costa*.

.....

A missão, que está collocada em risonho valle por onde serpeia pittoresco rio, compõe-se de vastos estabelecimentos bem construidos, cercados de jardins, hortas e terras de sementeira, devido tudo a grande esforço e trabalho, tendo de drenar as terras em uma grande extensão e dirigir as aguas do rio; é n'esse aprazivel sitio, onde mais agradavelmente se passa na Huilla, que o recém-chegado se sente satisfeito ao entrar no gabinete de leitura.

Exultamos ao ver o sentido pratico que a missão dá aos seus trabalhos a par d'aquelles da catechese, derramando na area da sua acção o gosto pelos labores de toda a ordem, principalmente agricolas.

Lembra-nos o que escrevemos ao concluir da nossa obra *De Benguella ás terras de Iacca*, quando fallamos do missionario e práz-nos notar que a missão da Huilla, embora não tenha sido guiada pela singularidade das indicações, de resto sem a menor pretensão, vae casualmente em linha parallela com o nosso pensamento.

..... Ensinar o indigena a fazer a charrua, e extrahir o ferro pelo modo mais aproveitavel, a combinal-o com o carbone para produzir o aço; incutir-lhe a primeira noção do moinho, revellar-lhe o modo de aproveitar a força das aguas e as vantagens do amanho dá terra, eis em resumo o fim serio da missão ali.

Taes eram as nossas palavras ao tempo e que felizmente vamos vendo realisadas na Huilla.

Fazemos votos pela prosperidade da missão convencidos de que o negro ha de sentir em curto espaço de tempo os seus beneficos efeitos acabando por modo gradual com essas repugnantes e torpes scenas de feitiçaria.

Existe em Cintra uma escola agricolo-colonial fundada e dirigida pelos missionarios do Espirito Santo, cujo fim é formar mestres primarios e de artes e officios, conhecidos com o nome de *irmãos auxiliares*. São elles que vão ensinar nas missões africanas as especialidades aprendidas na escola, dirigindo a educação artistica e pratica do preto ao lado da catechese ministrada pelos padres.

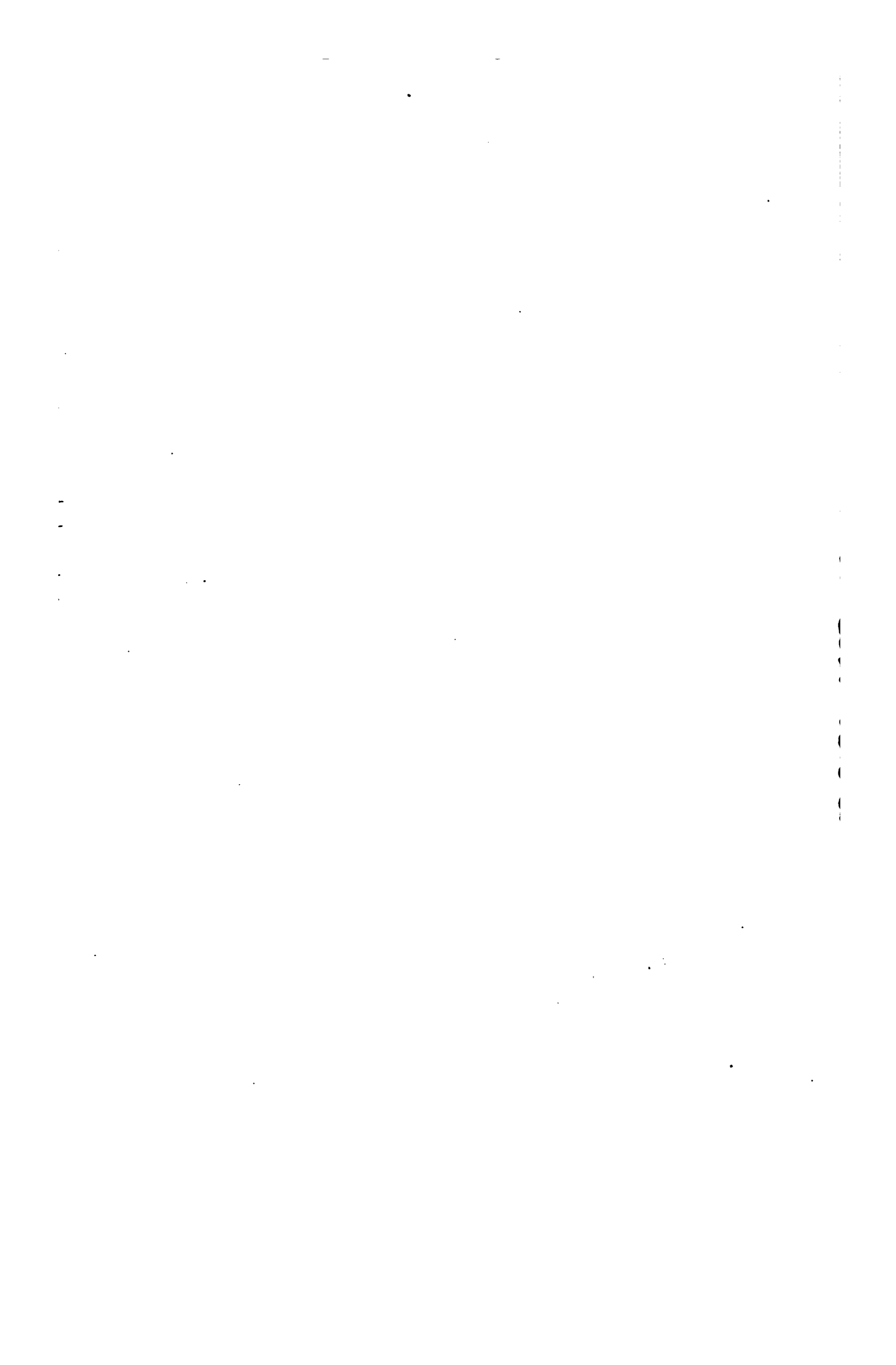
A falta d'este importante elemento de educação profissional para os pretos tem sido a causa de insuccesso nas missões portuguezas dirigidas por padres seculares.

Este utilissimo estabelecimento forma uma vasta propriedade agricola, abrangendo duas quintas com casarias para as officinas de todas as especialidades artisticas e dependencias rusticas e apropriadas á lavoura. O seu pessoal comprehende: 49 irmãos alumnos, 12 aprendizes, 5 pensionistas. O corpo docente é formado por um padre-director e 11 irmãos professores e mestres. Total 78.

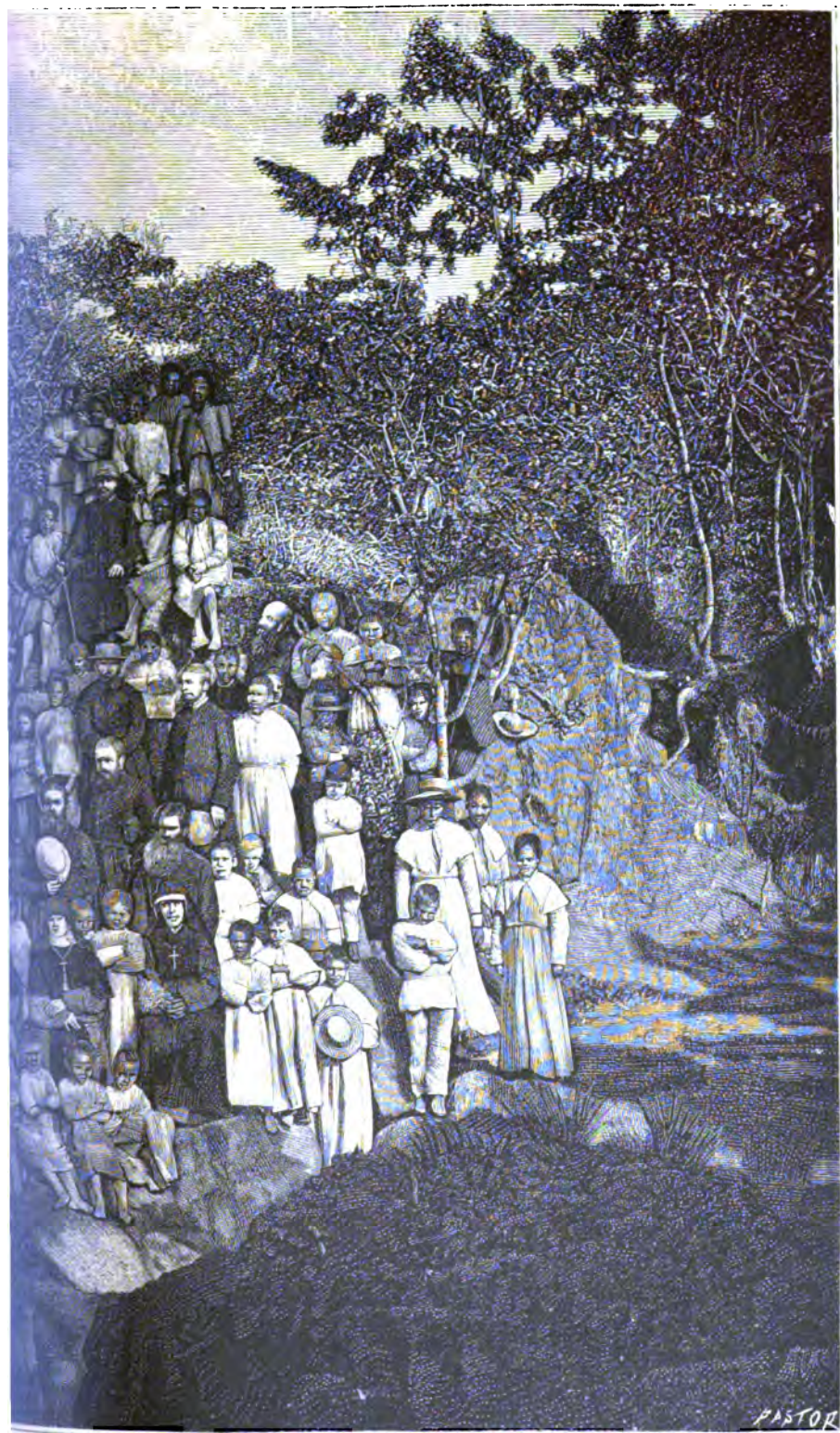
Esta escola deve a sua existencia á caridade inexgotavel de uma nobre e illustre senhora, a condessa de Camarido. Constando-lhe que o benemerito padre Duparquet procurava uma propriedade onde pudesse fundar uma escola pratica de agricultura, artes e officios para formar e instruir os *irmãos da missão* do real padroado na Huilla, offereceu-lhe generosamente para tal fim as suas vastas propriedades em Cintra. Neste louvavel intuito foi a nobre e caridosa senhora auxiliada pelo virtuoso e illustrado sacerdote, monsenhor Quesada.

A escola foi fundada em 1887. A principio sustentou-se de esmolas e do rendimento das quintas, e apezar de tão poucos recursos conseguiu enviar para as missões em Angola 16 irmãos, contando apenas 42 alumnos até 1889.

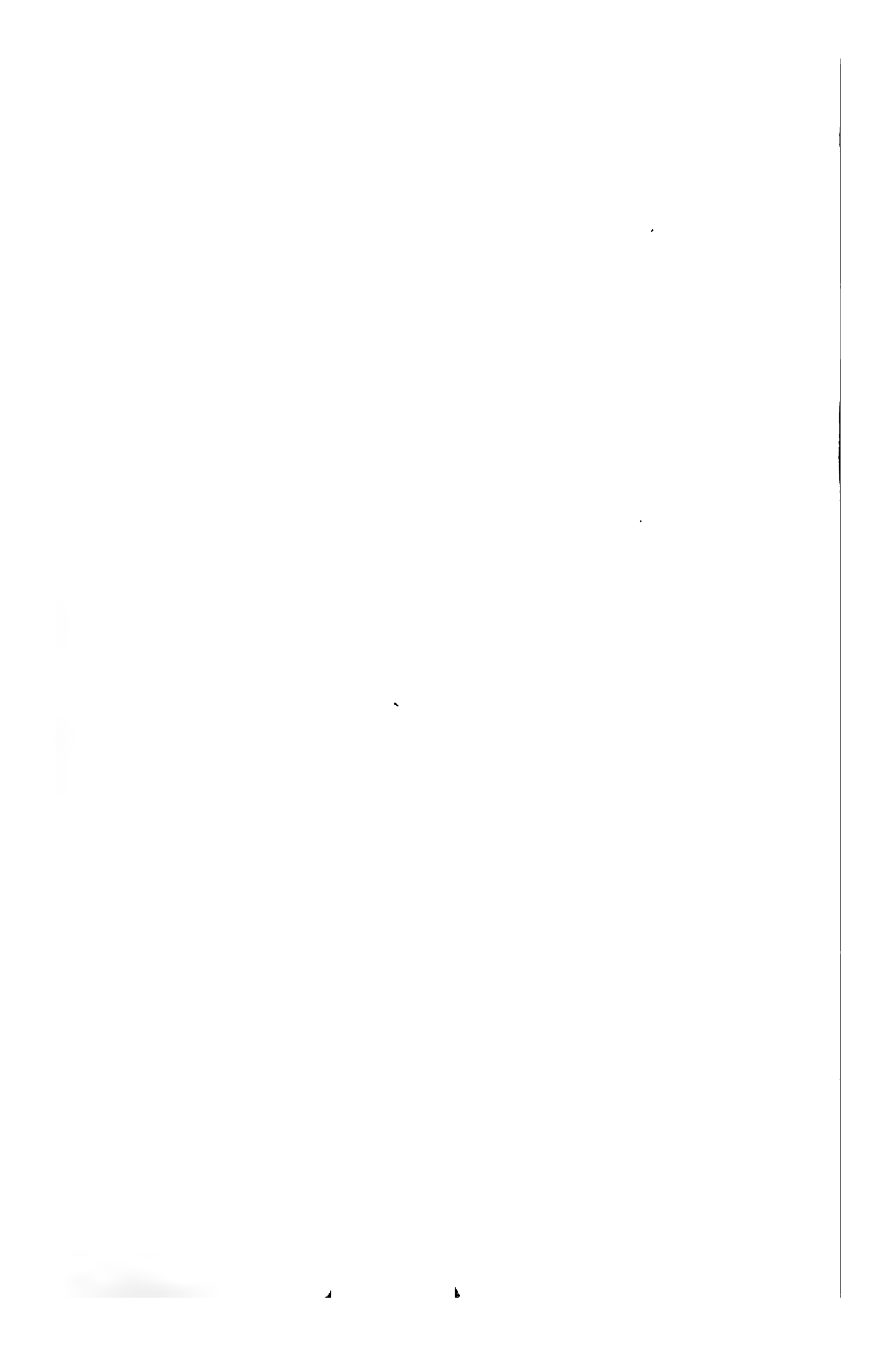
Faltando, porém, ao incansavel padre Duparquet os re-







OS DA MISSÃO DA HULLA



curros indispensaveis para imprimir maior impulso á sua obra, habilitando-a a fornecer, não só o *irmão da missão*, mas tambem o pessoal secundario e auxiliar para o regular desenvolvimento das missões africanas, solicitou do governo um subsidio para dar maior amplitude á sua empreza. O governo informou-se, por intermedio de pessoas de alta competencia e seriedade, do estado do Instituto, seus fins, sua utilidade e convencido da sua importancia moral e material concedeu-lhe um subsidio annual de tres contos de réis, considerando a escola colonial de Cintra como instituição auxiliar do real padroado na Africa.

O relatorio, que precede o decreto concedendo o subsidio a esta util instituição, representa uma pagina brilhante para a historia da evangelisação dos povos africanos pelos benemeritos missionarios do Espirito Santo. Damol-o na intrega, porque elle falla mais alto do que as nossas humildes palavras.

Senhor. — Larga e profunda tem sido a acção religiosa, patriotica e civilisadora das missões catholicas portuguezas no continente africano. A ellas incontestavelmente se deve, em grande parte, a consolidação e expansão do nosso dominio colonial n'aquellás paragens, onde o prestigio do nome portuguez se engrandece e vincula hoje mais ainda pelas luzes da civilisação que derramâmos, do que pela tradição heroica dos vastos dominios que conquistámos. Nem de outra fórma, que não seja a redempção d'aquelles povos pela sciencia, pela moral, pelo trabalho e pela fé, poderemos legitimar e defender, como nos cumpre, e nos interessa, os nossos gloriosissimos direitos de soberania e padroado.

Preciso se torna pois e urgente, procurar e preparar-lhes pessoal habilitado e dedicado, que pela orientação propositada da sua educação moral, scientifica e professional, corresponda ás verdadeiras necessidades praticas da laboriosa formação d'aquelle novo mundo, por nós aberto ás industrias, ás artes, ás aciencias, ás letras e ao commercio universal.

Dar ás missões um character confiadamente nacional e eminentemente educador e docente; tornar o missionario, não só apostolo da fé, mas verdadeiro soldado da cruzada da civilisação, e não só sacerdote de uma crença espiritual, mas verdadeiro ministro da religião do trabalho e do progresso; collocar ao lado do cathechista o professor e o mestre, e erguer ao pé da igreja a escola e a officina, de fórma a crear

simultaneamente neophytos e aprendizes, crentes e operarios, fieis e cidadãos, deve ser o empenho e occupar o desvello dos que sinceramente procuram dar áquella sociedade que nasce todos os elementos de vida, de formação, de desenvolvimento e de prosperidade. Luctar por igual, para por igual vencer, a impiedade, a ignorancia e a indolencia do gentio, levar-lhe ao espirito, com a luz ineffavel de uma religião de justiça, de amor e de caridade, todas as noções do dever civico, da solidariedade social e da dignidade humana; ensinar-lhe, não só as maximas sublimes da moral christã, mas tambem todos os processos de trabalho, todos os recursos da industria, todas as applicações da sciencia, todas as utilidades da arte, todas as forças da intelligencia humana sobre os elementos naturaes, tal é, a missão util e verdadeiramente benefica a desempenhar n'esse vasto continente escuro e inculto.

Proteger, portanto, estabelecimentos de educação, que principalmente se destinem a preparar mestres, artistas, operarios e agricultores para auxiliares da missão, como faz a escola agricola colonial, fundada em Cintra em dezembro de 1887, e onde, segundo as informações officiaes e o parecer da junta geral das missões, se trabalha activamente, se educa com desvelo, se moralisa com escrupulo, se disciplina com intelligencia, e se augmenta consideravelmente o pessoal educando, mais attendendo ás urgencias do ensino, ás necessidades do padroado, e ao aproveitamento opportuno das vocações, do que aos conselhos de uma prudente administração, parece-me que é uma necessidade e um dever.

Para a conveniente educação professional, habitação e sustento do numeroso pessoal que esse instituto já conta, e que tende a augmentar, é preciso que se completem as edificações começadas para officinas de artes e officios; que se melhorem e ampliem as installações ruraes; que se adquiram livros, alfaias, instrumentos e materiaes de trabalho e que haja uma fonte certa de dotação annual.

E' para tudo isto que a direcção da escola pede o auxilio do governo de Vossa Magestade. E attendendo a que institações d'esta natureza são, no momento actual, um elemento de força para a grande lucta africana, e a que sob a inspecção e superintendencia do estado essa força se não poderá desviar, nem é de presumir que se desvie, da sua util e patriótica applicação, tenho a honra de submeter á approvação de Vossa Magestade o seguinte projecto de decreto.

Secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, em 14 de novembro de 1889. *Frederico Ressaio Garcia.*

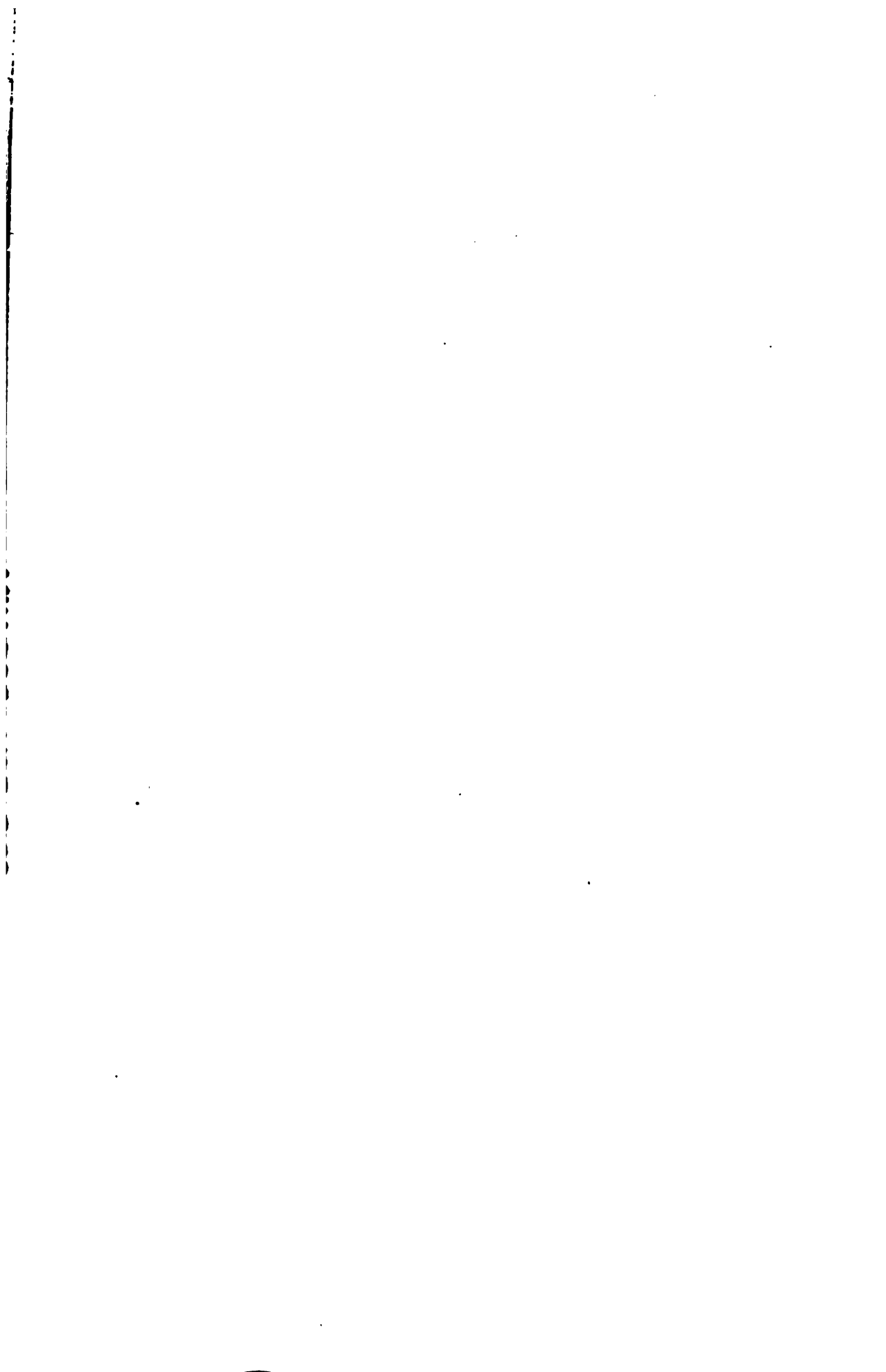
A prosperidade d'esta grandiosa obra de educação, destinada á regeneração da raça negra, estão ligados dois nomes distinctos, Ferreira do Amaral e Costa Lobo.

Entre a pleiade de homens illustres, que teem protegido a missão da Huilla, figuram os ministros : Barros Gomes, Julio de Vilhena, Barbosa du Bocage, Ressano Garcia; o director geral do Ultramar, Costa e Silva; os bispos de Angola: D. José Netto, e D. Antonio Thomaz da Silva Leitão e Castro; os governadores geraes: Ferreira do Amaral e Brito Cappello; os governadores do districto de Mossamedes: Ferreira d'Almeida, Alvaro da Costa Ferreira e Leitão Xavier; a nobre e caridosa condessa de Camarido; monsenhor Quesada, e dr. Fernando Pedroso.





Colonia de S. Pedro da Chybia



Colonia de S. Pedro da Chibia

Está situada sobre a margem esquerda do rio Chimpumpunhine no sitio denominado Chibia (Tybia) com a altitude de 1515 metros. Demora a ESE da povoação da Huilla á distancia de 25 kilometros aproximadamente.

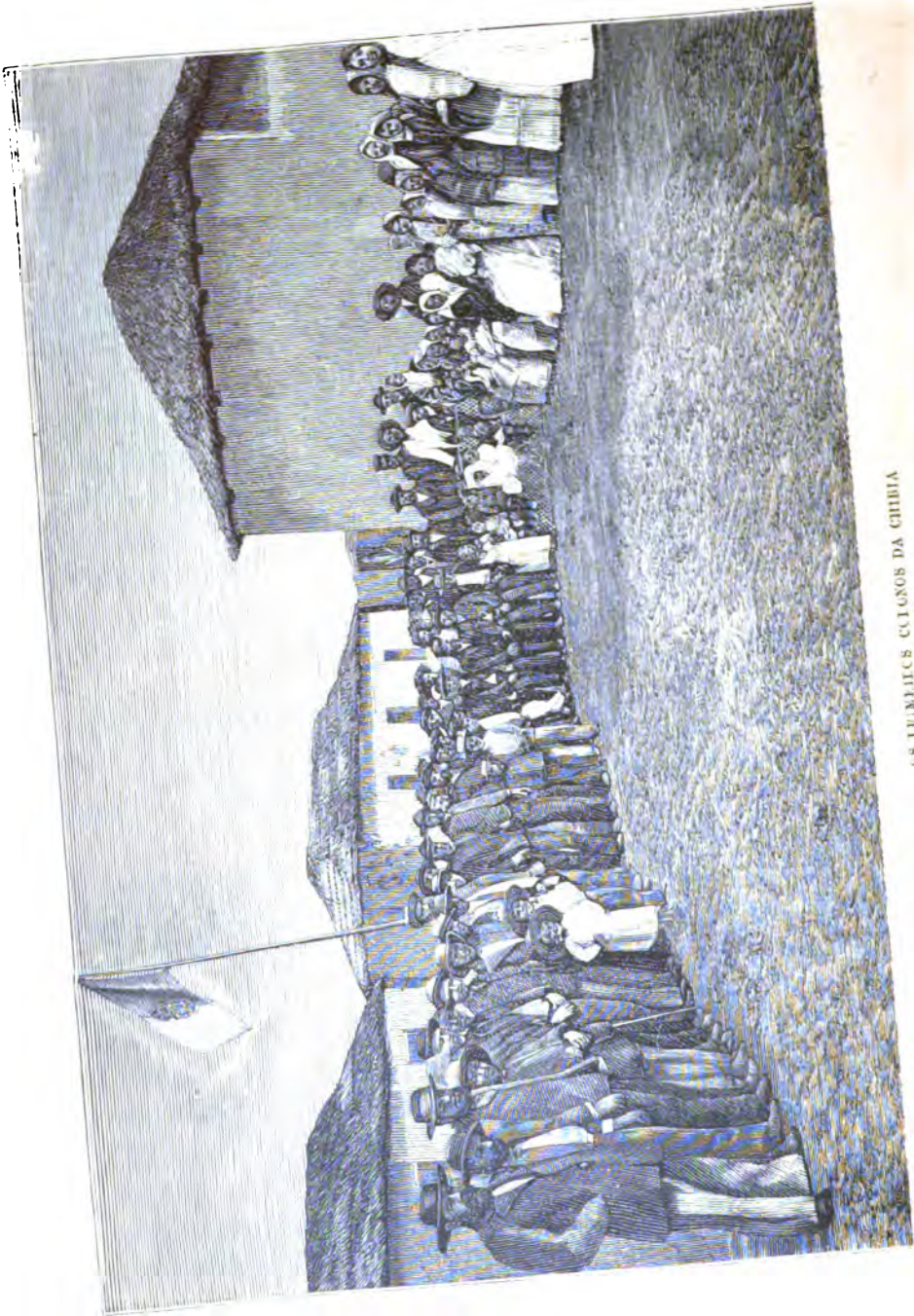
E' sede do concelho da Huilla e o principal centro de producção agricola do plan'alto. Occupa a area de 450 hectares.

Pelo grau de prosperidade que attingiu de 1880 por diante, pela sua optima posição no centro da fertilissima bacia do Nene, pela importancia das suas transacções commerciaes com os indigenas e relações com os centros productores dos Gambos e Humbe, pelo rapido crescimento e estado florescente das suas propriedades agricolas, é considerada a colonia mais rica do plan'alto e aquella a que está destinado um mais brilhante futuro.

Foi inaugurada em 1885 por iniciativa do capitão Pedro Augusto Chaves, então chefe do concelho da Huilla, tendo sido nomeado seu director o capitão Joaquim Affonso Lage.

O primitivo grupo de imigrantes, que iniciou a colonisação no valle do Chimpumpunhine era constituido por algumas familias madeirenses em numero de 44 individuos, destacados por ordem superior, das colonias Sá da Bandeira e S. Januario. Acompanharam estas familias alguns individuos oriundos das provincias do norte de Portugal, que então occupavam o valle do Lupôlo. Foram elles que deram animação aos trabalhos agricolas fundando propriedades, que actualmente rivalisam em producção e extensão com as melhores de Kapangombe e tornam esta colonia o mais importante centro de agricultura da zona alta.

Os terrenos d'este valle, sendo os mais ferteis, teem tido grande procura achando-se já occupados em uma extensão



OS FURBANTES CULGOS DA GIBBIA

superior a 30 kilometros pelas duas margens do rio, não só pelos colonos madeirenses, mas muito especialmente pelos antigos agricultores da Huilla e alguns do concelho de Kapangombe, que desanimados com a persistencia das seccas na zona baixa procuram fundar novas propriedades no uberrimo solo da Chibia, afim de compensar os prejuizos causados nas suas fazendas de Kapangombe, Moninho e Biballa pelas estiagens. E' esta a principal causa do rapido crescimento da colonia.

Os agricultores da zona baixa, homens praticos e conhecedores de terrenos, sabendo bem avaliar o alcance das produções em relação ás aptidões vegetativas do solo, acostumados á agricultura em larga escala e dispondo de todos os recursos para o arroteamento de grandes extensões de terreno, como sejam machinas e engenhos agricolas e serviçaes, vieram dar um grande impulso ao progresso d'esta colonia, dotando-a com melhoramentos que não teria, se, como nas outras colonias, a agricultura se limitasse aos pequenos arimos dos colonos madeirenses que, quando muito, rendem para a sua alimentação.

Os optimos resultados colhidos nas propriedades agricolas d'este valle tem concorrido para animar os colonos a maiores plantações, ministrando-lhes ensinamentos uteis sobre as regras que mais se coadunam com a pratica dos trabalhos ruraes, escolha e epocha das sementeiras, regas, colheitas etc.

Notaremos que os colonos madeirenses transportados para o plan'alto, não encontrando pessoa competente que os guie praticamente e os inicie nos conhecimentos relativos á qualidade dos solos, influencia do clima sobre as culturas, etc., isto que praticamente constitue o conhecimento da agricultura applicada ao terreno em exploração, tendem a fazer as suas plantações conforme faziam na Madeira, sem attender á inversão das estações, nem á natureza dos terrenos e clima; plantam as mesmas especies que



GRUPO DE CRIANÇAS DA COLÔNIA DA CHIDIA

plantavam na sua terra, nas mesmas epochas, e do mesmo modo.

D'esta pratica arronea surdem inconvenientes faceis de avaliar, traduzindo-se na menor producção, perda de sementeiras e no desanimo que leva muitos a abandonar a agricultura para se dedicarem ás artes e officios. E' esta, a nosso ver, uma das causas de decadencia nas colonias madeirenses do Lubango e Humpata e que não existe na Chibia, por isso que as fazendas agricolas situadas nas vizinhanças da colonia e dirigidas por individuos praticos e conhecedores da agricultura no plan'alto são escolas de que os colonos tiram proveito.

Durante os annos decorridos desde 1885 a 1890 esta colonia esteve abandonada da protecção official, vivendo dos recursos da sua propria iniciativa sob a habil direcção de um funcionario honesto, trabalhador e modesto, o capitão Lage; sem obras publicas que lhe desviassem os braços da agricultura, nem pomposos elogios, adrede forjados para lhe attrahir as attenções publicas. Viveu modestamente sem outras aspirações que não fossem as do seu trabalho, e tal desenvolvimento adquiriu no espaço de 5 annos, que se impoz á admiração do governo.

O sr. Leitão Xavier, actual governador do districto, convencido de que não havia razões que justificassem o ostracismo odioso a que fora votada a colonia que dispõe de melhores elementos de prosperidade e riqueza, passou a dispensar-lhe merecida attenção, ordenando a remessa de parte dos colonos vindos da Madeira e dotando-a com alguns melhoramentos materiaes de urgente necessidade.

Posto não concordemos com a mudança da séde do concelho da povoação da Huilla para a colonia de S. Pedro, por tirar toda a importancia áquelle ponto central, todavia reconhecemos que deu maior incremento á prosperidade e progresso da colonia, atrahindo para ali grande numero de agricultores do valle do Lupôlo.

A colonia é formada por 400 casas dispostas com ordem



PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES DA COLÔNIA -- UMA RUA

e symetria em ruas largas, bem alinhadas e limpas, ornadas de plantações de eucalipto, pimenteira e amoreira. Contem onze ruas, das quaes cinco correm no sentido norte-sul e tem os seguintes nomes: Principe da Beira, Pinheiro Chagas, Costa e Silva, Sebastião da Matta, Leitão Xavier. As seis restantes são perpendiculares ás primeiras e tem os nomes de: D. Luiz I, conselheiro Capello, conselheiro Amaral, Theodosio Lencastre, Rollão Preto.

Os edificios publicos são: residencia do director da colonia, construcção modesta, mas agradavel e hygienica, feita de pedra e barro e coberta de telha de zinco. N'ella está installada a secretaria do concelho e colonia, ambulancia da delegação de saude, residencia do medico, estação postal, escolas d'ambos os sexos e residencia dos professores; calabouço, arrecadação de material e sementes, enfermaria, etc., são construcções acanhadas, feitas de adobe e cobertas de colmo, alugadas a particulares: a capella funciona em um casebre; ha necessidade de um barracão espaçoso e hygienico para abrigo dos colonos recém-chegados, e de uma ponte sobre o rio Chimpumpunhime para estabelecer communicação entre os casaes situados nas duas margens do rio.

As casas dos colonos são construidas de pau a pique ou adobe com cobertura de colmo ou telha fabricada na colonia. Cada casa possui um quintal com 600 metros quadrados de superficie, onde cultivam legumes, hortaliças e arvores de fructa.

Os arimos occupam as duas margens do rio. Cada colono possui meio hectare de terreno, onde semeia trigo, batata ingleza e doce, cará, centeio, milho, etc. Alguns tem creações de cabras, gallinhas, porcos, e outros possuem moinhos movidos pela agua do rio para moer os cereaes.

Existem fornos de telha e tijolo.

Os terrenos prestam-se a todas as culturas europêas e dos climas quentes e são irrigadas por tres levadas com a extensão total de 50 kilometros.



PRIMEIRAS CONSTRUÇÕES DO ESTABO - ÁGUA DO MUNICÍPIO DO CHITRE DA CALOUSA

As fazendas agricolas começam no sitio denominado Chimpumpunhine a 15 kilometros da colonia e estendem-se ao seu encontro occupando as duas margens do rio.

A mais importante é a de Santa Amelia, propriedade do snr. Pedro Augusto Chaves; possui 200 servições, muitas machinas e engenhos agricolas e uma importante distillação de aguardente. A sua maior produccão consiste em cana saccharina, cereaes e legumes com o rendimento annual de 6:000\$000 réis.

Existem nas proximidades da colonia muitas mattas de excellente madeira e extensas superficies cobertas de pastagem.

A 4 kilometros a sueste da colonia de S. Pedro fica a pequena colonia da Ioba formada por 15 familias *boers* e *bastards*, que se dedicam á agricultura. A sua produccão media annual é de 10.000 litros de trigo, 6.000 de feijão e 8.000 de milho.

A despeza feita com a colonia de S. Pedro da Chibia durante o anno economico de 1890-1891 foi de 27:502\$729 distribuidos da seguinte forma:

Obras publicas	3:700\$000
Fretes a carros <i>boers</i>	5:000\$000
Ordenados, ajudas de custo, gratificações . .	7:000\$000
Subsidio a colonos	12:000\$000

Creação de gado bovino e lanigero

Seria de grande vantagem introduzir nas colonias madeirenses a criação de gado bovino, que sobre ser rendosa e facilitar os trabalhos agricolas, teria a vantagem de restituir á terra a sua primitiva fertilidade. Provado, como fica, que os colonos, nas circumstancias actuaes, não podem auferir lucros da agricultura por falta de communicação

rápida e barata entre o litoral e o plan'alto, parece-nos que a criação de gado viria dar-lhes alguma animação proporcionando-lhes uma occupação fácil e segura de obterem meios para se proverem dos objectos mais indispensaveis a regular manutenção da economia domestica, como sejam o vestuario, mobilia, generos de mercearia, utensilios, etc.

O gado bovino comprado nos centros productores dos Cambos e Humbe fica nas colonias do plan'alto por preços modicos, 10\$000 a 12\$000 réis um boi e 6\$000 a 8\$000 réis uma vacca. Um boi regular vendido em Mossamedes rende 20\$000 a 22\$000 réis.

Existem nas proximidades das colonias extensas campinas com abundantes pastagens, sendo apenas *necessario* crear prados artificiaes com plantas de reconhecido valor nutritivo para substituir o capim, que a experiencia demonstra fornecer uma alimentação fraca.

A introdução do gado lanigero seria um elemento de prosperidade para as colonias pela produção da lã. E porém indispensavel estudar a maneira mais conveniente de o tratar e alimentar e qual a melhor raça a introduzir. Alguns exemplares da raça merina, que encontramos nas colonias em 1888, foram enviadas pelo nobre director geral do ultramar, o conselheiro Costa e Silva, cujo interesse e dedicação pela colonisação europêa do plan'alto o levou a percorrer as lojas de Lisboa em procura de thezouras proprias para cortar a lã e ao carinho paternal de ensinar a um individuo encarregado da conducção e tratamento dos carneiros, a melhor maneira de tosquia-os, fornecendo-lhe ensinamentos uteis relativos ao tratamento, conservação, reprodução, epochas de tosquia, etc. O nobre par do reino e director geral bem demonstrava a sua dedicação pelo progresso d'estas colonias esquecendo a sua alta cathedria para baixar a estas minudencias. Infelizmente no plan'alto não tiveram as devidas cautellas com os exemplares, dividiram-nos pessimamente, carneiro para um lado,

ovelha para outro, sem estabulos apropriados nem os cuidados indispensaveis com a reproducção, resultando que uns morreram de doenças contrahidas por effeito das bruscas variações de temperatura, e outros foram comidos!

Duas doenças grassam no plan'alto produzindo grande mortandade no gado bovino; são a sarna psoroptica e a peripneumonia, infecciosa, conhecida do gentio com o nome de *caónha*. Foram descriptas pelo distincto agronomo-veterinario, o snr. João Tierno, que em 1887 visitou o plan'alto commissionedo pelo governo para estudar as enzootias dos bovideos e propor os meios hygienicos e curativos para debellar a propagação do mal que então grassava com grande intensidade. Do seu excellente relatorio publicado em 1888 no *Boletim Official* da provincia de Angola destacamos os seguintes periodos sobre a ectiologia d'estas doenças:

.....

As plantas forraginosas, que brotam espontaneas d'este sólo, resentem-se do seu mau tempero, traduzem nitidamente a sua composição chimica; e os animaes que se nutrem d'ellas revelam pelo temperamento, pela constituição do arcabouço, que lhes faltam na alimentação alguns principios indispensaveis. Um d'esses principios é a cal.

Por outro lado as influencias climatologicas, poderosissimas n'estas regiões, actuando simultaneamente e no mesmo sentido com os alimentos, constituem outra causa de depauperação organica. O clima é humido em extremo e o calor não exagerado mas persistente. A epocha das chuvas é tambem a epocha dos maiores calores. As variações thermometricas são rapidas e consideraveis: a differença entre as temperaturas maxima e minima é frequentes vezes de 12°, 14° e mesmo 15°, e não é raro subir a 20°. A resultante de todas estas acções deprimentes integra-se no organismo, fixa-se, transmite-se por hereditariedade e com o andar dos tempos fica constituindo um caracteristico de raça. O calor conjugado com a humidade dá aos animaes o empastamento das fôrmas e um certo grau de lymphatismo; a prolongada alimentação incompleta produz a anemia; a falta de cal no sólo e portanto nas plantas espontaneas origina a pequenez e a fragilidade do esqueleto. E

são realmente estes os caracteres physiologicos e morphologicos da raça bovina do plan'alto da Chella, pelo menos na região que percorri.

As influencias do clima e da alimentação acrescem ainda outras que são: as pessimas condições hygienicas em que os animaes vivem, e a falta de cuidado na reproducção. As rezes, em geral, não se acham submettidas ao regimen da estabulação, andam nas pastagens, e á noite os pastores colhem-nas e reúnem-as n'um local determinado com o simples resguardo de uma sébe improvisada. Os estabulos permanentes quando os ha, são descobertos, e tem no chão uma camada de estrume de 1 metro de altura, onde os animaes se atascam até acima dos curvilhões. Nem limpeza, nem o minimo resguardo contra os rigores do clima. A reproducção faz-se ao acaso; não ha cuidado algum na escolha dos paes, de maneira que os vicios congenitos ou adquiridos accumulam-se, tendem a fixar-se e transmitem-se inalteravelmente de uma para outra geração. Resumindo: -- a anemia, que é já um caracter de raça, resultante do meio pernicioso, da alimentação insufficiente, das pessimas condições hygienicas, e aggravada com a actividade ininterrompida d'estas causas e com a reproducção que vae accumulando os vicios organicos, augmenta a receptividade dos animaes para os germens morbigenos e torna-os mui pouco proprios para resistirem aos agentes pathogenicos, quer banaes, quer especificos.

O que acabo de dizer, é plenamente confirmado pela enorme extensão e intensidade que a sarna psoroptica adquiriu entre as rezes do plan'alto. Esta doença, sempre benigna, que se debella com a maior facilidade quando convenientemente tratada, tem causado consideraveis perdas aos proprietarios, os quaes se receiam hoje mais d'esta affecção cutanea do que das enzootias de baccira e de caónha.

A sarna psoroptica é mais frequente no Lubango e Huilla e rara na Humpata, emquanto que a peripneumonia contagiosa domina n'aquelle plan'alto.

O illustrado veterinario aconselha como medida preventiva uma alimentação mais nutriente fornecida por prados artificiaes plantados de luserna e trevo, o resguardo em estabulos bem construidos e cobertos de colmo de modo a preservar o gado da influencia das variações de temperatura, a remoção dos dejectos e o aceio dos pavimentos.

Para a sarna aconselha, como tratamento preservativo, o isolamento em boas condições de resguardo e alimentação reconstituente e como tratamento therapeutico em pri-

meiro logar uma lavagem vigorosa com uma brossa e agua de sabão e em seguida applicações de pomada de enxofre, linimento de tabaco, lavagens com um soluto de hyposulfito de soda e agua acidulada pelo acido chlorhydrico.

Para a peripneumonia infecciosa propõe o tratamento prophylatico por meio de inoculações na face interna da extremidade inferior da cauda com o liquido purulento extrahido de um pulmão affectado da doença.

Existe uma outra epizootia que ataca o gado cavallar e asinino. E' conhecida com o nome de *doença da Humpata*. Esta affecção ainda está por estudar; tem causado enormes prejuizos aos particulares e ao estado, reduzindo consideravelmente o numero de animaes do esquadrão de cavallaria da Humpata.

Sem entrarmos em discussões hypotheticas sobre a ectiología d'esta doença, mantemos todavia a opinião de que ella seja uma affecção pulmonar de natureza congestiva. Seria conveniente que houvesse junto ás colonias, com residencia permanente, um agronomo-veterinario para ministrar aos colonos os conselhos praticos sobre agricultura e tratar os animaes atacados de doenças.



Colônia S. Pedro da Candeia
Mapa estatístico da população, Indústria, etc., referido ao ano econômico de 1940 a 1941

Cidade	Número de habitantes	Sexo		Estatos			Profissão	Número de casas de habitação
		Masculino	Feminino	Branca	Preta	Parda		
1053	Número de habitantes							
499	Número de habitantes							
341	Maiores							
105	Menores							
346	Maiores							
91	Menores							
376	Masculino							
407	Feminino							
110	Masculino							
130	Feminino							
60	Masculino							
28	Feminino							
28	Masculinos							
28	Femininos							
28	Masculinos							
28	Femininos							

Colônia S. Pedro da Chibla

Mapa estatístico da produção agrícola, referente ao anno economico de 1890-1891. — Arvores fructíferas e gado existente em 30 de junho de 1891. — Areas cultivadas, arroteadas, etc.

Produção agrícola		Arvores fructíferas e suas especies		Gado e suas especies existentes na colonia		Generos consumidos na colonia		Area cultivada		Area arrotada		Casas Area		Ruas Area		Area total	
Trigo	5:110 alq.	Trigo	1:500 alq.	Bois	1:200	Trigo	1:500 alq.	Hectares	283	Hectares	188	Hectares	1	Hectares	5	Hectares	478
Milho	60:000 alq.	Milho	18:000 alq.	Vacças	100	Milho	18:000 alq.	Ares	78	Hectares	40	Hectares	1	Ares	22	Hectares	478
Centio	3:000 alq.	Centio	4:500 alq.	Cavillos	3	Centio	4:500 alq.	Ares	78	Ares	40	Ares	1	Ares	22	Ares	94
Cevada	3:000 alq.	Cevada	2:000 alq.	Porcos	300	Cevada	2:000 alq.	Hectares	1	Ares	30	Ares	1	Ares	30	Ares	94
Feijão	30:000 alq.	Feijão	10:000 alq.	Cabras	100	Feijão	10:000 alq.	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Ervilha	1:500 alq.	Ervilha	1:300 alq.	Ovellas	40	Ervilha	1:300 alq.	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Grão de bico	200 alq.	Grão de bico	450 alq.	Carnellos	20	Grão de bico	450 alq.	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Fava	800 alq.	Fava	800 alq.	Muarras	4	Fava	800 alq.	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Batata inglesa	1:200 arrobas	Batata	600 arrobas	Jumentos	30	Batata	600 arrobas	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Mandioca	200 arrobas	Mandioca	300:000 "			Mandioca	300:000 "	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Canna	10:000 arrobas	Canna	—			Canna	—	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Cará	354:000 arrobas	Cará	—			Cará	—	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Linhaga	100 alq.	Linhaga	—			Linhaga	—	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Amoreiras	300	Amoreiras	2:200			Amoreiras	2:200	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Pecqueiros	6	Pecqueiros	6			Pecqueiros	6	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Pinheiros	1:000	Pinheiros	1:000			Pinheiros	1:000	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Figueiras	400	Figueiras	400			Figueiras	400	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Castanheiros	2:500	Castanheiros	2:500			Castanheiros	2:500	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Laranjeiras	40	Laranjeiras	40			Laranjeiras	40	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Limoeiros	24	Limoeiros	24			Limoeiros	24	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Tangerineiras	30	Tangerineiras	30			Tangerineiras	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Cidreiras	200	Cidreiras	200			Cidreiras	200	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Goabeiras	3:000	Goabeiras	3:000			Goabeiras	3:000	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Bananeras	30	Bananeras	30			Bananeras	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Oliveiras	45	Oliveiras	45			Oliveiras	45	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Mangueiras	300	Mangueiras	300			Mangueiras	300	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Rouanzeras	3:000	Rouanzeras	3:000			Rouanzeras	3:000	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Videiras	20	Videiras	20			Videiras	20	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Amendoeiras	30	Amendoeiras	30			Amendoeiras	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Nespreiras	30	Nespreiras	30			Nespreiras	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Pereiras	200	Pereiras	200			Pereiras	200	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Marmeleiros	500	Marmeleiros	500			Marmeleiros	500	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Macleiras	30	Macleiras	30			Macleiras	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478
Nogueiras	30	Nogueiras	30			Nogueiras	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	1	Hectares	30	Hectares	478

Mappa estatístico das principais propriedades do valle do Chimpumpunhine, sua produção etc.

Nome dos proprietarios	Principal cultura	Produção media annual	
		Quantidade	Valor
Pedro Augusto Chaves.....	Canua saccharina, trigo, cari, batata e distillação de aguardente		
José Vidigal.....	Trigo, milho, cari		
José Pereira da Fonseca.....	Trigo, canna, cari		
José Alenão Coimbra.....	Cereaes, legumes		
Joaquim Alfonso Lage.....	Cereaes, legumes, hortaliças	100:000 litros	
Antonio José Almeida.....	Cereaes, legumes, canna	50:000 litros	
Almeida & C.ª.....	Cereaes, legumes	80:000 litros	
		60:000 kilos	
		150:000 kilos	
		4:000 litros	
		20:000 kilos	
		10:000 litros	
		5:000 litros	
		5:000 litros	
		2:000 litros	
		200	
		100:000 litros	

- Trigo
- Feijão
- Milho
- Batata
- Cara
- Cevada
- Canua saccharina
- Ervilha
- Fava
- Grão de bico
- Linhaca
- Servicos empregados na agricultura
- Arrendada

CAPITULO VIII

NOSOLOGIA BROMATOLOGIA E HYGIENE



Doenças

o quadro nosologico dominam, em primeiro lugar, as manifestações do impaludismo, que se traduzem por febres intermitentes quotidianas e tercãs (raramente a febre biliosa e demais typos palustres graves). Estas duas formas mais frequentes da endemia palustre manifestam-se em qualquer epocha do anno, teem porém o seu maximo durante a estação das chuvas, de outubro a abril.

Vem em segundo lugar as phlegmasias do aparelho broncho-pulmonar, que reinam durante a estação secca, de maio até setembro, e são, por ordem de maior frequência: laryngite, bronchite, congestão pulmonar, pneumonia e pleuresia.

Seguem-se as doenças do aparelho gastro-intestinal, das quaes umas acompanham os typos palustres febris; dominam durante a estação chuvosa. São por ordem de frequência: a gastrite, gastro-enterite, dysenteria e hepatite. Outras manifestam-se durante a estação secca, acompanham as doenças do aparelho broncho-pulmonar e tem por causa as variações atmosphericas, são: as anginas e amygdalites.

Occupam o quarto logar as doenças do aparelho ocular, que dominam no fim da quadra chuvosa e principio da secca, de abril a junho e reconhecem por causa corpos extranhos arrastados pelos ventos dominantes e a maior intensidade dos raios solares, são: a conjunctivite e ophtalmia.

Seguem-se as doenças dystrophicas e discrasicas; o rheumathismo articular, frequente na estação chuvosa, anemia palustre, escorbuto e purpura hemorrhagica.

As doenças palustres mais frequentes no plan'alto são as febres intermittentes quotidianas e tercãs. O typo febril quotidiano domina no Lubango e Chibia, colonias madeirenses, o typo febril terção é mais frequente no plan'alto da Humpata. — As formas febris graves não existem na porção do plan'alto occupada pelos colonos madeirenses e hollandezes, que comprehende as areas dos concelhos do Lubango, Huilla e Humpata.

Dentro da area, cujo raio é de sessenta kilometros, tendo por centro a colonia da Chibia e por limites ao norte e oeste a cordilheira da Chella, as febres biliosas e hematuricas são desconhecidas. Os casos que se apresentaram á nossa clinica foram em individuos dos Gambos, Humbe e Kapangombe, abaixo da Chella. Reinam com intensidade as febres graves n'este ultimo concelho; foi d'ahi que veio o maior numero de casos de biliosas e hematuricas, que tratámos.

As victimas d'estas endemias são, pela maior parte, colonos madeirenses recém-chegados, que durante o trajecto

de Mossamedes para o plan'alto, com passagem forçada pelos terrenos pantanosos de Kapangombe, não guardam as devidas precauções hygienicas; fazem a maior parte da viagem a pé sob a acção de um sol ardentissimo, sob a influencia d'uma temperatura superior a 40° na quadra chuvosa; dormem ao relento, apezar do abrigo que lhes offerecem os carros que os conduzem; nutrem-se mal, sobretudo quando a viagem é demorada, o que frequentemente succede durante as chuvas torrencias que arruinam as estradas: bebem agua estagnada e infeccionada de miasmas, e estacionam em terrenos reconhecidamente insalubres por mais tempo do que conviria; resultando de tantos e tão maus elementos ser um bom numero atacado de febres, das quaes algumas tomam a forma biliosa ou hematurica. Durante a estação das chuvas rara é a viagem de colonos em que não haja a lamentar um ou dois casos fataes, quasi sempre em creanças. Os adultos conseguem resistir por mais algum tempo, chegando ao plan'alto em lastimoso estado. Os que conseguem transpor a Chella, melhoram logo sob a benefica influencia de um clima saluberrimo, em tudo comparavel ao da Madeira e norte de Portugal. Os mais gravemente atacados resistem algum tempo, succumbindo por fim á intensidade do typo palustre.

O que deve ficar bem definido, é que estas formas graves da intoxicação palustre não teem a sua origem nos terrenos do plan'alto; vem dos terrenos baixos e pantanosos de Kapangombe e Biballa, caminho forçado para os que transitam de Mossamedes para o plan'alto.

E' durante a estação das chuvas, de outubro a abril, que as febres palustres se manifestam em maior numero, coincidindo a sua maior intensidade com as primeiras e ultimas chuvas, isto é, nos mezes de outubro a dezembro e de março a maio, com um minimo nos mezes intermedios.

A correlação da maior intensidade da endemia palustre

a Mossamedes buscar mercadorias nos seus carros, voltam atacados de febres, principalmente durante a estação das chuvas, só por permanecerem alguns dias em Kapangombe. Estes colonos contam dez annos de residencia no plan'alto da Humpata. Mais ainda, individuos de raça branca, nascidos no plan'alto, com 30 e 40 annos de idade, em posse de perfeita saude, robustos, perfeitamente acclimados, quando descem a Chella, padecem de febres endemicas que algumas vezes assumem a maior gravidade, se se demoram nos terrenos pantanosos de Kapangombe.

Observámos factos identicos com os ova-ndombe, indigenas oriundos da Biballa e Giraul. Vão para o plan'alto onde se acclimam com extrema facilidade; se no fim de alguns mezes são mandados ao valle da Biballa e ahi se demoram, voltam com febres palustres de character sempre benigno, que desapparecem logo que chegam ao plan'alto.

A purpura é uma das doenças que mais victima os colonos durante a travessia de Mossamedes para o plan'alto. Toma frequentemente a forma hemorrhagica. Das indagações a que procedemos entre os colonos atacados d'esta doença, e das observações feitas durante a nossa viagem, resultou-nos a convicção de que a causa de tal doença é a ingestão das aguas da Pedra Grande e Providencia, pontos situados no percurso de Mossamedes para o plan'alto. Como ficou dito, o terreno comprehendido entre Mossamedes e a Pedra Grande é um perfeito areal, onde não se encontra uma gotta de agua nos annos ordinarios — em que não chove — Nos extraordinarios, em que as chuvas chegam á facha arenosa do litoral, enchem-se os tanques naturaes cavados na grande rocha que dá o nome a este sitio. Estas chuvas dão-se ás vezes com intervallos de quatro a cinco annos.

A agua estagnada, sem renovação, durante um tão longo periodo e exposta ao ar, recebe detricos animaes e vegetaes, que fermentam sob a acção de um calor abrasador,

cobre-se de vegetações aquáticas, torna-se um centro gerador de myriades de microorganismos. Esta agua ingerida em taes condições dá logar a graves alterações do sangue, que originam a purpura hemorrhagica.

Ainda que alguns authores neguem a existencia da purpura essencial, considerando a maior parte dos casos descriptos por Werlhoff como symptomaticos de doenças infecciosas, os casos por nós observados incutem-nos a convicção de que ella constitue uma entidade morbida, quando sobrevem no curso de uma saude excellente.

Qualquer que seja a theoria adoptada para explicar as hemorrhagias multiplas no curso d'esta doença, é facto provado pela anatomia pathologica que o sangue fica alterado e passa atravez dos vasos.

Nos casos por nós observados, a doença umas vezes limitava-se a uma hemorrhagia da pelle (petechias e echimoses que apparecem por erupções successivas e duram algumas semanas); é a purpura simples bastante benigna. Outras vezes manifestavam-se hemorrhagias multiplas; é a forma hemorrhagica que se annuncia pelos symptomas communs ás febres eruptivas. Apparecem as petechias e echimoses nos membros e tronco. As hemorrhagias mais frequentes são: epistaxis, hematuria e hematemése.

Devido á benignidade do clima do plan'alto, á pureza das suas aguas e ao tratamento reconstituente, poucos eram os casos fataes que tinhamos a registar.

Outra doença, que ataca os colonos desde o embarque na Madeira até a chegada ao plan'alto é o escorbuto, que raramente toma a forma hemorrhagica. Limita-se ás alterações da bocca e á debilidade caracterizada por um enfraquecimento progressivo das forças — symptomas que começam durante a viagem por mar e continuam durante a travessia de Mossamedes para o plan'alto e tem por causas: a accumulção de passageiros em más condições hygienicas, a agua de má qualidade e a falta de alimentos frescos. Esta doença cede facilmente ás boas condições

climatericas do plan'alto, ao uso de alimentos vegetaes e á boa agua.

São estas as doenças dominantes nos europeus risidentes no plan'alto e que são communs ás diversas colonias ali estabelecidas. Devemos porém fazer notar algumas differenças nosologicas, que caracterisam o clima de cada uma das colonias e que estão em relação com as suas condições geologicas.

E' assim que as manifestações do impaludismo são mais frequentes nas colonias Sá da Bandeira, Chibia e Caculovar e raras na Humpata e Huilla. Em compensação as phlegmasias pulmonares são mais frequentes e graves n'estas do que n'aquellas. O escorbuto e anemia manifestam-se com maior frequencia em Sá da Bandeira e Chibia. são rarissimos na Humpata. As ulcerações nos extremos inferiores, dependentes do impaludismo, syphilis e alcoolismo, dominam entre os colonos madeirenses do Lubango e Chibia: são raras na Humpata e Huilla. A população da Humpata é na sua maioria constituída por colonos *boers* e a da Huilla por individuos oriundos das provincias do norte de Portugal. As doenças do aparelho gastro-intestinal são mais frequentes entre os colonos madeirenses, que se entregam desordenadamente ao uso das bebidas alcoolicas e cuja alimentação é extremamente defficiente, pois compõe-se na sua quasi totalidade de batata doce e abobora, enquanto que os habitantes da Humpata e Huilla nutrem-se de alimentos substanciaes e são sobrios.

A alimentação pauperrima do colono madeirense e o abuso das bebidas alcoolicas dão em ultima analyse o depauperamento organico, a anemia, e d'ahi a maior receptividade do organismo para a infecção palustre e, como consequencia de uma e de outra a ulceração nos extremos inferiores, para o que concorre como causa proxima o *pulex-penetrans* e o pouco aceio do colono.

3	Pintores	Artes e officios	1:063	Numero de habitantes da colonia	
6	Alfaiates		Officinas de	199	Numero de familias de colonos
2	Barbeiros			541	Maiores
21	Carpinteiros			405	Menores
12	Curtidores			326	Maiores
24	Pedreiros			91	Menores
5	Moleiros			476	Masculino
2	Surradores			207	Feminino
2	Oleiros			140	Masculino
4	Marceneiros			120	Feminino
49	Serradores			60	Masculino
20	Sapateiros			90	Feminino
472	Jornaleiros e empregados de agricultura			286	Masculinos
2	Sapateiro			261	Femininos
3	Oleiro			8	Masculinos
1	Funileiro	6		Femininos	
1	Alfaiate	196	Masculinos		
2	Serralheiro	306	Femininos		
1	Carpinteiro	32	Militares		
7	Moinhos	7	Negociantes		
3	Fornos de telha e tijolo	1	Guarda livros		
36	N.º de alumnos / Instrução primaria	Movimento dos colonos durante o anno economico	2	De adobe com cobertura de ferro zincado	
33	N.º de alumnas		1	De pedra e barro, cobertura de telha de ferro	
8	Numero de estabelecimentos de venda de varios artigos		46	De adobe com cobertura de telha de barro	
212	Entrados		159	De adobe com cobertura de colmo	
8	Retirados		221	De pau a pique com cobertura de colmo	
21	Nascimentos				
20	Casamentos				
4	Obitos				

Colonia S. Pedro da Chibita
Mapa estatístico da população, industria, etc., referido ao anno economico de 1890 a 1891

Colônia S. Pedro da Chibin

Mapa estatístico da produção agrícola, referente ao anno economico de 1890-1891. — Arvores fructíferas e gado existente em 30 de junho de 1891. — Areas cultivadas, arroteadas, etc.

Produção agrícola		Arvores fructíferas e suas especies	
Trigo	5:110 alq. ^{es}	Xogueiras	50
Milho	60:000 alq. ^{es}	Macietras	500
Centeio	3:000 alq. ^{es}	Marmeleros	200
Cevada	3:000 alq. ^{es}	Pereiras	50
Feijão	30:000 alq. ^{es}	Nespreiras	50
Grão de bico	200 alq. ^{es}	Ameiudoctras	20
Ervilha	1:500 alq. ^{es}	Videiras	3:000
Fava	800 alq. ^{es}	Roumanzeiras	300
Batata inglesa	1:200 arrobas	Mangueiras	15
Mandioca	200 arrobas	(Oliveiras	50
Canna	10:000 arrobas	Bananetas	3:000
Cará	554:030 arrobas	Goibeiras	200
		Cideiras	30
		Tangerineiras	25
		Limoeiros	40
		Laranjeiras	2:500
		Castanhetros	100
		Figueiras	1:000
		Pinheiros	6
		Pecueiros	2:200
		Amoreiras	300
		Linhaça	100 alq. ^{es}

Gado e suas especies existentes na colonia		Generos consumidos na colonia		Area cultivada		Area arroteada		Casas		Ruas		Area total	
Bois	1:200	Trigo	1:500 alq. ^{es}	Hectares	283	Hectares	78	Hectares	1	Hectares	5	Hectares	478
Vacas	100	Milho	18:000 alq. ^{es}	Arros	40	Arros	40	Arros	31	Arros	22	Arros	94
Carneiros	20	Centeio	1:500 alq. ^{es}	Arros	78	Arros	188	Arros	1	Arros	22	Arros	94
Ovelhas	50	Cevada	2:000 alq. ^{es}	Arros	78	Arros	188	Arros	31	Arros	22	Arros	94
Cabras	100	Feijão	10:000 alq. ^{es}	Arros	78	Arros	188	Arros	31	Arros	22	Arros	94
Porcos	300	Ervilha	1:500 alq. ^{es}	Arros	78	Arros	188	Arros	31	Arros	22	Arros	94
Cavallos	3	Fava	800 alq. ^{es}	Arros	78	Arros	188	Arros	31	Arros	22	Arros	94
Muñeres	4	Batata	600 arrobas	Arros	78	Arros	188	Arros	31	Arros	22	Arros	94
Junentos	30	Mandioca	200 arrobas	Arros	78	Arros	188	Arros	31	Arros	22	Arros	94

Quadro comparativo da salubridade relativa das povoações do plan'alto de Mossamedes

Ordem de salubridade	Localidades	Altitude	Temperatura media annual	Configuração topographica	Estado hygienico
1 ^o	Palanca Cidade de Jambina.	1860m 1887m	15 ^o	<p>Pequeno grupo de montanhas a S.-S. W., bastante afastado das povoações.</p> <p>Plano de extensa e desalinhada lada dando franco acesso aos ventos.</p>	Muitos rios e riachos, que correm sempre em leitos de pedras.
2 ^o	Monte	1780m	17 ^o	<p>Bacia vista montanhas por ser elevada a S. e W., ficando nadas e bastante afastadas do povoado.</p> <p>Ventos frescos do plan'alto da Huampala.</p>	Exceção
		1770m		<p>Bacia estreita, no alto, por todos os lados, excepto a E.-S.-E., altas, contornas abastadas as povoações.</p> <p>Terracos acidentados por todos os lados e em cima.</p>	Muito rios e riachos, que correm sempre em leitos de pedras.
		1400m	18 ^o		

Alimentação

Uma boa alimentação deve compor-se de substancias albuminoides e hydro-carbonadas, comprehendendo estas os corpos gordos e os hydratos de carboneo.

Quando na composição dos alimentos predominam uns ou outros, a alimentação é defeituosa.

A quantidade relativa dos diversos alimentos simples, que formam a alimentação reparadora de um operario é a seguinte, que representa a media dos resultados obtidos pelos hygienistas Moleschott, Voit, Payen, e Liebig.

Substancias albuminoides..	120	grammas
Gordura....	160	>
Hydratos de carboneo.....	480	>
Sacs.....	30	>

que representam aproximadamente 20 grammas de azote e 300 de carboneo.

O regimen quasi exclusivamente vegetal, a que se entregam os colonos madeirenses, é o mais improprio para se conseguir o maximo desenvolvimento das forças. O homem apesar de *omnivoro* assemelha-se mais ao *carnivoro* do que ao *herbivoro*.

As substancias azotadas e carbonadas de origem vegetal, alem de pobres em substancias albuminoides, são difficilmente atacadas pelos succos gastricos e, apesar das operações culinarias, uma porção dos alimentos passa atravez do tubo intestinal sem se decompor. As experiencias de Mayer e Rubner mostram que metade das substancias albuminoides contidas no pão não são absorvidas.

Como exemplo de uma boa alimentação apresentamos o seguinte mappa de Voit:

Colônia S. Pedro da Chibria
Kappa estatístico da população, industria, etc., referido ao anno economico de 1890 a 1891

3	Pintores	Artes e officios	1:063	Numero de habitantes da colonia														
6	Alfaiates		Artes e officios	499	Numero de familias de colonos													
2	Barbeiros			Artes e officios	541	Maiores	Masculino	Sexos										
21	Carpinteiros				Artes e officios	405	Menores		Feminino									
12	Curtidores					Artes e officios	326	Maiores										
24	Pedreiros						Artes e officios	91	Menores									
5	Moleiros							Artes e officios	476	Masculino	Branca	Racas						
2	Surradores								Artes e officios	207	Feminino							
2	Oleiros									Artes e officios	110	Masculino	Preta					
4	Marceneiros										Artes e officios	120	Feminino					
19	Serradores											Artes e officios	60	Masculino	Parla	Estados		
20	Sapateiros												Artes e officios	90	Feminino			
172	Jornaleiros e empregados de agricultura													Artes e officios	286	Masculinos	Casados	
2	Sapateiro														Artes e officios	261	Femininos	Viuvos
3	Oleiro															Artes e officios	8	Masculinos
1	Funileiro	Artes e officios															6	Femininos
1	Alfaiate		Artes e officios														196	Masculinos
2	Serralheiro			Artes e officios													306	Femininos
1	Carpinteiro				Artes e officios												32	Militares
7	Moinhos					Artes e officios											7	Negociantes
3	Fornos de telha e tijolo						Artes e officios										1	Guarda livros
36	N.º de alumnos							Instrução primaria										
33	N.º de alumnas																2	De adobe com cobertura de ferro zincado
8	Numero de estabelecimentos de venda de varios artigos									1							De pedra e barro, cobertura de telha de ferro	
212	Entrados							Movimento dos colonos durante o anno economico		46	De adobe com cobertura de telha de barro							
8	Retirados									159	De adobe com cobertura de colmo							
21	Nascimentos									221	De pau a pique com cobertura de colmo							
20	Casamentos																	
4	Obitos																	

tos simples nas seguintes proporções, conforme a especie de cultura.

	Feijão	Ervilha	Ervilha	Batata
Substancia albuminóide.....	510	440	500	950
Amido.....	1590	1196	780	6840
Substancias mineraes.....	50	62	60	323
Summa.....	2190	1698	1400	8113

A batata doce (rhizoma tuberculoso de uma planta da familia das convolvulaceas) é o principal alimento dos colonos, e a sua cultura, a mais importante producção agricola do plan'alto.

Reunida com a abobora e um pouco de ervilha ou feijão constitue a ração diaria do colono madeirense.

Comparando a composição chymica da batata ingleza com a da batata doce vê-se quanto lucrariam as colonias em abandonar esta ultima substancia, cujo valor alimentar é insignificante, substituindo-a pela primeira.

Alimentos simples	Batata doce	Abobora	Milho	Batata ingleza
Agua.....	75.78	90.01	13.88	82.88
Substancia azotada.....	1.52	0.71	10.05	3.60
Gordura.....	0.36	0.05	4.76	0.80
Dextrina e gomma.....	2.23	—	58.96	—
Assucar.....	1.73	1.36	4.59	—
Amido.....	14.75	5.87	3.23	26.57
Cellulose.....	1.07	1.36	2.84	1.40
Cinza.....	1.21	0.64	1.69	1.46

A alimentação do colono é defficientissima, não admira pois que a anemia seja tão frequente.

LEGUMES. Dão-se bem no plan'alto, mas são cultivados em pequena escala pelos colonos. Com excepção do feijão e ervilha que, como já dissemos, entram na sua alimentação, a cultura dos legumes está em parte abandonada.

Como acima ficou dito, os indigenas e serviçaes nutrem-

se de farinha de milho. Pois bem; comparando a composição chymica do milho com a da batata doce, alimento predilecto do colono madeirense, vemos que o preto nutre-se melhor que o branco.

Do mappa vê-se que 100 partes de milho teem 10,05 de substancia albuminoide, em quanto que egual porção de batata doce contem apenas 1,52.

Do uso de uma alimentação tão pobre resulta que, para tomar a quantidade de albuminoides, indispensavel para reparar as perdas do organismo, é necessario ingerir uma grande quantidade de alimentos, o que forçosamente perturba as funcções digestivas e dá, em ultima analyse, o de pauperamento organico e, como consequencia, a maior receptividade para o germen palustre.

Além d'este vicio de alimentação, o colono madeirense abusa das bebidas alcoolicas, o que tambem concorre poderosamente para o estado de anemia em que se encontra, que não justifica a salubridade do plan'alto. Attendendo a estes defeitos individuaes, seria para desejar que se derivasse a corrente de imigração das provincias do norte de Portugal.

O colono madeirense, pelo menos o que tem ido para o plan'alto, só serve para comprometter o resultado da colonisação europêa; é indolente, vicioso, não tem aspirações nem ambições.

Para se avaliar a difficil situação economica dos colonos, derivada do excessivo preço dos transportes, damos a lista dos preços correntes, por que são comprados nas casas commerciaes do plan'alto os generos alimenticios de primeira necessidade:

Generos	Quantidade	Preço na metropole	Preço no plan'alto
Assucar	1 kilo	3260	3600
Manteiga	1 kilo	13000	25500
Café	1 kilo	3640	13200
Cha	1 kilo	23000	45500
Arroz	1 kilo	3140	3600
Bacalhau	1 kilo	3240	3600
Azeite	1 litro	3360	3800
Vinagre	1 litro	3080	3240
Vinho	1 litro	3100	3400
Toucinho	1 kilo	3340	3800
Banha	1 kilo	3340	14000
Sal	1 alqueire	3150	43000

Conselhos praticos

Os colonos ou imigrantes, que queiram estabelecer-se no plan'alto, devem chegar a Mossamedes durante a estação secca, de maio a outubro, porque são estes os mezes mais salubres.

Condemnamos a pratica até agora seguida de se enviarem colonos da Madeira e da metropole em todos os mezes do anno.

E' inconveniente esta pratica pelos embaraços em que se veem os directores dos colonias com o alojamento continuo de colonos recém-chegados, sobre tudo na epoca das chuvas, em que elles não podem entregar-se aos trabalhos de construcção das suas casas e arroteamento dos seus terrenos. E' perigosa, porque a observação demonstra que a conducção de colonos com mulheres e crianças durante os mezes da estação chuvosa, sem os devidos cuidados com a sua alimentação e resguardo durante os 15 dias de viagem pelo deserto da zona baixa, tendo forçosamente de atravessar os terrenos pantanosos de Kapingombe, dá de si, que são atacados de febres de mau character muitos d'elles, já enfraquecidos por uma alimen-

tação deficiente e extenuados por uma violenta marcha, a que não estavam habituados, resultando que alguns succumbem durante a viagem e outros, logo que chegam ao plan'alto. Por isso aconselhamos que se façam as remessas de colonos sómente nos mezes de maio, junho, julho agosto, setembro e outubro, havendo da parte das authoridades do districto todos os cuidados, para que as mulheres e creanças sejam conduzidas nos vagon's com as atenções e carinhos devidos ao seu sexo e idade, fazendo-os acompanhar por um agente que vigie a sua conducção e mantenha a ordem nos acampamentos, e obrigando-os a proverem-se em Mossamedes de viveres em quantidade sufficiente para uma viagem de 15 dias.

Recommendamos especial attenção na escolha do rancho que ha de ser consumido durante a viagem.

Devem fazer provisão de carnes verdes e seccas, que cheguem, as primeiras para os 2 primeiros dias e as segundas para o resto da viagem: bolacha, farinha de milho, arroz, conservas alimenticias, vinho, condimentos, etc. Devem levar agua em quantidade sufficiente para os 6 primeiros dias, de modo a evitar as aguas da Pedra Grande e Providencia; da estação do Moninho por diante encontram agua corrente de boa qualidade.

Logo que cheguem á região pantanosa de Kapangombe, farão uso do sulfato de quinina afim de prevenir os effeitos do impaludismo.

Recommendamos aos colonos estabelecidos e por estabelecer no plan'alto, que façam uso de uma alimentação substancial, em que entrem a carne de vacca, a batata ingleza, o pão e legumes, abandonando de vez a batata doce e a abobora, que fornecem uma alimentação deficiente e defeituosa, que em pouco tempo os leva á anemia.

Será muito conveniente que se dediquem á caça, que lhes fornecerá uma alimentação boa e barata e os affeioará aos exercicios indispensaveis a quem vive no matto. E' este um grave defeito que se nota nos colonos madeiren-

ses, a aversão pelo matto; difficilmente o madeirense deixa o local onde primitivamente se estabeleceu, para procurar novos elementos de prosperidade. Isto em parte deriva do rigoroso regimen militar a que injustamente submettem os pobres colonos, a quem não é permittido transitar de uma colonia para outra sem uma guia de marcha com itinerario marcado e . . . tantos dias de cadeia, quando não se apresentam, logo que termina a licença!

Condemnamos esta arbitrariedade como attentatoria da liberdade individual; o colono é um cidadão livre e não um escravo ou um soldado; seja-lhe pois permittido residir aonde mais convenha aos seus interesses.

Não comprehendemos a razão por que se obriga um colono a viver n'uma determinada colonia, quando é certo que elle podendo estabelecer-se á sua escolha n'outra, onde tem parentes e amigos, poderá reuñir a elles produzir muito mais do que estando isolado.

Devem ir munidos de tatos de lã, camisas de flanela para resistir ás variações de temperatura durante a estação secca e fria. Devem possuir cobertores, meias, ceroulas de lã, chapéu de feltro de abas largas, sapatos de cano alto, de duas solas, casaco impermeavel, casaco de abafar; em resuma devem ir prevenidos para um clima frio.

Durante a estação chuvosa, em que a temperatura é mais elevada, devem evitar o trabalho ao meio dia e pela madrugada, só reuñir os trabalhos de rega. Convem que andem sempre cobertos e usem calças de algodão ou tecido impermeavel, quando for a tempo de viajar.

Deve ter a estação sempre reservado os fios de lã e nunca abdicar de a usar, seja de flanela. Deve haver muita cautela com o frio, e abafar pela madrugada, por causa da geada e do frio, que fazem a noite fria. Deve evitar usar a esta estação os casacos de abafar, ou abafes marras.

Deve bastar a assar com os pés, e não usar o *mito e-
nervado*, e quando se for a dormir, tirar-se a roupa e cobrir com a água de dormir.

Convem usar botas de cano alto por causa das picadas de insectos e cobras venenosas.

Deve haver especial cautella em evitar a aguardente e só beber água corrente dos rios.

Recommendamos tambem que eliminem da sua alimentação a carne de porco, que dá origem á tenia, substituindo-a pela de vacca.

Na construcção das casas cinjam-se aos preceitos hygienicos que estabelecemos no capitulo VI e que são em resumo: terreno alto, secco e duro, pavimento elevado sobre o solo exterior, paredes altas rebocadas e caiadas, cobertura de telha ou de colmo, sendo n'este caso renovado de 3 em 3 annos, orientação ao norte ou oeste e nunca ao léste e sul, valla em torno da casa para a drenagem dos terrenos, e afastamento das levadas.





CAPITULO IX

CAMINHO DE FERRO



o que atraz deixamos dito, se depreheende que a colonisação do plan'alto e o seu desenvolvimento commercial e agricola estão dependentes de um melhoramento de urgente necessidade, reclamado pelos interesses vitaes das colonias. Referimo-nos á viação accelerada que estabeleça rapida communicação entre ellas e o litoral, trazendo como consequencia a diminuição nos preços dos transportes dos generos commerciaes consumidos no plan'alto e dos productos agricolas colhidos no seu fertil solo.

A construcção do caminho de ferro de Mossamedes para as colonias do plan'alto é condição essencial para o seu fu-

turo engrandecimento e cada dia de demora na realisação d'este importante melhoramento é um passo para o desmoronamento do que já está feito com enormes encargos para o thesouro nacional.

Colonisar a Africa não consiste *sómente* em mandar colonos para os fertéis sertões africanos para construir villas e cultivar terrenos que lhes forneçam os meios de subsistencia: é indispensavel que parallelamente ao trabalho do colono, o coadjuve a acção governativa ministrando-lhe a forma de aproveitar e converter em riqueza propria o resultado dos seus esforços.

O ensaio está feito e deu optimos resultados. Os colonos europeus transportados para o planalto de Mossamedes vivem em boas condições hygienicas, constroem casas, levantam villas, cultivam os campos e applicam-se ás industrias, artes e officios. Falta-lhes a cooperação official do Estado facilitando-lhes a venda dos seus productos.

Ouçamos a opinião insuspeita e authorisada dos illustres exploradores Capello e Ivens, explanada com magistral competencia no livro de *Angola à Contra-Costa*:

.....

Trahas encanasticas com respeito a esta região, por todos conhecida e apreciada, tornam-se na verdade superfluas.

Ali acham-se reunidas as condições para uma vasta colonisação europea, e em circumstancias pouco facéis de encontrar na Africa: é pois urgente tornal-a alvo de todos os nossos esforços e atenções.

Deixem-nos de mais considerações: capital é que se deseja, propagal-a fazemô-la nós aqui, recordando que n'uma terra que tão generosamente secundou os esforços do colono nada pode resistir á força de vontade bem determinada: e sirva de exemplo esse punhado de colonos que tendo ido para ali em 1840, pela maior parte com os bolsos vastos, levantaram a esplendida villa de Mossamedes, e são hoje pelo geral proprietarios.

Os geographos pela sua parte tem feito o que lhes incumbe: continue o governo a empenhar-se com seriedade na obra: venham para o interior o mercante, o mercador e colono, e breve veremos operar-se a mais radical transformação.

A primeira cousa precisa é crear meios de transporte; de outra fórma todo o successo será impossivel.

O recém-chegado, negociante, mercador ou lavrador, por melhor que seja a sua vontade, nada pôde no interesse de um paiz falto de bons caminhos e vias de communicação.

Que importa o facto de Huilla produzir muito trigo, se cada carro *boer*, por exemplo, leva o excessivo preço de meia libra esterlina, por arroba, para o transportar para a costa?

Para que nos serve saber que das vertentes da Chella até á bacia de Quillengues pôde colher-se todo o milho preciso para o consumo da provincia, e ainda para abastecer a colonia do Cabo, se nem uma espiga podeis trazer atravez das serranias do Munda?

A viação é o objecto capital, e isto em detrimento de todas as outras obras, como hospitaes sumptuosos, residencias, quartéis, etc., de que de resto temos abusado muito.

Abrir caminhos, porém, atravez das terras áridas e em seguida dos mattos interiores, para servirem com carros de bois, é um erro sem nenhuma vantagem.

Grande capital seria necessario para una obra de que apenas ha a esperar resultado mediocre, sem comprehender tempo, trabalho e outros factores, como morte de gados, etc.

Procuremos, portanto, na viação accelerada resolver este problema, e vamos ao caminho de ferro ou ao tramway a vapor, como unico recurso para transformar tudo aquillo. Tomemos Mossamedes como ponto de partida, prosigamos, por exemplo, pelo valle do Giraul ou do Bero.

Ganhando o interior, essa linha attingirá a região proxima de Capangombe, procurando a directriz mais conveniente para vencer as alturas da Chella.

Está aqui sem duvida a pedra angular do edificio, mas com estudo e trabalho pôde conseguir-se.

Podendo proseguir pelo valle do Muninho, teriamos talvez a vantagem de a levar para o nordeste, isto é, na direcção dos centros mais productores; no caso contrario dirigir-se-hia para o sul do Hoque.

Das duas direcções porém a mais proveitosa, posto que a julgamos mais difficil para o caso da subida, é a do sul, porque havendo de bifurcar-se no plan'alto, afim de lançar o ramal do Humbe, ficava assim diminuido este, e o ramo directo iria a caminho da Huilla e Handa para Caconda.

Escusado será dizer que esta direcção media da linha, por nós apresentada pelo nordeste, não se funda simplesmente na necessidade de servir aquelle presidio, pois, pela exigua importancia que tem o forte,

podia ella desviar-se mais ao sul ou ao norte; mas porque toda a tentativa ulterior de prolongamento para o sertão ha de ir approximar-se do Bihé, afim de buscar a linha divisoria das aguas no interior, na terra alterosa.

Assim, em pouco tempo veriamos nós Mossamedes ligada a Canda por uma linha directa, que atravessando as terras elevadas teria n'uma zona lateral de 20 kilometros, a área de 18:000 kilometros quadrados de terrenos fertéis.

Qualquer companhia que podesse dispôr do capital necessario para o estabelecimento de uma tal empreza, toparia n'aquella região vantagens muito especiaes e em circumstancias raro encontraveis.

Primeiro, a sua construcção seria relativamente praticavel na zona littoral, não só pela facilidade em obter braços, como tambem, por não offerecer axaggerados obstaculos, estando além d'isso proxima do mar e em vantajosa posição.

Protegida por todos os agricultores e negociantes, tendo infallivelmente o transito de todas as mercadorias sem competencia, pois a tonellada de algodão que de Capangombe pagava 33\$000 réis, pagaria agora, pela tarifa de 50 réis o kilometro, 5\$000 réis, teria esta linha, como poucas outras, a immediata exploração de toda a salubre zona marginal, onde breve appareciam aldeias e villas.

Não podemos seguramente calcular a cifra que a producção agricola desde logo atingiria, mas, por certo, seria enorme. Os trigos, os milhos, os algodões, os legumes, sem contar desde o principio com a saida de productos naturaes, que, desviados dos trilhos do norte, viriam ali buscar o terminus da mesma linha; alternaria sem duvida com o transporte de gados, tambem representado por uma verba importante, e muitas producções novas.

O caminho de ferro por modo nenhum póde ser um desastre n'esta região, pelo simples motivo do seu traçado fazer-se n'uma zona em que o indigena não predomina exclusivamente, e porque estamos convencidos de que procreará vastos centros de população branca, cujas necessidades, bem differentes das do negro, dependerão das relações exteriores.

Taes eram as palavras dos notaveis exploradores ao tempo em que ainda não estava iniciada a colonisação definitiva do plan'alto. Hoje, com uma população branca de 6000 colonos, que todos vivem da agricultura, espalhados n'uma area de 30 kilometros de raio, com importantes centros de attracção representados por villas e aldêas com

sumptuosos edificios publicos, propriedades agricolas e estabelecimentos commerciaes de primeira ordem, a necessidade do caminho de ferro torna-se imperiosa e urgente.

O desanimo vae-se apoderando dos mais corajosos. Os colonos na impossibilidade de auferirem lucros do seu trabalho, logo que findam os cinco annos do contracto, vendem os seus terrenos e retiram para a Madeira. De dez imigrantes estabelecidos nas colonias, seis, pelo menos, abandonam o plan'alto no fim de cinco annos de trabalho infructifero, maldizendo a confiança depositada nas promessas do governo e a esperança de obterem meios de fortuna, que os arrastou a abandonar a sua terra natal!

E qual o beneficio que o Estado tem colhido da colonisação do plan'alto? A nosso ver, nenhum que compense os pesados encargos do seu custeio. A continuarem as cousas no pé em que ora estão, em breve espaço de tempo as colonias ficarão desertas e veremos desaparecer da Africa a colonisação mais auspiciosa dos tempos modernos, e os bellos e sumptuosos edificios publicos, feitos á custa de tanto trabalho e dinheiro a servirem de curral ao gado dos indigenas!!

A colonisação do plan'alto do Mossamedes tem consumido ao thesouro nacional o melhor de 1:000:000\$000 réis e continua a sorver annualmente a importante verba de 100:000\$000 réis. E no emtanto está imminente uma derrocada geral. Por mais de uma vez os colonos, desesperados com as delongas do governo na realisação do mais util melhoramento para sustentar e desenvolver a colonisação, ameaçaram abandonar em massa o plan'alto e, se o não fizeram, foi porque o estudo do traçado do caminho de ferro, feito em 1888 pelo distincto engenheiro Machado, e os constantes esforços empregados pelo governador geral, Capello e governador do districto, Alvaro da Costa Ferreira, os mais dedicados campeões da patriotica colonisação de Mossamedes, habilitaram o parlamento e o governo a discutir e approvar a sua construcção, o que

levou ás colonias algum alento e esperança de melhor futuro.

Esta esperança, porém, vae-se desvanecendo e com ella desaparecerá a unica taboa de salvação para, já não diremos desenvolver, ao menos amparar o que está feito.

O projecto do illustre engenheiro Machado comprehende cinco secções desde Mossamedes até ao alto da Chella. O primeiro começa na villa de Mossamedes, ao pé do mar, e dirige-se para o alto do Giraul ao rumo do nordeste, abrangendo a extensão de 29k,410. A segunda segue a direcção geral do léste até a Pedra Grande com o percurso de 35k,578. A terceira atravessa uma região sulcada por pequeno numero de torrentes e termina no valle do Moninho com 47k,108. A quarta estende-se d'este sitio á base da Chella e precisa de uma importante obra de arte para transpor o rio Moninho, segue ao rumo do nordeste na extensão de 39k,140. A quinta e ultima é a que maiores difficuldades offerece para galgar a enorme barreira da Chella; segue pelo valle do Tandirikita, fronteiro á Biballa e attinge o alto da cordilheira com o percurso de 28k,974. A maior altitude do traçado n'esta secção é 1113^m sobre o ponto de partida no valle da Biballa e a altitude absoluta desde a villa de Mossamedes é de 2116^m. A directriz geral do traçado segue o rumo do nordeste ao norte do Giraul com o desenvolvimento total de 178k,210. O dispendio medio por kilometro foi orçado em 16:817\$000 réis, o que dá ao todo 2.997:000\$000 réis.

Da brilhante conferencia realisada pelo distincto engenheiro na Associação dos engenheiros civis ácerca do caminho de ferro de Mossamedes, e publicada em extracto no excellente jornal illustrado *As Colonias Portuguezas*, damos os topicos mais importantes:

Começou o sr. Machado por descrever a impressão que lhe fez o paiz, a primeira vez que visitou Mossamedes, em fevereiro de 1887.

A viagem de Loanda a Mossamedes faz-se em 48 horas, em navio a vapor, e que anda 9 milhas por ora.

Não obstante a proximidade relativa de taes localidades, as condições climatericas d'uma e d'outra são bem diversas.

A elevada temperatura, que faz em Loanda, diminue consideravelmente desde que se passa para o S. do cabo de Santa Martha, devido á brisa fresca do SW., que sopra constantemente, e a uma corrente de agua fria, que vem do Cabo da Boa Esperança, parallelamente á costa e proximo d'ella, a qual se desvia rapidamente para W. nas alturas do cabo de Santa Martha.

O porto de Mossamedes é formado por uma bahia ampla, de aguas tranquillias e profundas, sendo franca e constantemente accessivel para qualquer navio, por maior que seja a sua tonelagem. A terra, que a contorna, é, porém, arida e secca, constituida por extensos areiaes, despidos de vegetação. Na zona litoral é raro chover, passando-se 4 e 5 annos sem que caia uma gotta d'agua. Succede, porém, de annos a annos, formarem-se trovoadas, acompanhadas de aguaceiros; basta que chova tres vezes, com o intervallo de alguns dias, para que os areiaes se cubram de relva, que cresce rapidamente, offerecendo então os terrenos o aspecto de grandes cearas.

A' temperatura moderada, ás brisas frescas, e, principalmente, á falta de vegetação, deve Mossamedes o seu excellente clima.

Mossamedes causa uma agradável impressão a quem conheça as demais terras das nossas colonias d'Africa, porque, sendo a mais recente de todas, é a que tem maior população portugueza, e onde a familia está radicada e constituida de modo regular, gosando geralmente, adultos e creanças, excellente saude.

Datam apenas de 1849 as primeiras tentativas para a fundação de aquella colonia, e não obstante as grandes difficuldades que o paiz offerece, a sua pobreza, a falta de recursos proprios e de auxilios do governo, ella tem prosperado, formando contraste bem perceptivel com todas as outras terras da Africa portugueza, aliás mais ricas e abundantes de recursos materiaes.

No interior, para Leste da Chella, devido á grande altitude do terreno e á abundancia de aguas correntes, o clima é ainda mais benigno do que no litoral, e o paiz proprio para um largo desenvolvimento de colonisação.

Fez a historia das colonias da Huilla, Humpata, Lubango e S. Pedro da Chibia, mostrando o desenvolvimento rapido que n'ellas tem a população e as produções agricolas. Estas ultimas, porém, não tinham valor pela difficuldade das communicações com o litoral.

Explicou os motivos de taes difficuldades e a influencia impeditiva que, se persistirem, exercerão sobre o aproveitamento do paiz.

Antes de attrair para aquelle terreno uma numerosa emigração, é

absolutamente indispensavel construir um caminho, que permitia fazer os transportes por preços moderados. Actualmente, custa 67\$500 o transporte d'uma tonelada de mercadorias entre Mossamedes e o plan'alto, em uma distancia de 100 a 130 kilometros; e, em taes condições, a venda dos productos agricolas é impossivel.

O caminho a construir deveria ser para tracção a vapor, mas do ponto mais economico conhecido, por ser insignificante o trafico que poderia ter durante os primeiros annos, e por ser inutil, em tal paiz, o emprego de grandes velocidades.

Desde que haja o proposito de executar esta obra, não deve hesitar-se em empregar os meios que tendam a derivar para aquella região os emigrantes portuguezes, que, com grande desvantagem para o paiz, se dirigem hoje para o Brazil, Demerara, Sandwich, e outras terras estranhas, onde soffrem grandes trabalhos e miserias, e tem de lutar com a concorrência das emigrações allemã, italiana e ingleza.

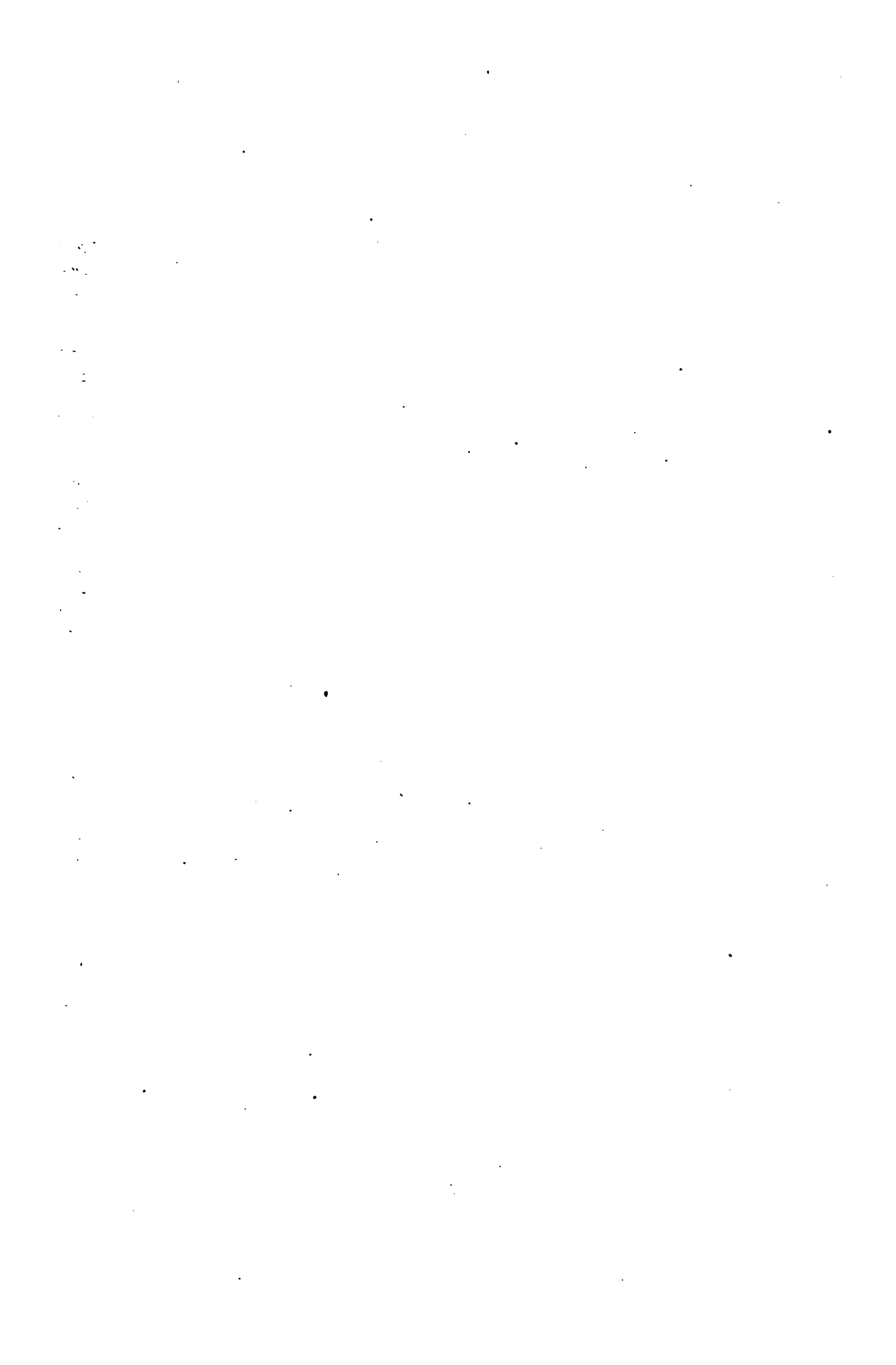
Não diria que os individuos que emigrassem para o plan'alto da Chella fariam rapidamente grandes fortunas, mas affirmava que todos, com um moderado trabalho, poderiam em pouco tempo, pela agricultura, ou pelo pequeno commercio, adquirir um certo bem estar, vivendo na abundancia, e, por consequencia, em condições bem superiores áquellas em que se achavam na mãe patria.

Assim, no Estado Livre de Orange, paiz mais internado, e ainda de mais difficil accesso que o plan'alto da Chella, lá viviam 60:000 individuos descendentes de europeus, dedicando-se exclusivamente á agricultura, de que tiravam por anno productos em valor superior a 4.500:000\$000 réis.

Estudara o projecto d'um caminho de ferro entre Mossamedes e o alto da Chella na extensão de 178 kilometros, linha que deveria mais propriamente denominar-se um tramway a vapor, porque bastaria que tivesse capacidade para um trafego annual de 20,000 toneladas de mercadorias a transportar com velocidade muito moderada. Nos primeiros 5 annos, porém, era impossivel haver movimento superior a 10,000 toneladas, o qual ainda assim só existiria se a corrente de emigração para ali se estabelecesse activamente.

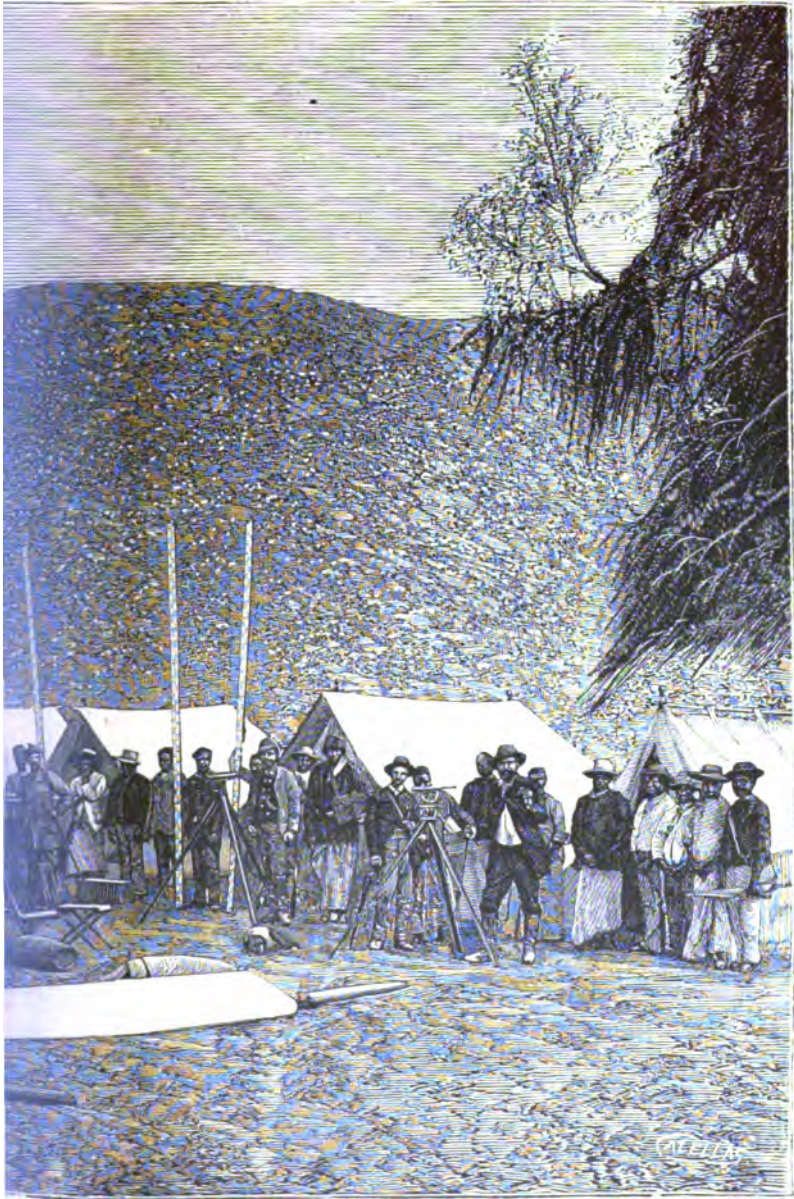
Para Leste da cumiada da Chella não se podia ainda affirmar com segurança qual seria a direcção mais vantajosa em que tal linha devesse ser prolongada. Era natural porém, que ella tivesse de seguir no sentido do Bihé, cortando por consequencia as correntes commerciaes que hoje se dirigem para Benguella.

Isto incitava os commerciantes d'este ultimo districto a pugnarem para que, de preferencia a uma linha ferrea tendo origem em Mossamedes, se construia a que saisse do porto de Benguella em direcção ao

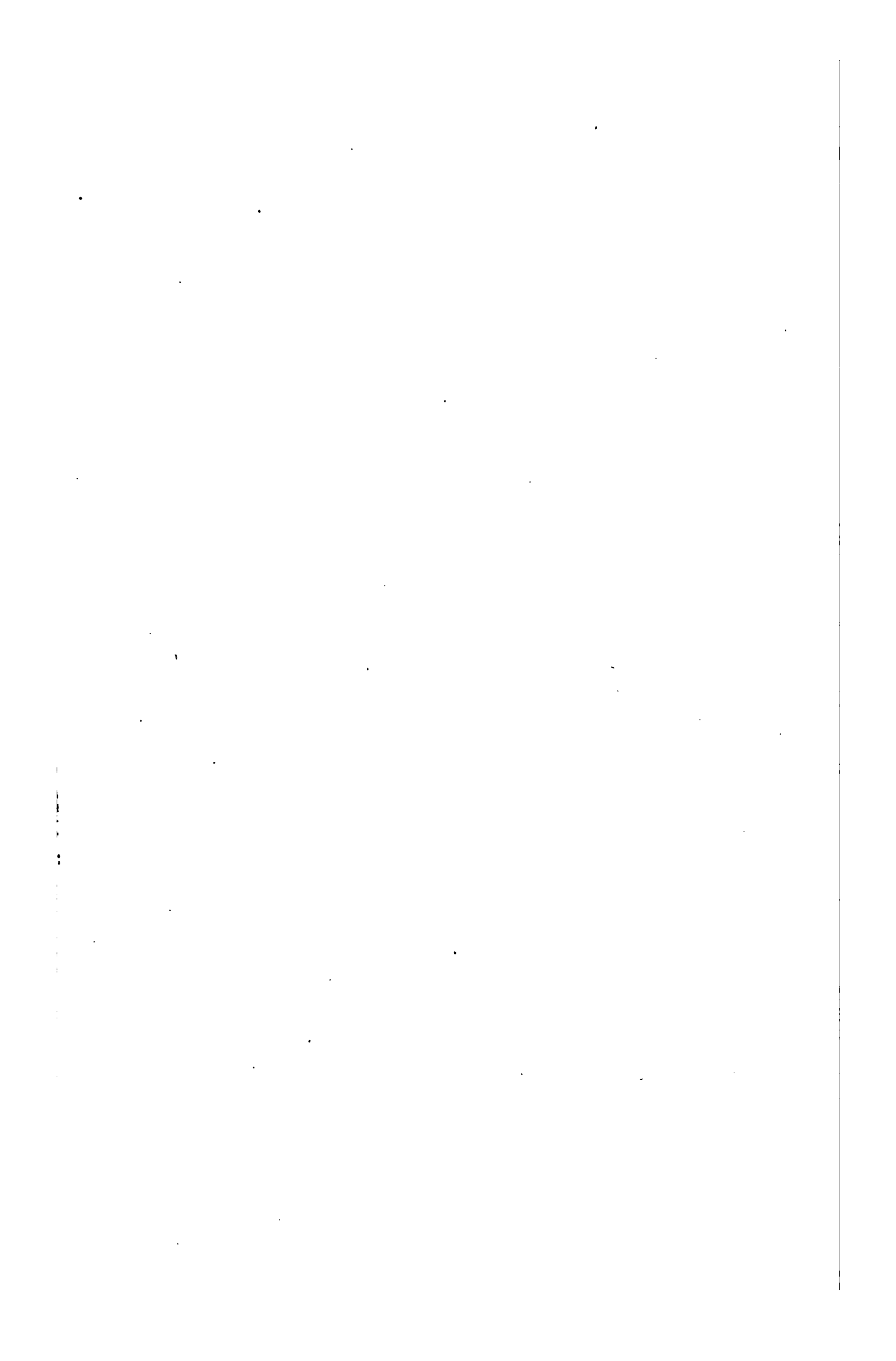




LA VIDA DE FERRER DE MASSA



PELO ENGENHEIRO MACHADO — ACAMPAMENTO NO GIRAU



Bihé. O conferente analysou desenvolvidamente esta hypothese, mostrando que a feição principal e mais importante da linha de Mossamedes era permittir-se o desenvolvimento d'uma colonia de população branca, cousa de muito valor tanto para a provincia de Angola como para o melhor aproveitamento da corrente emigrante da metropole. Este fim, importantissimo, não se pode realisar no districto de Benguella com as facilidades que se dão no de Mossamedes. Caconda parece ser o lugar mais proximo da parte de Benguella, proprio para a colonisação, e a distancia entre estes dois pontos por um caminho de fracas inclinações não é inferior a 300 kilometros, enquanto que a linha de Mossamedes ao alto da Chella não tem extensão superior a 175 kilometros. O clima da região litoral de Benguella é muito insalubre; por isto e pela accidetação do terreno, a linha de Benguella a Caconda não poderá importar em menos de 20:000\$000 por kilometro, — custo do caminho de Loanda a Ambaca — o que dá 6.000:000\$000 para os 300 kilometros até Caconda, enquanto que o caminho de Mossamedes se poderá construir por quantia inferior a 2.500:000\$000. Esta ultima linha, desde que seja decretada, servirá immediatamente de forte incentivo para a colonisação, podendo os colonos seguir pela estrada ordinaria existente, sem receio de serem atacados pelas febres, para os logares já occupados no plan'alto. Outro tanto não succede em Benguella, onde o caminho de ferro só seria util á colonisação, quando estivesse construido em desenvolvimento superior a 200 kilometros.

Não podendo o paiz construir simultaneamente as linhas de Mossamedes e de Benguella, porque qualquer d'ellas exigirá do Estado valiosas subvenções, parece que deve dar-se preferencia áquella que permite não só a occupação immediata da parte do plan'alto proxima á fronteira dos territorios pertencentes á Allemanha, mas ainda que se constitua no districto de Mossamedes uma numerosa colonia de população branca.

Descreveu em seguida as condições technicas do traçado estudado, que se divide em 5 secções, demorando-se na 5.^a secção particularmente interessante pelas condições excepcionaes do terreno, que forma ahi um degráo rapido de differença de nivel superior a 1:000^m. O traçado sobe aquella encosta abrupta desenvolvendo-se na extensão de 29 kilometros com o emprego de 11 reversões e em rampa media de 4 por cento. De tal systema resulta evitarem-se obras difficeis e reduzirem-se a moderadas proporções os movimentos de terras.

Julga porém, que será mais vantajoso empregar n'esta secção a via em cremalheira do systema Rikkenback, lançada em rampa media de 8 por cento, e a locomotiva mixta do typo Abt, propria a funcionar só pela adherencia e acção d'uma roda dentada nas rampas de inclinação

superior a 8 por cento. Deste modo a secção da Chella mediria apenas 15 kilometros em vez de 29 que tinha o ante-projecto estudado e a construcção sairia muito mais economica. Tal systema de via estava de anno para anno recebendo mais numerosas applicações em terrenos de rapidas variações altimetricas, e tinha sido empregado em 23 linhas desde 1870 até hoje, merecendo menção especial a linha de Padangem Sumatra na extensão de 30 kilometros e com 8 por cento de inclinação media. Era por tanto um systema sufficientemente experimentado, que permite transportar mercadorias e passageiros com absoluta segurança, exigindo despesas de exploração muito moderadas e em que a deterioração do material fixo e circulante é insensivel, devido á pequena velocidade dos trens. O conferente termina expondo os preços do orçamento que calcula em relação a cada secção. A secção mais facil é a segunda a que corresponde o preço kilometrico de 8163\$000 e a mais difficil a quinta exigindo a despesa de 27511\$000 por kilometro. O preço medio kilometrico em relação a toda a linha, incluindo os custos de capital era 10817\$000.

Tal preço seria parâmetro para se determinar se se admissivel as vantagens que propunha para a 1.^a e 5.^a secção.

Da excellente memoria justificativa e descriptiva publicada em 1890 por este illustre engenheiro e benemerito africanista, sob o titulo de *Chella e o futuro de Mossamedes* (B. 1), vamos revernos a parte que se refere ao trafego previsto no primeiro troço da linha entre a villa de Mossamedes e o porto da Chella.

« A primeira e principal mercaderia que se exportará de Mossamedes será o café.

« As exportações de algodão, de gado e de outros productos da zona de Mossamedes, e de cereas e de outros productos da zona da Chella.

« O trafego de passageiros será muito importante, e a linha de Chella e Mossamedes será a principal via de communicação entre a villa de Mossamedes e o porto da Chella.

« A linha de Chella e Mossamedes será a principal via de communicação entre a villa de Mossamedes e o porto da Chella.

« A linha de Chella e Mossamedes será a principal via de communicação entre a villa de Mossamedes e o porto da Chella.

fazer transportes n'estas direcções, quando exista o caminho de ferro até ao cimo da Chella, que os impedirá de tomarem fretes para Mossamedes.

Parece muito provavel que o commercio para uma grande parte da região ao sul do Cunene venha a fazer-se pelo porto de Mossamedes e atravéz do plan'alto, attenta a difficuldade de abrir caminhos de penetração, quer de Walwich Bay, quer de Angra Pequena, que teriam de atravessar muito extensos desertos, sem agua nem vegetação, de solo constituido por areias movediças.

O movimento actual de mercadorias entre Mossamedes e o plan'alto póde computar-se em 1:000 toneladas.

Havendo facilidade de transportes, mesmo com a população hoje existente, elle ascenderia ao triplo, pelo menos; isto é, a 3:000 toneladas.

No fim de cinco annos, admittindo que se cuide com empenho da colonisação, não é exagerado suppor que se tenham introduzido no plan'alto dez mil pessoas, isto é, proximamente seis vezes mais do que ali existem hoje.

Suppondo que a importação e a exportação crescem na proporção de 500 toneladas por mil pessoas, pode-se contar, no fim do primeiro quinquennio, com um movimento de 8:000 toneladas, devido ao trabalho dos colonos brancos.

Fixando em 1:000 toneladas o peso dos generos correspondentes ao trafico com o gentio do sertão, e tambem em 1:000 toneladas o commercio para o sul do Cunene, chega-se ao total de 10:000 toneladas por anno.

Adoptando a tarifa media de 30 réis por tonelada kilometrica para os productos de exportação ou descendentes, que em virtude da orographia do terreno exigem despezas de tracção minimas; e que para os generos de importação se adopte a tarifa media de 60 réis, tambem por tonelada e kilometro; suppondo que as mercadorias a exportar pesam 5:500 toneladas e as de importação 4:500; admittindo que ha vinte viajantes por dia e que ao transporte d'estes se applica a tarifa uniforme de 40 réis por kilometro, teremos:

Receita proveniente das mercadorias descendentes	
5:500 ^l × 178 ^k × 30 réis	29:370\$000
Receita proveniente das mercadorias ascendentes	
4:500 ^l × 178 ^k × 60 réis	48:060\$000
Receita proveniente dos passageiros:	
20 ^p × 365 ^d × 178 ^k × 40 réis	51:976\$000
Receita proveniente do telegrapho	10:000\$000
Total da receita bruta	<u>139:406\$000</u>

...unicamente e em
...em que elle im-
...por kilometro ou, relativa-
...réis.
...apenas 50:406\$000 réis,
...2:097\$000 réis em que im-
...pecto d'esta via ferrea.
...tal caminho pesados encargos
...alguns annos. No entanto serão elles
...das receitas directas do distri-
...aduaneiros, diminuindo propor-
...população branca e com o desenvolvi-
...se estenda no sentido do Bihé
...tomam origem as primeiras linhas
...pelas cuniadas que separam as ba-
...Quanza, a linha ferrea, prolongan-
...a maior parte do commercio indigena
...que faria augmentar o trafico e por
...entre os encargos do capital neces-
...liquidas da exploração da linha.
...emigração europêa e do alastramento
...do plan'alto que fica dependente o
...que nos referimos, cujas vantagens indi-
...avel valor.

...estabelecidos ao tempo em que a
...seu começo e a população branca
...de 1000 a 1200 pessoas.
...ao governo a concessão d'este
...grupo de distinctos africanistas, os
...pello e R. Ivens, que pouco tempo an-
...sua gloriosa travessia da Africa, e
...Antonio Joaquim de Mattos, ex-gover-
...do.
...referencia do ministro Julio de Vilhená
...entado ao parlamento e defendido pelo
...tendo sido approved com algumas

D'então até hoje nada se tem feito, cremos que por difficuldades na organização de uma companhia formada com capitaes nacionaes, e por ventura pela pouca confiança que os nossos capitalistas depositam nas nossas empresas coloniaes.

No estado actual de grave crise financeira e economica que o paiz atravessa, não se nos afigura de facil realisação, quer por iniciativa do governo, quer de uma companhia nacional, a construcção de um caminho de ferro orçamentado em 3.000:000\$000 réis.

A nosso ver, a resolução do problema está na rapida applicação da formula Decauville ao caminho de ferro economico de interesse local, compatível com o retrahimento dos capitaes, originado na pouca confiança dos nossos empreendimentos ultramarinos e com o estado actual da colonisação do plan'alto. E' este o unico meio, que pela barateza e rapidez de construcção offerece seguras garantias de attrahir os capitaes nacionaes.

Um caminho de ferro de fraco trafico, de via reduzida a largura de 0,^m60 centímetros, indo de Mossamedes sómente á base da Chella, encontra no desenvolvimento actual das colonias do plan'alto recursos sufficientes para lhe assegurar uma rendosa exploração.

A demonstração d'esta these constitue o principal assumpto d'este capitulo: antes, porém, de encetarmos a nossa tarefa, ouçamos a opinião dos homens competentes na especialidade.

O illustre engenheiro francez, M. Regis Tartary, no seu recente livro intitulado *Construction et Exploitation des chemins de fer à voie de 0,60 centimètres*, especialmente dedicado ao estudo das construcções economicas de interesse local, exprime-se do seguinte modo:

.....

En France, on peut dire que l'ère des chemins de fer à voie normale est à peu près close.

Un vast champ reste ouvert à l'établissement des chemins de fer à voie étroite que l'on construit à l'écartement d'un mètre et que l'on se propose même de réduire à 0^m,60 dans bien des cas.

M. l'ingénieur des ponts et chaussées, Sampité, dans son ouvrage sur les chemins de fer à faible trafic, note trois considérations essentielles, de principe fondamental, pour assurer le succès d'un chemin de fer d'intérêt local.

Une ligne ou un réseau à voie étroite doit toujours converger vers un centre important. Une ligne qui assurent la jonction d'une vallée industrielle, peuplée en proportion avec un grand réseau, est encore une ligne convergente.

Il ne s'agit pas qu'une ligne, soit ou non jointe vers un centre, il faut encore qu'elle ne soit pas la seule l'artère qui le relie au centre. On peut est le rayon d'attraction d'un centre, pour attirer les populations à peu près exclusivement agricoles, limitées à l'épave, que le chemin de fer d'intérêt local, s'applique à desservir.

On sait qu'en 1881, on a construit 100 kilomètres d'intérêt local dans le sud-est de la France.

100 kilomètres pour desservir le centre d'attraction des villes telles que Lyon, Bordeaux, Marseille, Toulouse, Nancy, etc.

300 kilomètres pour desservir les villes de 100 000 habitants.

200 kilomètres pour desservir les populations agricoles.

150 kilomètres pour desservir les populations agricoles.

Le succès de ces chemins de fer doit être assuré par toutes les mesures possibles aux localités desservies, s'il ne peut être que dans la mesure de la dévotion des localités desservies par les chemins de fer.

Le succès de ces chemins de fer doit être assuré par toutes les mesures possibles aux localités desservies, s'il ne peut être que dans la mesure de la dévotion des localités desservies par les chemins de fer.

Le succès de ces chemins de fer doit être assuré par toutes les mesures possibles aux localités desservies, s'il ne peut être que dans la mesure de la dévotion des localités desservies par les chemins de fer.

Le succès de ces chemins de fer doit être assuré par toutes les mesures possibles aux localités desservies, s'il ne peut être que dans la mesure de la dévotion des localités desservies par les chemins de fer.

Les trains journaliers seront peu nombreux, trois en général, quatre au plus les jours de fêtes et marchés.

Les déclivités seront essentiellement dépendantes du trafic. Quand ce dernier ne dépassera pas 3000 francs le kilomètre, on pourra admettre des rampes de 30 à 40 millimètres, les déclivités ne limiteront pas la vitesse moyenne, car 10 kilomètres en rampe et 35 kilomètres en palier ou en pente donnent une moyenne de 22 kilomètres.

La souplesse de la voie permettra de descendre jusqu'à 30 mètres de rayon pour les courbes, quand l'angle sera très ouvert.

Les tarifs de voyageurs devront être bas avec des réductions importantes sur les billets d'aller et de retour.

C'est là une condition indispensable de succès.

Le tarif des marchandises devra se tenir un peu au-dessous des prix moyens obtenus par les transports ordinaires.

En tout état de cause, il sera simple et d'une application facile. Il ne faudra pas de frais accessoires qui viennent grever notablement les matières premières.

Les taxes de transbordement seront réduites au strict recouvrement de la main-d'œuvre.

Si le tracé a la bonne fortune de rencontrer un ou plusieurs établissements industriels ou même une ferme importante, il y aura souvent intérêt à lui faire l'avance d'un branchement.

Les frais d'exploitation devront être extrêmement réduits, les installations de gares ramenées à leur plus simple expression.

En observant toutes ces règles, il est possible dans un grand nombre de cas de construire des lignes à faible trafic pouvant subsister, très souvent prospérer et développer la richesse d'une contrée.

La loi du 11 juin 1880 sur les chemins de fer à voie étroite a déjà produit des résultats considérables. C'est à elle qu'on doit cette expansion si remarquable des chemins de fer à voie d'un mètre et des chemins de fer sur routes dont le coût descend à 60.000 francs et même à 40.000 francs le kilomètre, y compris le matériel roulant, et qui sont exploités avec une extrême économie.

Mais il n'est par toujours possible d'adopter la voie d'un mètre. Quelques essais industriels à la voie de 0^m,60 ont donné d'excellents résultats.

L'expérience de l'Exposition universelle de 1889 a prouvé que la voie de 0^m,60 pouvait être appliquée au transport des voyageurs.

No excelente livro de M: de Lapparent sobre os caminhos de ferro economicos encontramos as seguintes conclusões:

.....

Le moment semble donc venu de voir appliquer la solution De-cauville partout où il reste à construire des affluents de chemin de fer pour lesquels la voi de 1 mètre entraînerait des frais excessifs. Ah! s'il était permis de revenir en arrière et de tracer sur nouveaux frais le plan d'organisation de nos voies ferrées, quel réseau, à la fois rationnel et prospère, il serait possible de concevoir par une combinaison de trois catégories de chemins de fer, d'importance progressivement décroissante?

Les lignes à voie normale desservant les grands courants industriels: les affluents de premier ordre à voie de 1 mètre, avec pentes de 10 à 25 millimètres et courbes de 120 à 150 mètres de rayon pour toutes les recettes comprises entre 8.000, 15.000 et 20.000 francs, enfin les affluents de deuxième ordre à voie de 0^m.60, capables de pénétrer partout jusqu'au cœur des usines ou des fermes et de triompher, sans ouvrages d'art, de toutes les difficultés du terrain; aussi bien adaptés à une installation définitive qu'à un usage essentiellement temporaire; permettant ici de déployer d'une manière constante un petit effort, là de suffire pendant quelques instants, comme le transport du gros matériel de guerre, à une dépense considérable de frais.

Hélas! au lieu de ce beau rêve rétrospectif, que voyons-nous en réalité? Que de sommes inutilement dépensées, qui imposent aujourd'hui de lourdes charges au budget de l'Etat et à celui des départements! Profitons du moins de cet enseignement et, pour ce qui reste à faire, n'hésitons pas à faire prévaloir la solution qui s'indique comme la plus propre à ménager les finances publiques.

Os primeiros ensaios feitos com os caminhos de ferro economicos remontam ao anno de 1832. A primeira applicação da via redusida de 0,60 fez-se na Inglaterra no paiz de Galles, territorio dos mais accidentados.

O desenvolvimento total da rede excede actualmente 150 kilometros. Ao principio a via fora estabelecida para o serviço de exploração de ardosias, mas os resultados sempre crescentes da exploração animaram os seus proprietarios a dar-lhe maior desenvolvimento, applicando-a em 1864 ao trafico de mercadorias e passageiros. Actualmente algumas d'estas linhas realisam seis viagens por dia, de cada um dos extremos, a horas marcadas no indicador dos caminhos de ferro inglezes de via normal.

D'estas linhas a mais importante é a que vae de Festiniog a Port-Madoc com o rendimento de 6:000\$000 réis por kilometro. Os seus comboios tem 300 metros de comprimento e marcham com a velocidade de 50 kilometros por hora.

Graças á sua pequena largura e ás inflexões pronunciadas, a linha desenvolve-se com facilidade sobre os flancos das montanhas, corre á flor do solo sem necessidade de aterros, atravez de um paiz accidentado, onde o caminho de ferro de via normal só poderia ser construido á custa de trabalhos gigantescos.

A linha tem uma só via, mas de 5 em 5 estações intermediarias tem ao lado pequenas vias de 200 metros para o crusamento dos comboios em sentido contrario.

A installação das estações é extremamente simples; como os vagon são baixos não ha necessidade de caes. As construcções são em madeira e comprehendem um gabinete para o chefe da *gare*, com um *quichet* para a venda de bilhetes, e uma salla de espera com bancos para os passageiros.

Uma outra applicação da via 0^m,60 forma a linha de Seligori a Darjeeling na India Ingleza, com 80 kilometros de extensão. Dá o rendimento de 2:800\$000 réis por kilometro. M. Regis Tartary nota que este rendimento é superior ao de grande numero de vias de 1^m,45 e de 1^m existentes na Europa.

Em França existem actualmente em exploração 500 kilometros de via de 0^m,60 por conta do ministerio da guerra na região do Leste, e algumas linhas particulares para uso do publico, taes são: as de Royan a Pontailiac, de Deauville a Tourgeville, de Pornichet a Pouliguen.

M. Tartary presume que sobre os 14 a 15 mil kilometros de caminho de ferro por construir em França, uma grande parte será realisada com a via de 0^m,60, e nota:

«En effet, suivant l'opinion de M. Noblemaire, directeur

est de la grande difficulté de faire proportionner les machines à la nature du terrain. On appelle le chemin de fer à voie normale le chemin de fer à voie normale. Les machines à vapeur de la voie normale sont les machines à vapeur de la voie normale. Elles sont construites pour les chemins de fer à voie normale. Elles sont construites pour les chemins de fer à voie normale. Elles sont construites pour les chemins de fer à voie normale.

Um outro exemplo de exploração industrial estabelecida no Estado encontra-se na mina de La Carrière des Mouches, no departamento de Seine-et-Oise. O comprimento da via é de 2,5 kilometros. Está estabelecida sobre uma estrada pública de 5 metros de largura deixando uma margem de 3 metros para o passageio dos carros das campones.

Possue carros de raio de 30 a 40 metros. O custo kilometro é de 2.000 francos ou sejam 40.000\$00 réis. Esta propriedade tem importação em 3.650.000\$00 réis; possui 32 vagões de carga transportando cada um o peso de 3 toneladas, 2 vagões para passageiros com 10 lugares cada um, 2 locomotivas e 4 carros para a collocação da via. O material circulante, a via e as machinas foram construidas pela casa Decauville. Os comboios são compostos de 8 a 10 vagões e uma só machina faz seis viagens por dia. O seu movimento annual é de 30.000 toneladas e occupa 20 homens na sua exploração.

M. Tartary chega ás seguintes conclusões:

O caminho de ferro de 0^m.60, nos casos mais difficéis, nunca excede a cifra de 30 a 35.000 francos por kilometro — 6 a 7.000\$000 réis.

As despesas de exploração variam entre 2 a 2.500 francos por kilometro — 400\$000 a 500\$000 réis.

É preciso que um paiz seja muito pobre de recursos para não entreter uma exploração tão economica.

Se um caminho de ferro de via normal (1^m.45) de interesse geral custa em media 280.000 francos por kilometro

— 56:000\$000 réis: um outro de via normal e interesse local, 165.000 francos por kilometro — 33:000\$000 réis, um de via reduzida a 1 metro 80.000 francos — 16:000\$000 réis, pode concluir-se que a via de 0^m,60, cujo custo kilometrico maximo varia entre 30 a 35.000 francos — 6 a 7:000\$000 réis é a unica que pode satisfazer ás condições economicas dos paizes de menor recurso, por isso que permite uma redução importante nas despezas do material circulante e de installação. Os seus vagons tem perfeita estabellidade, as machinas possuem força sufficiente para conduzir grandes cargas sobre rampas continuas. Enfim assegura os beneficios da viação accelerada a localidades que pelas suas condições topographicas e economicas não as poderiam gosar.

Postas estas considerações, passemos á questão principal, a demonstração da nossa these.

Partindo da hypothese de que haja no paiz iniciativa e força de vontade para se organizar uma companhia que construa um caminho de ferro de 0^m,60 ligando o porto de Mossamedes á base da Chella, vejamos quaes são as despezas de construcção e os rendimentos de exploração.

A distancia entre os pontos extremos da linha é de 100 kilometros.

Não havendo difficuldades de accidentação de terreno, que exijam obras d'arte, nem de falta de pessoal operario, que se poderá facilmente angariar entre os indigenas do litoral, podemos calcular em 7:000\$000 réis o custo kilometrico. As difficuldades reduzir-se-hão consideravelmente, se a directriz da linha tomar o rumo do léste pelo valle do rio Bero, até á região do Hoke, realisando-se deste modo a segunda das hypotheses dos exploradores Capello e Ivens. Teremos para a construcção geral da linha a despeza de 700:000\$000 réis.

O movimento medio de transportes entre Mossamedes e o plan'alto, effectuado actualmente pelos carros *boers* é o seguinte:

Transporte de colonos, bagagens, materiaes, etc, por conta do Estado para os concelhos da Humpata, Lubango e Huilla, calculando 4 vagon, em media mensal, para cada concelho, dá 12 por mez e 144 por anno, que ao preço medio de 150\$000 réis cada um importam em réis 21:600\$000.

Cada vagon transporta 1.500 kilos, 144 transportam $1.500 \times 144 = 216.000$ kilos ou sejam 216 toneladas.

Calculando, em media, 15 vagon para o transporte dos generos commerciaes para cada um dos tres concelhos, temos 45 carros por mez e 540 por anno.

Ao preço de 150\$000 réis importam em 81:000\$000 réis, transportando em kilos $1.500 \times 540 = 810.000$, ou sejam 810 toneladas.

O movimento actual de importação é pois o seguinte:

	N.º de vagon	Toneladas	Custo
Por conta do Estado. . . .	144	216	21:600\$000
Por conta do commercio. .	540	310	81:000\$000
Total	684	1026	102:600\$000

Suppondo que a construcção do caminho de ferro triplique immediatamente o movimento commercial e colonial do plan'alto, teremos por anno a importação de 3000 toneladas.

Calculando a tarifa do caminho de ferro, no primeiro anno, para os generos de importação, igual a 100 réis por tonelada kilometrica, teremos o rendimento de:

$$3000 \times 100 \times 100 \text{ réis} = 30:000\$000.$$

Estas tarifas irão baixando proporcionalmente ao crescimento da importação até igualarem ás de exportação.

Vejamos agora o resultado da exportação e tomemos para exemplo os dois generos agricolas mais abundantes no plan'alto, o trigo e o milho.

E' evidente que a agricultura, actualmente paralizada por causa do excessivo preço do transporte nos carros *boers*,

resurgirá com a construção do caminho de ferro, se o preço do transporte dos productos agricolas para o litoral fôr tal, que deixe ganho ao agricultor. Pelos preços actuaes torna-se impossivel exportar qualquer producto. Tomemos como exemplo o trigo, uma das principaes culturas do plan'alto. O preço medio de um alqueire de trigo na Europa é de 600 réis nos centros commerciaes; para ser vendido ao publico por este preço é necessario que o agricultor o venda por 450 a 500 réis. Suppondo que o agricultor do plan'alto poderia vendel-o por 100 a 200 réis, ainda assim ninguem lhe compraria os seus trigos para os exportar por via de Mossamedes, visto que teria a pagar 1\$500 réis pelo transporte de um alqueire, vindo este a ficar em Mossamedes por 1\$700 a 1\$800 réis, quando o preço ali do trigo de Portugal e do Cabo é de 700 a 800 réis.

Com a construção do caminho de ferro de Mossamedes á base da Chella os productos agricolas do plan'alto teriam a pagar dois transportes: um ao vagon *boer* para os transportar dos centros productores á base da Chella e outro ao caminho de ferro para os levar da base da Chella ao porto de Mossamedes. Vejamos se a somma d'estes transportes deixam margem a que o agricultor possa vender o trigo com ganho rasoavel e o comprador o possa exportar de Mossamedes com interesse.

Está calculado que um hectare de terreno na Europa produz em media 120 litros de trigo, sendo a cultura imperfeita e 160 sendo perfeita. Tomemos como base a media de 160 litros; o preço do alqueire vendido pelo productor é de 500 réis e vendido ao publico 600 réis.

Sendo os terrenos do plan'alto bastante fertes e aptos para a cultura do trigo, que se desenvolve na proporção media de 100 sementes por 1, podemos calcular a sua força vegetativa quatro vezes superior á dos terrenos da Europa. Os ensaios feitos no parque da missão da Huilla com algumas variedades de trigo deram resultados fabulosos: verificou-se ali que o trigo da California em cultura per-

feita rende 200 sementes por 1 e outros trigos mais vulgares no plan'alto dão 100 a 150 por 1.

Senão, vejamos a produção em trigo de cada uma das colonias e centros productores em relação á area cultivada.

Consideremos em primeiro logar as culturas imperfeitas dos colonos madeirenses, que por falta de recursos não amanham devidamente os seus arimos.

Na colonia Sá da Bandeira, cujos terrenos são fracos, a produção em trigo, no anno economico de 1890-1891, foi de 144:000 litros para a area cultivada de 819 hectares, o que dá 178 litros para 1 hectare.

Na colonia da Chibia, cujos terrenos são os mais ferteis, houve a produção de 76.650 litros para 283 hectares, o que dá 270 litros por hectare.

Na Humpata, terreno medio, a produção foi de 56.729 litros para a area de 138 hectares, a que correspondem 411 litros por hectare. A maior parte d'esta produção pertence aos *boers* e agricultores portuguezes. Podemol-a considerar cultura aperfeiçoada.

Vejamos agora as culturas perfeitas.

Nas propriedades agricolas do valle do Lupôlo, na bacia da Huilla, terrenos medios, houve a produção de 80.000 litros para 120 hectares cultivados, o que dá 666 litros por hectare.

A Missão Catholica produziu 15000 litros para a area de 50 hectares, que dão 700 litros por unidade.

As propriedades agricolas do valle do Chimpumpunhime, cujos terrenos são considerados os mais ricos do plan'alto, renderam 100000 litros para a area cultivada de 100 hectares, o que dá 1000 litros por hectare (1).

(1) Os ruma-res que servem de base a estes calculos figuram nos mapas estatisticos de cada uma das colonias, organisados segundo os decen-cios officiaes publicados no boletim da provincia de Angola.

Tomando a media d'estas quantidades, vê-se que os terrenos do plan'alto produzem 534 litros por hectare.

N'estas condições, se o agricultor de Portugal vende o seu trigo por 450 a 500 réis o alqueire, tendo o rendimento de 160 litros por hectare, o do plan'alto de Mossamedes com um rendimento quadruplo pode vendel-o por 200 réis. Fixemos porém o preço em 300 réis.

Note-se que o agricultor em Portugal paga impostos ao Estado e muitas vezes um aforamento ao proprietario do terreno, enquanto que o do plan'alto está livre d'estes encargos.

O *boer* que leva 1\$500 réis pelo transporte de 15 kilos (peso medio do alqueire) do plan'alto para o litoral em 15 dias de viagem fatigante com perda de gado e deterioração do carro, pode fazer o mesmo transporte até a base da Chella em 1 dia de viagem, sem prejuizo nem grande incommodo, por 100 réis.

Fica o alqueire de trigo posto na estação do caminho de ferro por 400 réis.

As tarifas da companhia não podem deixar de ser leves para os generos de exportação, afim de beneficiar a agricultura.

Calculemos em 50 réis o transporte de uma tonelada por kilometro; temos que o trigo do plan'alto pode ser posto em Mossamedes a 475 réis o alqueire, preço inferior ao do trigo do Cabo e da Europa vendido nas nossas possessões da costa occidental, que regula, como dissemos, entre 700 a 800 réis. Pode pois o trigo do plan'alto ser exportado para todas as colonias da costa occidental com ganho para o productor e comprador e vantagem para a praça de Mossamedes.

Vejamos agora qual o rendimento que advem para o caminho de ferro com a exportação do trigo, milho e outros generos no estado actual da colonisação do plan'alto.

Actualmente a superficie cultivada e arroteada nos 3 concelhos, que formam a area salubre da colonisação europeia, é de 4000 hectares aproximadamente.

Partindo da hypothese que os colonos nas circumstancias actuaes só cultivam de trigo a quarta parte dos seus terrenos, vistó não terem interesse na sua cultura total, por isso que ninguem lhes compra os seus productos, podemos calcular, pela raza, que a construcção do caminho de ferro e a barateza dos transportes anime os colonos e agricultores a plantarem de trigo a area total dos seus terrenos; temos pois 16.000 hectares de terreno que a 500 litros de trigo por hectare produzirão annualmente 8.000.000 de litros ou 8.000 toneladas.

O milho, que é a principal cultura do gentio e cujo preço é de 70 a 100 réis o alqueire, comprado nos centros de producção indigena, dará um grande contingente á exportação. Pode ser fornecido, quer por producção nas colonias, quer comprado aos indigenas.

Basta notar-se que só as 3 colonias madeirenses, á sua parte; produziram no anno economico de 1890-1891 a cifra total de 1:004:000 litros que foram consumidos no plan'alto.

Calculando, pelo minimo, uma exportação de milho igual ao quadruplo da do trigo, teriamos 32:000:000 de litros ou 32:000 toneladas.

Alem do trigo e milho ha outros generos que podem ser exportados desde já em grande escala, taes são: a batata, o cará e o feijão.

A producção d'estes generos, só nas 3 colonias madeirenses, attingiu as seguintes cifras no anno economico de 1890-1891:

Batata doce ou cará	9.217.656 kilos
Batata ingleza	58.245
Feijão	555.322 litros

que dão aproximadamente 10.000 toneladas.

Isto em cultura imperfeita e em pequena escala.

Calculando que com a construcção do caminho de ferro duplique a producção d'estes 3 generos, podem ser exportadas 10.000 toneladas.

Temos mais a exportação do gado por via de Mossamedes para os portos do norte, S. Thomé e Gabão, que regula actualmente, termo medio, por 2.000 cabeças por anno; este numero duplicará com a rapidez de condução; os couros seccos, 5.000 por anno, pesando 75 toneladas; os couros curtidos, cujo movimento actual é de 1.500 a 2.000, ou sejam 30 toneladas; as gommas, urzellas, madeiras de construcção; a lenha, que se consome em Mossamedes, em media, 500 arrobas por dia, ou sejam 2.700 toneladas por anno.

Da zona de Kapangombe, Biballa e Moninho, alem dos cereaes e fructas, existe a importante producção do algodão, que já attingiu a cifra de 30.000 arrobas por anno e certamente duplicará com a barateza dos transportes, dando 900 toneladas; a aguardente; os passageiros, em media, 10 por dia com a tarifa de 60 réis por kilometro; rendimento da linha telegraphica annexa ao caminho de ferro, etc., etc., o que tudo sommado dará aproximadamente o seguinte trafego e rendimento:

Importação	
Generos diversos.....	$3000^l \times 100^k \times 100 \text{ rs.} = 30:000\000
Exportação	
Trigo.....	$8000^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 40:000\000
Milho.....	$32000^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 160:000\000
Batata, cará, feijão.....	$10000^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 50:000\000
Gado vaccum.....	$4000^c \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 20:000\000
Couros seccos.....	$75^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 375\000
Couros curtidos.....	$30^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 150\000
Lenha.....	$2700^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 13:500\000
Algodão.....	$900^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 4:500\000
Passageiros.....	$10^p \times 365^d \times 100^k \times 60 \text{ rs.} = 21:900\000
Madeiras de construcção (provavel).....	$1000^l \times 100^k \times 50 \text{ rs.} = 5:000\000
Cereaes, fructas e aguardente.....	
de Kapangombe(provavel).....	10:000\$000
Receita da linha telegraphica.....	5:000\$000
Generos não especificados.....	5:000\$000
Total da receita bruta.....	365:425\$000

Transporte.....	365:425\$000
Calculando, conforme o fez o distincto engenheiro Machado, em 500\$000 réis as despezas de exploração por kilometro, o que está de accordo com a opinião de M. Regis Tartary, teremos para despeza geral em 100 kilometros	50:000\$000
	<hr/>
Total da receita liquida.....	315:425\$000

o que dá um rendimento de 3:000\$000 rs. por kilometro, receita superior á de muitas linhas de 1^m,45 na Europa.

Ha pois no estado actual da colonisação do plan'alto de Mossamedes elementos bastantes para sustentar a exploração de um caminho de ferro economico de via reduzida, mesmo quando não suba a Chella.

Ao apresentarmos este modesto estudo sobre o caminho de ferro de Mossamedes não nos move a idéa de mettermos foice em ceara alheia. Confessamos a nossa incompetencia em assumptos de engenharia. Guiou-nos a vontade de sermos util ao progresso da colonisação europêa no districto de Mossamedes, lembrando um plano de facil realisação e moderadas despezas.

O projecto do illustre engenheiro Machado, conforme foi approvedo pelo parlamento, independente do troço da Chella, realisa uma diminuição consideravel no orçamento geral. Tendo sido calculada a despeza de construcção por kilometro na secção da Chella em 27:000\$000 rs. e sendo a sua extensão de 29 kilometros, a supressão d'esta secção daria a diminuição de perto de 800:000\$000 rs. Como a media de 16:000\$000 rs. por kilometro foi estabelecida fazendo entrar no calculo o preço kilometrico da secção da Chella, suprimido este, vem a ficar o preço medio de 10:000\$000 rs. por kilometro, o que daria 1.000:000\$000 réis para a despeza geral da construcção desde Mossamedes á base da Cordilheira.

Fallando nós com o illustre engenheiro sobre este assumpto, disse-nos elle que, com algumas variantes a in-

troduzir no traçado e modificações resultantes dos modernos aperfeiçoamentos da engenharia, poderia aquella cifra baixar a menos de mil contos.

Errata importante

Na pagina 140—linha 38, onde se lê 6.000 colonos, lêa-se 3.000 colonos.



CAPITULO X

CONCLUSÕES



reconhece-se da descripção que temos feito do estado actual da colonisação europêa no plan'alto de Mossamedes, que ali se encontram reunidos todos os elementos favoraveis ao desenvolvimento de um vasto centro de irradiação da raça branca, contando já importantes nucleos commerciaes e agricolas, as florescentes colonias Sá da Bandeira, S. Pedro da Chibia, S. Januario, Palanka e Huilla.

O clima é salubre e proprio para a procreação da raça branca, que ali se desenvolve em condições normaes, idênticas ás dos paizes temperados da Europa.

Os terrenos são férteis, produzindo com extraordinario vigor todas as culturas europêas e algumas intertropicaes.

Os recursos próprios do paiz são abundantes, mas tem sido explorados em pequena escala por falta de orientação scientifica e pratica, de que resultam alguns erros e defeitos, mais dependentes das pessoas do que das cousas, e que concorrem para prejudicar o regular desenvolvimento da colonisação.

Torna-se precisa uma remodelação completa na organisação e administração das colonias agricolas e um novo systema de contracto para os colonos.

Em vez de camara municipal (no Lubango) e commissões municipaes (na Huilla e Humpata), constituidas por individuos sem illustração, nem o menor conhecimento dos deveres civicos, e que, pelo geral, viciam os colonos incutindo-lhes o pernicioso germen da *politico-mania*, em detrimento da boa harmonia, paz e applicação aos labores da agricultura, originando facções de politica soez e mesquinha em beneficio d'este ou aquelle influente ambicioso, julgamos mais racional e consentaneo com os interesses dos colonos e progresso da colonisação a creação de um conselho composto de um agronomo, um medico e um conductor de obras publicas. O primeiro estudará ás condições agricolas dos terrenos, a sua composição chymica, as modificações e melhoramentos a introduzir nos processos de cultura, conforme as circumstancias do clima e solo, ministrando aos colonos todos os conhecimentos relativos á agricultura e arboricultura, creação e pastoricia do gado, etc., dirigindo a sua educação pratica e fiscalizando os trabalhos ruraes de modo a obter-se maior e melhor producção. O segundo terá a seu cargo o estudo das questões relativas á salubridade, climatologia, escolha dos terrenos para a fundação das colonias, hygiene das povoações e casas, etc. O terceiro estudará e presidirá ás construcções das obras publicas e particulares dando-lhes uma feição em harmonia com a boa hygiene e os preceitos de architectura, subordinando as povoações a um plano que as torne mais regulares, acciadas e salubres.

Este conselho, depois de elaborar um plano scientifico que sirva de base á remodelação dos serviços, terá a superintendencia de todas as colonias agricolas, resolverá todas as questões que digam respeito á colonisação do plan'alto, organização e administração das colonias.

Em substituição da actual divisão em concelhos, com os vicios e despezas inherentes á organização adoptada no ultramar, as colonias formariam um só concelho administrado por um inspector com a assistencia do conselho colonial, tendo por delegados os directores das colonias, que, em vez de militares, seriam individuos habilitados com os cursos de agronomia e veterinaria.

Tirar todo o cunho de militarismo ás colonias de natureza agricola, dando-lhes uma orientação scientifica de incontestavel vantagem e utilidade para as lutas pacificas do trabalho, parece-nos a verdadeira e unica base racional para a ordem, progresso e desenvolvimento da colonisação.

O systema de contracto actualmente em vigor para os colonos é defeituoso e dispendioso, e tem concorrido para o pouco aproveitamento das suas aptidões agricolas.

Os colonos recebem um subsidio pecuniario durante os dois primeiros annos do seu contracto, que é feito por cinco annos. Quer dizer, que o colono contrahe a obrigação de servir o Estado durante aquelle tempo mediante um salario, que é, como dissemos, de 300 réis diarios para os homens, 200 para as mulheres e 100 para as creanças.

Considerando a familia formada de 4 pessoas, (1) marido,

(1) Os colonos madeirenses não se limitam a levar as mulheres e filhos, conduzem para o plan'alto os irmãos, tios, primos e primas, etc. e porque não houvesse mais graus na escala do parentesco, inventou-se na Madeira a classificação de *agregados* para creanças e mulheres que são remettidas isoladas da familia. Não raro vimos guias do theor seguinte:

Segue para o districto de Mossamedes o colono . . . levando na sua companhia tantas pessoas de familia e tantos . . . agregados . . .

mulher e dois filhos, vemos que cada familia recebe por dia a quantia de 700 réis, que sommam por mez 21\$000 réis e por anno 252\$000 réis. Segundo a forma de contracto em vigor, o subsidio dura por dois annos. Cada familia recebe pois do Estado o subsidio total de 504\$000 réis.

A esta verba temos de acrescentar as ferramentas agricolas, que lhes são distribuidas gratuitamente no porto de embarque, as passagens, etc., que elevam aquella importancia á cifra de 550\$000 réis.

O colono, logo que chega ao plan'alto, recebe dois hectares de terreno para cultivar. A propriedade deste terreno é lhe garantida no fim dos cinco annos do contracto.

Em resumo, o colono depois de cinco annos de residencia no plan'alto possui dois hectares de terreno, que pode vender, trocar, hypothecar, etc., e tem recebido do Estado 550\$000 réis.

Vejamos, por outro lado, qual a compensação que elle dá ao Estado.

Parece que sendo elle contractado por conta do governo e consumindo-lhe uma importante verba, deveria trabalhar para o Estado no todo ou em parte, durante o periodo do contracto ou em parte d'elle.

Não succede porém assim. O colono trabalha para si, e o Estado nenhum resultado colhe, que lhe compense os pesados encargos da colonisação.

A experiencia demonstra que os colonos pouco se dedicam aos trabalhos ruraes, emquanto recebem o subsidio, e a prova desta verdade tornou-se por tal forma evidente, que, por varias vezes, o illustrado governador geral Cappello ordenou que se reduzisse á metade o subsidio aos colonos.

O subsidio, nas condições em que é feito, não tem razão de existir. Concorre para o atrazo da agricultura desviando o colono das suas occupações, e tem sido um rendoso meio de *explorar* a boa fé do Estado com grave prejuizo para a ordem e moralidade nas colonias.

O madeirense é de natureza indolente, de pouco alimento e muito propenso ao vicio das bebidas alcoolicas, em especial, a aguardente. Com 700 réis por dia, um pouco de cará e ervilha tem elle a ração alimenticia e uma garrafa de aguardente para entreter o vicio!! E, vergonhoso é dizel-o, nem sempre tem havido da parte das authoridades o rigor das repressões para cohibir estes abusos, quando vemos que alguns directores de colonias, esquecidos da grave responsabilidade que lhe impõem as funções officiaes, são os primeiros a dar o exemplo da desmoralisação, abrindo ao publico lojas em que figura como genero de maior consumo e rendimento a aguardente, e explorando os vicios dos seus administrados!!!

Os colonos devem ser escolhidas na Madeira, Açores e provincias do continente d'entre as populações ruraes. Convem que sejam homens robustos, sobrios e morigerados. (1)

(1) A portaria de 31 de março de 1892, assignada pelo nobre ministro da marinha, o conselheiro Ferreira do Amaral, regulando a concessão das passagens gratuitas aos emigrantes, é um documento importante para a historia da colonisação europêa na Africa e que vem pôr cobro ás irregularidades e abusos da emigração vadia.

Por ser documento de alta valia e significação para o progresso da colonisação branca e revellar uma orientação que é a nossa, damol-o na integra, como homenagem aos intuitos patrioticos do illustrado ministro da marinha.

• Havendo mostrado a experiencia ser difficil obterem prompta e proveitosa collocação nas provincias africanas os individuos, aos quaes o governo tem concedido passagem gratuita para as ditas provincias, quando esses individuos não sejam officiaes de algum dos officios de carpinteiro, pedreiro ou serralheiro, ou quando não hajam sido previamente contractados na metropole para exercitarem qualquer outro mister no local para onde se destinarem;

«Convindo regular a concessão das passagens gratuitas nos termos dos contractos celebrados com as companhias de navegação para a Africa oriental e occidental, por fórma que o beneficio que só deve ser

Em vez do subsidio por dois annos, bastará dar-lhes no porto de embarque um adiantamento a titulo de emprestimo para se proverem de roupas, ferramentas, etc.

Convem que cheguem a Mossamedes por grupos de familias durante os mezes da estação secca, de maio a outubro, sendo conduzidos para o plan'alto com todas as cautellas e sob a vigilancia do governo.

Deve-lhes ser facultativa a escolha da colonia ou localidade, onde queiram estabelecer-se.

Ahi deverão installar-se durante os primeiros mezes em uma construcção do Estado, montada com todas as commodidades e preceitos hygienicos, destinada para abrigo dos colonos recém-chegados.

O Estado fornecer-lhes-ha uma importancia por emprestimo para construir a sua casa, subordinando-a a um typo geral de construcções em harmonia com o plano adoptado.

O colono receberá do Estado um terreno com a área de

concedido a colonos em adequadas circumstancias não se converta em prejuizo dos proprios emigrantes, das provincias africanas e do thesouro:

«Manda Sua Magestade El-Rei, pela secretaria d'estado dos negocios da marinha e ultramar, dar conhecimento publico aos pretendentes de passagem gratuita para as provincias africanas, que, alem das passagens gratuitas, nos termos dos alludidos contractos já auctorizados para os paquetes a sair proxivamente de Lisboa para a Africa oriental e occidental, mais nenhuma passagem gratuita será concedida sem que o requerente prove ter algum dos indicados officios de carpinteiro, pedreiro ou serralheiro, ser menor de trinta annos e ter tido bom comportamento; podendo-se, todavia, conceder tambem passagem gratuita a outros individuos sem estas condições, uma vez que provem achar-se contractados para qualquer outro mister que lhes assegure occupação no logar para onde solicitem passagem; em todo o caso, porém, os emigrantes com passagem gratuita serão previamente inspeccionados por uma junta medica para apreciar se elles teem robustez sufficiente, e probabilidades de resistencia á acção debilitante dos climas africanos.

«Paço, em 31 de março de 1892. — Francisco Joaquim Ferreira do Amaral.»

4 hectares para cultivar sob a immediata fiscalisação de um agronomo, uma junta de bois, as sementes para as primeiras culturas e a alimentação durante os seis primeiros mezes.

O terreno distribuido será propriedade do colono no fim dos 5 annos do seu contracto.

Do rendimento das colheitas uma percentagem pertencerá ao Estado e será dividida em duas partes, uma para pagamento dos adeantamentos e outra para compensar os encargos geraes da colonisação. Esta será permanente e terá o character de imposto, a primeira subsistirá por todo o tempo do contracto até que o colono esteja quite com a fazenda nacional.

A despeza a fazer com uma familia composta de 4 pessoas podemos calcular aproximadamente da seguinte fórma:

Adeantamento no porto de embarque para roupa, utensilios, instrumentos de lavoura, etc.....	50\$000
Importancia para construcção da casa.....	100\$000
Uma junta de bois.....	30\$000
Sementes para as primeiras culturas..	5\$000
Alimentação durante os primeiros 6 mezes á razão de 500 réis por dia...	90\$000
Total.....	<u>275\$000</u>

O colono pode obter por anno o seguinte rendimento bruto aproximado, cultivando a area total do terreno que lhe é distribuido, suppondo que faz uma cultura de trigo (1), uma de batata, outra de feijão e ervilha (2).

(1) O trigo mais vulgar no paraguay precisa 6 mezes para completa maturação.

(2) O desenvolvimento da batata, feijão e ervilha dura em media dois mezes.

Trigo — a 500 litros por hectare, dá $500^l \times 4^h = 2000^l = 133 \text{ alq}^{es}$, vendido a 300 o alqueire, rende:	
133 alq. ^{es} × 300 réis =	39\$000
Batata — Segundo o calculo de Baus- singault uma area de terreno produz a batata em proporção quadrupla da do trigo (3).	
Podemos calcular uma producção de 500 arrobas para 4 hectares de ter- reno; ao preço de 300 réis a arroba rende — $500_a \times 300 \text{ réis} =$	150\$000
Feijão — producção igual á do trigo: $133 \text{ alq.}^{es} \times 300 \text{ réis} =$	39\$000
Ervilha — producção um pouco infe- rior á do trigo — $100 \text{ alq.}^{es} \times 300 \text{ réis} =$	30\$000
Total	<u>258\$000</u>

Estes são os generos mais importantes para a exporta-
 ção, alem d'elles os colonos cultivarão o cará, milho, grão
 de bico, centeio, fava etc. para a sua alimentação.

Insistimos sobre a fiscalisação dos trabalhos ruraes du-
 rante o periodo do contracto, porque a experiencia tem de-
 monstrado que os colonos da Madeira, entregues á sua pro-
 pria iniciativa, pouco produzem, e tendem a desviar-se das
 suas naturaes occupações para se entregarem a outros
 misteres ou á vadiagem.

Uma outra hypothese, que se nos afigura realisavel, seria
 a exploração agricola de toda a area salubre do plan'alto
 por conta de uma poderosa companhia, que tomasse á sua
 responsabilidade todos os encargos da colonisação, respei-
 tando os contractos estabelecidos e direitos adquiridos e
 recebendo do governo para administrar por conta propria

(3) Veja-se a tabella na pagina 120.

DT617.

M6 N22


STANFORD LIBRARIES

To avoid fine, this book should be returned on
or before the date last stamped below

300-2-7-2042

FOR USE IN
LIBRARY ONLY

DT 617 .M6 N22 C.1
O distrito de MosamedAPO0016
Hoover Institution Library



3 6105 083 138 334

DT 617
M6 N22



HI 7411

